

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

Racismo “nas quatro linhas”:
os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)

Christian Ferreira Mackedanz

Pelotas, 2016

Christian Ferreira Mackedanz

Racismo “nas quatro linhas”:

os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Ana Loner

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M154r Mackedanz, Christian Ferreira

Racismo “nas quatro linhas” : os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930) / Christian Ferreira Mackedanz ; Beatriz Ana Loner, orientadora. — Pelotas, 2016.

140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Racismo. 2. Futebol. 3. Pelotas. 4. Pós-abolição. I. Loner, Beatriz Ana, orient. II. Título.

CDD : 796.33409

Christian Ferreira Mackedanz

Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27/04/2016

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Beatriz Ana Loner (Orientadora),
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga,
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dr^a. Lorena Almeida Gill,
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo,
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

Agradecimentos

Aos meus pais, Sônia e Claudio, por todos os ensinamentos e incentivos. Mesmo nos momentos mais difíceis, com dificuldades financeiras (que me fizeram, desde cedo, desenvolver uma postura crítica, menos romantizada das relações humanas) e com a árdua rotina da vida no campo, vocês sempre me estimularam a estudar, fazendo vários esforços nesse sentido. Eu certamente não estaria aqui sem a ajuda e o carinho que vocês me oportunizaram. A toda minha família, pelo apoio. O fato de meus quatro avós estarem presenciando este momento me deixa muito feliz.

À minha noiva Renata, pelo amor e pela cumplicidade. O fato de você também estar inserida no meio acadêmico, mesmo que numa área tão diferente da minha como a matemática, certamente contribuiu na minha trajetória acadêmica. Não foram poucas as vezes que eu revisei seus trabalhos e você os meus.

À minha orientadora Beatriz, por todas as contribuições feitas a esta pesquisa, especialmente neste momento final, em que, mesmo com problemas de saúde, esteve sempre presente, com valiosas contribuições. Quando o PPGH escolheu você para me orientar, eu não tinha ideia do tamanho dos seus conhecimentos sobre a comunidade negra pelotense e sobre os jornais da cidade.

Aos meus amigos, por terem me proporcionado tantos momentos de diversão e pela amizade também nos momentos difíceis. Aos companheiros de futebol, seja na família, no ensino fundamental, no médio, nos times de futebol do interior ou na faculdade, pois assim despertei minha paixão por este esporte.

Aos meus professores, pelos ensinamentos e por terem me estimulado a seguir este caminho. Na graduação, agradeço especialmente a dois professores: ao Rigo, pois desde as aulas de Futebol I, embrião da ideia de pesquisar este tema, até hoje, sempre respondeu aos meus questionamentos e contribuiu com minhas pesquisas; e à Lorena, pois, além de aceitar me orientar no TCC, num contexto em que nenhum professor do meu curso desenvolvia pesquisas relacionadas à história do futebol, realizou essa função com maestria, estando sempre presente e colaborando de forma intensa na qualificação do referido trabalho.

Aos colegas de trabalho, pelo incentivo e por “segurarem as pontas” nas minhas ausências quando da liberação formal oportunizada pela UFPel.

A todos, muito obrigado.

Resumo

MACKEDANZ, C. F. *Racismo “nas quatro linhas”*: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930), Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016, Dissertação (Mestrado em História).

Na cidade de Pelotas a mão-de-obra escrava foi empregada de forma muito acentuada, o que explica a grande presença de afrodescendentes na cidade após a abolição. Na busca por vagas no mercado de trabalho livre, sofreram todos os tipos de discriminação, o que acabou por condicionar suas chances de ascensão social. O futebol chega a esta cidade justamente na virada do século XIX para o XX. Trazido, ou por membros da elite de países vizinhos, notadamente Uruguai e Argentina, ou por indivíduos das classes mais abastadas, que faziam negócios ou estudavam na Europa, ele se consolida, inicialmente, com um caráter elitista, de distinção social. Porém já na primeira década do século XX cresce o interesse pelo futebol e os mais pobres, dentre eles os negros, que sofriam duplo estigma, pela renda e pela cor, buscam alternativas para a prática do esporte. Frente ao contexto nacional (no qual, de um lado, havia uma elite buscando a manutenção do quadro de segregação dos afrodescendentes e, de outro, existia a resistência e a busca da superação dessa situação por parte dos negros), o que este trabalho busca entender, através de uma pesquisa qualitativa que tem como fontes jornais, revistas e acervos particulares, é de que forma o racismo se manifestou no futebol pelotense, no período de 1901 a 1930. Ao responder essa pergunta principal, será verificado também se este esporte serviu como instrumento de separação e/ou de aproximação dos afrodescendentes, como a comunidade negra reagiu ao preconceito no meio dos esportes e qual foi o papel das ligas de futebol da cidade neste processo.

Palavras-chave: racismo; futebol; Pelotas; pós-abolição.

Abstract

MACKEDANZ, C. F. *Racism "on the field": blacks and football leagues in Pelotas (1901-1930)*, Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016, Dissertation (Master Degree em História).

In the city of Pelotas hand-slave labor was used very sharply, which explains the large presence of African descent in the city after the abolition. In the search for jobs on the open labor market, suffered all kinds of discrimination, which turned out to condition their chances of upward mobility. Football comes to this city just at the turn of the nineteenth to the twentieth century. Brought, or by members of the elite of neighboring countries, notably Uruguay and Argentina, or by individuals of the wealthier classes, doing business or studying in Europe, he is consolidated initially with an elitist character of social distinction. But already in the first decade of the twentieth century the growing interest in football and the poorest, including blacks, who suffered double stigma, by income and by color, seek alternatives to practice of the sport. Against the national context (in which, on the one hand, there was an elite seeking to maintain the segregation situation of African descent and on the other, there was the strength and effort to overcome this situation by blacks), what this job search understand, through a qualitative research whose sources newspapers, magazines and private collections, is how racism was manifested in Pelotas football, in the period from 1901 to 1930. In answering this key question, will be checked also this sport served as separation tool and/or approximation of African descent, as the black community reacted to this discrimination through sports and what was the role of city football leagues this process.

Keywords: racism; football; Pelotas; post-abolition.

Lista de Figuras

Figura 1	Pavilhão do G. S. Guarany em 1920.....	56
Figura 2	Campo do S. C. Rio Branco em 1918.....	57
Figura 3	Time do G. S. Ideal em 1917.....	58
Figura 4	S. C. São Gonçalo, do Passo dos Negros.....	60
Figura 5	Colombo F. C.	63
Figura 6	G. S. 7 de Abril.....	64
Figura 7	G. S. Ruy Barbosa.....	65
Figura 8	G. S. 15 de Novembro.....	67
Figura 9	G. S. Corinthians.....	68
Figura 10	G. S. Sul América.....	68
Figura 11	Fluminense F. B. C.	69
Figura 12	G. S. 15 de Outubro.....	71
Figura 13	S. C. Tres Vendas.....	72
Figura 14	S. C. Vaqueiro.....	73
Figura 15	Gaúcho F. B. C.	73
Figura 16	S. C. Cruzeiro.....	74
Figura 17	Vasco da Gama F. B. C.	76
Figura 18	G. A. 9º R. I.	78
Figura 19	E. C. Pelotas de 1912.....	79
Figura 20	E. C. Pelotas em 1930.....	80
Figura 21	G. E. Brasil de 1917.....	81
Figura 22	G. E. Brasil em 1930.....	81
Figura 23	Vista interior do pavilhão do S. C. Pelotas.....	83
Figura 24	Pavilhão Dr. Maciel Moreira, vendo-se o campo e o pavilhão dos jogadores de tennis.....	84
Figura 25	Pavilhão do G. S. Brasil.....	85

Figura 26	Filhotes (Juniors) do G. E. Brasil em 1929.....	86
Figura 27	G. S. Brasil, Campeão Pelotense em 1931.....	87
Figura 28	Equipe do S. C. Juvenil que disputava a Liga José do Patrocínio, em 1922.....	91
Figura 29	Escalações para os jogos entre América do Sul e Universal, organizados pela LJP.....	92
Figura 30	G. S. Vencedor.....	94
Figura 31	S. C. Universal.....	95
Figura 32	G. S. Luzitano.....	105

Lista de Abreviaturas e Siglas

Alvorada	A Alvorada (jornal)
CM	Correio Mercantil (jornal)
DP	Diário Popular (jornal)
LCN	Liga Cassiano do Nascimento
LDA	Liga Desportiva Acadêmica
Libertador	O Libertador (jornal)
LJP	Liga José do Patrocínio
LPF	Liga Pelotense de Futebol
OP	Opinião Pública (jornal)
Rebate	O Rebate (jornal)
Tribuna	A Tribuna (jornal)

Sumário

Introdução	10
1. O Racismo no Futebol	18
1.1 Um balanço da produção acadêmica sobre história do futebol	21
1.2 Pós-abolição e historiografia	28
1.3 Referências teóricas e metodológicas	32
2. O Futebol em Pelotas.....	50
2.1 Chegada e popularização do futebol	51
2.2 A segregação do negro e as ligas de futebol	54
2.3 A dupla Bra-Pel a partir da geografia histórica do futebol na cidade ...	79
3. A Liga José do Patrocínio.....	89
3.1 A criação da Liga	96
3.2 Desporto, integração social e militância	103
3.3 O fim da Liga José do Patrocínio.....	116
Considerações Finais.....	124
Referências	129

Introdução

Se pudesse não ganhar nada e ganhar esse título contra o preconceito... Eu trocaria todos os meus títulos por uma igualdade em todos os lugares, em todas as áreas, em todas as classes. (Paulo César Tinga)¹

A citação que abre esta pesquisa não foi escolhida à toa. Os historiadores, seja pelo caráter subjetivo intrínseco ao ato de pesquisa ou pela necessidade de retorno social dos seus trabalhos, sempre acabam definindo seus temas de pesquisa a partir de demandas do presente, ou mesmo a partir de suas próprias demandas. Nesse caso, não é diferente. Trabalhar o tema do racismo no futebol mostra que, entre o passado e o presente, existem muitas continuidades.

Quisera se tratar de um episódio isolado, mas infelizmente o caso das ofensas racistas ao jogador Tinga está ligado a um contexto amplo de manifestações regionais, nacionais e internacionais de ofensas a jogadores de futebol motivadas pelo preconceito étnico.

Fazendo uma rápida pesquisa, é possível encontrar diversos casos. Arouca (em jogo do Santos, seu clube na época, contra o Mogi Morim pelo Campeonato Paulista, torcedores do time rival o chamaram de macaco e um outro lhe disse que deveria procurar uma seleção africana para jogar), Boateng (em um amistoso do Milan, onde jogava, com o pequeno Pro Patria, da terceira divisão italiana, a torcida rival começou a entoar cantos racistas contra ele), Daniel Alves (em um clássico entre Real Madrid e Barcelona, no Santiago Bernabeu, o lateral ouviu, nos minutos finais do jogo, sons de imitações de macacos vindos das arquibancadas), Balotelli (na Eurocopa de 2012, em jogo da Croácia contra a Itália, em Poznan, o atacante italiano, de origem ganesa, teve uma banana arremessada por torcedores croatas para o campo em sua direção), Márcio Chagas da Silva (o árbitro, que apitou o jogo entre Esportivo e Veranópolis, em Bento Gonçalves, pelo Campeonato Gaúcho, ouviu durante o jogo gritos de 'macaco', 'teu lugar é na selva', 'volta pro circo' e, após a partida, encontrou seu carro danificado e com bananas no capô e no cano de descarga), Tinga (durante jogo do seu clube, Cruzeiro, no Peru, contra o Real Garcilaso, o volante brasileiro foi hostilizado por uma parte do estádio, que

¹ O jogador do Cruzeiro Paulo César Tinga fala ao final do jogo, após ser alvo de manifestações racistas de parte da torcida do Real Garcilaso, no Peru, jogando a Libertadores da América de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4Wa_t0uidfk>, acessado em 05 mar. 2015.

reproduzia chiados de macacos sempre que ele pegava na bola), Touré (em jogo do Manchester City contra o CSKA Moscou, quando o volante marfinense tocava na bola, parte da torcida russa localizada atrás de um dos gols fazia sons de macaco), Roberto Carlos (quando defendia o Anzhi, da Rússia, o lateral-esquerdo Roberto Carlos foi duas vezes vítima de racismo, tendo bananas atiradas em sua direção numa partida em março e outra em junho de 2011), Selassie (o defensor tcheco de ascendência etíope ouviu gritos racistas direcionados a ele durante o jogo de sua equipe contra a Rússia, em Wrocław também pela Euro 2012), Eto'o (o atacante camaronês, quando defendia o Barcelona, de 2004 a 2009, ouviu cantos racistas das torcidas do Zaragoza, Getafe e Racing Santander em partidas do Campeonato Espanhol e, mais recentemente, quando defendia o Anzhi, de 2011 a 2013, o atacante foi vítima da própria torcida, que imitava som de macacos quando ele pegava na bola)² são alguns exemplos. Todos eles, nestas duas décadas do século XXI, em algum lugar do planeta foram alvo de racismo/injúria racial.

Outros episódios tiveram ainda mais repercussão. É o caso das ofensas ao goleiro do Santos, Aranha, por parte da torcida do grêmio³. Com a ajuda de câmeras, foi possível identificar uma torcedora gritando o termo “macaco”. A divulgação fez com que ela perdesse o emprego, fosse ameaçada na rua, nas redes sociais, em casa, etc.

Já em um caso que extrapolou o ambiente interior do estádio, torcedores do Chelsea da Inglaterra, enquanto se deslocavam para uma partida contra o PSG da França, impediram que afrodescendentes entrassem no metrô aos gritos de “somos racistas”⁴.

O jogador brasileiro Daniel Alves, em uma partida, quando atuava pelo Barcelona contra o Villarreal, na Espanha, teve uma banana arremessada em sua direção. Como resposta ele a descascou e a comeu, atirando a casca fora e voltando ao jogo⁵. Apesar da ironia ter sido bem recebida pelos movimentos contra o

²Disponível em <<http://infograficos.oglobo.globo.com/esportes/dez-casos-de-racismo-que-envergonham-o-futebol.html>>, acessado em 05 mar. 2015.

³Disponível em <http://espn.uol.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio>, acessado em 05 mar. 2015.

⁴Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/liga-dos-campeoes/ultimas-noticias/2015/02/17/torcedores-do-chelsea-impedem-entrada-de-negro-no-metro-somos-racistas.htm>>, acessado em 05 mar. 2015.

⁵Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/espanhol/ultimas-noticias/2014/04/27/dani-alves-come-banana-racista-forca-2-gols-contra-e-ajuda-barca-a-virar.htm>>, acessado em 05 mar. 2015.

racismo num primeiro momento, os desdobramentos, com uma campanha chamada “somos todos macacos”, acabaram por ter um efeito inverso, reforçando estigmas.

Há ainda o caso do Paulão, zagueiro do Bétis, da Espanha, que, assim como o caso já mencionado de Eto’o, foi alvo de insultos da torcida do seu próprio time⁶. Além deles, o atacante brasileiro Neymar também foi alvo de um caso semelhante. Quando desceu do veículo, no retorno da equipe do Barcelona após a derrota fora de casa para o Granada, um grupo de torcedores imitou sons de macacos⁷. Esses três episódios mostram que os casos vão além de explicações simplistas, baseada apenas na rivalidade entre diferentes clubes.

Essas situações, as quais os jogadores foram submetidos, podem ser compreendidas a partir da discussão do conceito de estigma e da resposta comportamental das pessoas que sofrem este processo. Goffman (1988, p. 14), aponta as características sociológicas encontradas em todos os tipos de estigma:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto.

Mas nem sempre, como nos exemplos dos jogadores, essa interação resulta em ruptura, em confronto explícito. Em muitos casos, a percepção do estigma e o tratamento desigual acaba ocorrendo de forma subjacente. Tentando exemplificar, no caso dos EUA, como as normas sociais operam de forma implícita, através de participantes da vida social que compartilham um único conjunto de expectativas normativas, Goffman (1988, p. 139) observa que:

Num sentido importante há só um tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem⁸ jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes. Todo homem americano tende a encarar o mundo sob essa perspectiva, constituindo-se isso, num certo sentido, em que se pode falar de um sistema de valores comuns na América. Qualquer homem que

⁶Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/espanhol/ultimas-noticias/2013/11/24/zagueiro-brasileiro-do-betis-chora-apos-ofensas-racistas-da-propria-torcida.htm>>, acessado em 05 mar. 2015.

⁷Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/04/13/neymar-e-recebido-com-gritos-racistas-apos-derrota-do-barcelona.htm>>, acessado em 07 mar. 2015.

⁸ Ao considerar que o único indivíduo que não tem nenhuma característica potencial de estigma é um homem, o autor demonstra de forma implícita, que as mulheres também pertencem ao grupo dos socialmente estigmatizados/estigmatizáveis.

não consegue preencher um desses requisitos ver-se-á, provavelmente – pelo menos em alguns momentos – como indigno, incompleto e inferior; em alguns momentos, provavelmente, ele se encobrirá e em outros é possível que perceba que está sendo apologético e agressivo quanto a aspectos conhecidos de si próprio que sabe serem, provavelmente, considerados indesejáveis. Os valores de identidade gerais de uma sociedade podem não estar firmemente estabelecidos em algum lugar, e ainda assim podem projetar algo sobre os encontros que se produzem em todo lugar na vida cotidiana.

A referida obra, no entanto, não define apenas o conceito de estigma e o tipo considerado socialmente “normal”. Ele tenta explicar as possíveis reações dos estigmatizados. Segundo o autor, até é possível que um indivíduo estigmatizado viva indiferente a sua situação, protegido por suas próprias crenças, mas que, pelo menos na América (neste caso, tratada como sinônimo de Estados Unidos) atual, os estigmatizados tendem a ter as mesmas crenças sobre identidade que os “normais” têm.

Isso acaba, muitas vezes, por reforçar autoexigências e até autodepreciação. A resposta a este quadro pode acabar sendo a aceitação, levando o indivíduo a tentar corrigir o que ele considera ser seu “defeito”.

Dependendo do tipo de estigma, essa correção pode ser direta, como no caso de uma cirurgia para um problema físico, ou indireta, quando ele se esforça para dominar áreas de atividade consideradas como fechadas para pessoas com o seu “defeito”. Finalmente, a pessoa com o “atributo vergonhoso” pode romper com aquilo que é chamado de realidade, empregando uma interpretação não convencional para sua identidade social (GOFFMAN, 1988, p. 16-20).

Justamente, considerando que socialmente a cor da pele tem sido usada como fator “estigmatizador”, os afrodescendentes que forem alvo deste tipo de preconceito, irão oscilar, por motivos conjunturais, entre, em um extremo, esse compartilhamento de crenças entre estigmatizado e “normal” e, no outro, a organização e a luta pela transformação dessa realidade social em que tal estigma se faz presente.

No entanto, o autor não se detém apenas nessas considerações gerais sobre o tema. E é justamente ao estudar o “eu” e “seu outro”, ou seja, a situação da pessoa estigmatizada e a resposta à situação em que ela se encontra, que Goffman (1988, p. 137), ao apontar peculiaridades de grupos minoritários estabelecidos, acaba por justificar a intenção deste trabalho, de recorrer a história para explicar a estigmatização do negro:

É possível, também, pensar que grupos minoritários estabelecidos, como negros e judeus, podem ser os melhores objetos para esse tipo de análise. Isso poderia levar facilmente a um desequilíbrio no tratamento. Em termos sociológicos, a questão central referente a esses grupos é o seu lugar na estrutura social; as contingências que essas pessoas encontram na interação face-a-face é só uma parte do problema, e algo que não pode, em si mesmo, ser completamente compreendido sem uma referência à história, ao desenvolvimento político e às estratégias correntes do grupo.

Enfim, esses episódios lamentáveis mostram que este trabalho não estará versando sobre temas restritos a um passado distante. O racismo, seja no futebol ou em outros ambientes sociais, ainda se faz presente e é sentido no dia-a-dia dos afrodescendentes. E a única maneira efetiva de compreender esse fenômeno é recorrer à história, discutindo o contexto político e social que tornou realidade a estigmatização do grupo e as estratégias utilizadas pelo mesmo para a alteração desse quadro.

Já a cidade de Pelotas, escolhida como recorte espacial dessa pesquisa, é um local com muito potencial para estudos que enfoquem na população negra. Ela é a cidade que possui a maior população de afrodescendentes do interior do Rio Grande do Sul, isto porque um grande contingente de negros foram trazidos a força para cá para serem escravizados, principalmente nas charqueadas.

Gutierrez (1999) mostra o contraste que existia em Pelotas, no período por ela estudado, entre os senhores endinheirados, querendo mostrar, através das obras arquitetônicas, seu gosto refinado e seu poder econômico, e os escravos, obrigados a trabalhar na produção econômica escravista do charque e também nos canteiros de obras da área urbana.

O foco deste trabalho, no entanto, é o período pós-abolição. Nesse sentido, as colocações de Loner (2010, p. 182) são fundamentais:

A população afrodescendente de Pelotas foi trazida à região para trabalhar, sob o regime da escravidão. Posteriormente à Abolição eles se radicaram aqui, trabalhando em todo o tipo de serviço [...]. Em 1890, formavam cerca de um terço da população urbana de Pelotas e sua grande concentração na cidade tornou-os um dos principais grupos de trabalhadores do município. Durante a maior parte do século XX, os negros sofreram muito com a segregação e o preconceito racial, que terminaram condicionando suas chances de ascensão social e de busca de emprego na cidade.

Além disso, Dornelles (1998, p. 108-112) comenta que a concorrência com os imigrantes era desleal, com relação à necessidade de seu trabalho, pois estes recebiam, tanto no campo como na cidade, um apoio muito maior da imprensa e das

camadas dirigentes. Loner (1999) explica essas diferenças de oportunidades:

Era muito mais fácil, naquele momento de um capitalismo ainda incipiente, um artesão branco ascender socialmente do que um negro. Um branco, se imigrante, poderia ser beneficiado pela proteção de seus patrícios, com sorte poderia fazer um bom casamento, ou poderia associar-se a outro com dinheiro e abrir seu próprio negócio. A maior parte destas opções estava vedada aos negros, independente de sua cultura ou inteligência (LONER, 1999, p. 240).

Na luta pela superação deste quadro excludente os afrodescendentes tiveram que “tecer uma ampla rede de associações, clubes e jornais” (LONER, 1999, p. 260). Através dessas organizações, vários negros “se destacaram como sindicalistas e lutadores contra a discriminação racial. Todos, enfrentaram dupla dificuldade em suas vidas: eram operários e negros” (Ibidem, p. 280).⁹

Portanto, é nesse contexto social de tensão, entre os afrodescendentes que buscavam se integrar à sociedade na sua nova condição, de trabalhadores livres, e a segregação e o preconceito com que eram recebidos, que este trabalho pretende discutir como essa situação se manifestou no futebol.

O futebol não é ainda uma temática amplamente explorada por pesquisas históricas. É preciso que os pesquisadores percebam o potencial do tema, enxergando-o como uma prática social que pode fornecer respostas sobre questões políticas e culturais mais amplas.

Hoje, felizmente, essa temática já é mais reconhecida e esta valorização se deve, sobretudo, a mudanças que ocorreram nas últimas décadas na historiografia. Refiro-me aqui a Escola dos *Annales* que, ao criticar tanto a história positivista quanto um tipo de marxismo que privilegiava o aspecto econômico, promoveu uma ampliação tanto metodológica, como de linhas de pesquisa e a alguns trabalhos de Thompson que, sem abandonar o marxismo, buscou uma maior valorização do aspecto cultural em suas análises.

Em relação ao período estudado, Rigo (2004, p. 130-141) aponta que o processo de profissionalização do futebol, nos anos de 1930, contribuiu para a

⁹ Lembrando que no caso das mulheres negras, as dificuldades seriam triplas, pois além da discriminação étnica e de classe, sofreriam opressão de gênero.

democratização desse esporte, antes profundamente elitista. Por isso, essa pesquisa terá como recorte temporal as três décadas anteriores¹⁰.

O futebol, após a sua chegada ao país no final do século XIX, rapidamente começa a chamar a atenção de boa parte das pessoas. Porém, como o material para a prática era caro, com destaque para o alto valor da bola, e como são pessoas da elite que vão a Europa, estudar ou fazer negócios, que trazem o esporte, a sua chegada e consolidação ocorrem com um forte caráter elitista, de distinção social. Como os negros, naquelas décadas posteriores a abolição, sofriam ainda com a segregação social, que se refletia numa situação econômica, política e social bem limitada, eles tinham o acesso a esta prática (e a muitas outras) dificultado.

É importante observar, ainda, que a pesquisa, ao focar no futebol, deve levar em conta a existência de diferentes Ligas de futebol na cidade. Segundo Rigo (2012, p. 41-42),

a Liga Pelotense de Foot-ball (LPF), fundada em 1907, foi a primeira liga organizada na cidade. [...] A partir de 1913, a LPF começou a prover o campeonato da cidade. Participaram da primeira edição desse campeonato: E. C. Pelotas, G. E. Brasil, S. C. Rio Branco, S. C. União e G. S. Guarany. Como as condições estabelecidas pela LPF excluía a maioria dos clubes da cidade, fundaram-se outras ligas. Assim, em 1922 existiam em Pelotas quatro ligas: Liga Pelotense de Foot-ball, Liga Cassiano do Nascimento, Liga Acadêmica e Liga José do Patrocínio.

É fundamental abordar as diferenças entre as ligas. Notadamente, para esta pesquisa, a primeira Liga citada parece ser a que mais resistiu à presença de negros, e a última Liga, foi a que mais incentivou a participação deles, tendo sido, inclusive, criada com este propósito.

Portanto, frente ao contexto nacional (no qual, de um lado, havia uma elite buscando a manutenção do quadro de segregação dos afrodescendentes e, de outro, existia a resistência e a busca da superação dessa situação por parte dos negros), o que esta pesquisa busca esclarecer é de que forma o racismo se manifestou no futebol pelotense, no período de 1901 a 1930. Ao responder essa pergunta principal, foi verificado também se este esporte serviu como instrumento de separação e/ou de aproximação dos afrodescendentes, como a comunidade negra reagiu ao preconceito no meio dos esportes e qual foi o papel das ligas de futebol da

¹⁰ E também porque no TCC abordei justamente essa transição dos anos 1930. Para mais informações, ver: MACKEDANZ, C. F. *Esporte e exclusão: o negro no futebol pelotense (1925-1938)*. 2014. Monografia (Graduação em História) – UFPel.

cidade neste processo.

Para isso, foi feita uma pesquisa qualitativa que teve como fontes vários jornais da cidade, além de fotografias encontradas nos próprios periódicos ou em arquivos pessoais e revistas dos clubes. Outras considerações metodológicas podem ser encontradas no primeiro capítulo deste trabalho, no item correspondente.

No primeiro capítulo deste trabalho, foi realizado um debate bibliográfico, teórico e metodológico acerca do racismo no futebol. Para tanto, foram discutidas as produções acadêmicas já realizadas sobre história do futebol. A seguir, o tema focado foi como a historiografia tem tratado a temática do pós-abolição. Por fim, as opções teóricas e metodológicas foram apontadas e reiteradas.

No capítulo seguinte, o futebol em Pelotas começa a ser discutido. Primeiramente a partir da chegada e população do esporte bretão na cidade. Em seguida, foram debatidos os caminhos que cada clube e liga irá percorrer, pontuando as diferenças econômicas e étnicas entre as ligas e times, evidenciando um quadro de segregação do negro nas principais equipes da cidade. Por fim, a dupla Bra-Pel foi abordada em subcapítulo específico, ressaltando as diferenças entre os dois times, a partir da geografia história do futebol na cidade.

O último capítulo trata da Liga José do Patrocínio, alternativa da comunidade negra pelotense para a prática do futebol. Em princípio, o contexto e as motivações para a criação da liga são abordados. Em seguida, vários papéis da referida liga frente à comunidade negra são observados, notadamente o aspecto esportivo, a capacidade da mesma em servir como fator de integração social e a militância contra o preconceito, seja no futebol ou na cidade como um todo, algumas vezes encabeçada pela liga. Por fim, foi estudado o período em que a liga passou a perder força e as possíveis razões de tal fenômeno.

1. O Racismo no Futebol

Para entender o racismo no futebol, mais especificamente o caso brasileiro, é fundamental começar discutindo o contexto de surgimento desse esporte e da sua chegada ao Brasil. Franco Júnior (2007, p. 15-19) explica que existem especulações que apontam para a existência de jogos que, embora com outros nomes, já teriam as principais características do futebol há alguns séculos/milênios¹¹. O mesmo autor, no entanto, esclarece o equívoco de tais especulações, mostrando que a única semelhança era o fato de serem jogos com bola, mas que guardavam muitas diferenças entre si:

Jogos com bola são manifestações antropológicas, não específicas de determinado povo e determinada época, enquanto o futebol tal qual o conhecemos hoje resultou de um conjunto de fatores presentes apenas na Inglaterra do século XIX (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 20).

Tais explicações estão ancoradas no trabalho de Elias e Dunning (1992), que argumentaram que a gênese do esporte moderno está atrelada a ideia de processo civilizador. A partir dessa perspectiva, faz todo sentido, do ponto de vista econômico e político, o futebol surgir na Inglaterra no século XIX. Naquele contexto de imperialismo britânico e revolução industrial, ele era mais um produto a ser exportado pelos ingleses. Desse modo, a influência cultural inglesa explica a lógica tanto da sua propagação (ilhas britânicas, Europa germânica, Europa Latina e América Latina), quanto a resistência na sua adoção pelos países que tinham feito parte do Império (África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia). É possível pontuar, ainda, que as relações entre revolução industrial e o futebol são claras: competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 23-25).

Do ponto de vista social, no entanto, é possível perceber a precoce popularização do futebol no seu país de origem. Conforme Stédile (2011, p. 38),

em 1883, no mesmo ano do falecimento de Karl Marx, a Copa da Inglaterra é vencida pelo Blackburn Olympic – formado por tecelões e mineiros, além

¹¹ Na China há 2.000 a.C., na América pré-colombiana há 900 a.C., na Grécia no século IV a.C., em Roma no século III a.C., em Florença no século XIV, no Norte da França no século XII, na Inglaterra desde 1174.

de um encanador e um operador de fundição de ferro – derrotando o tradicional time do Old Etonians. (Mason *apud* Mascarenhas, 2002). Nada mais apropriado para simbolizar a ascensão dos times operários e a derrocada da prática amadora.

Nesse sentido, Hobsbawm (2000, p. 289) faz importantes observações sobre a importância do futebol na identidade e no lazer da classe operária inglesa, na década de 1880:

Talvez nem fosse necessário lembrar hoje a ascensão do futebol como esporte para espectadores e, cada vez mais, para proletários, a nível nacional; e do surgimento de uma cultura masculina do futebol, que atingiu sua consagração com a presença do rei ao jogo final do campeonato a partir de 1913. Nem que a emancipação do futebol do patrocínio, ou melhor, contra o patrocínio das classes média e alta teve lugar na década de 1880, com a vitória do Blackburn com os Old Etonians, com a clara profissionalização do jogo em 1885, e a formação da Liga em 1888, por sinal baseada no modelo do sistema estabelecido anteriormente nos Estados Unidos para o beisebol profissional.

Contudo, na chegada do futebol ao Brasil (assim como no caso de outros países), na virada do século XIX para o XX, sua abrangência social é extremamente limitada. O paradoxo entre o futebol inglês, mais popular, e o futebol brasileiro, elitizado, da época, fica explicitado na seguinte colocação:

Se o futebol segue um curso popularizante na Grã-Bretanha com a disputa da taça da Inglaterra em 1872 e com a aceitação de um profissionalismo iniciante no interior das fronteiras nacionais, a internacionalização do futebol, nos seus primórdios, segue a rede de contatos que as relações prévias e espontâneas das elites locais com as elites e instituições de elite inglesas suscitam de forma indireta (LOPES, 2004, p. 125).

Esse contexto é facilmente verificável ao serem examinadas as diretorias e os plantéis dos clubes de futebol que disputavam as primeiras ligas de futebol em vários locais do Brasil. Mas à medida que o interesse pela prática do futebol aumenta, por parte da população em geral, as elites manifestam a necessidade da manutenção do caráter de distinção social da prática deste esporte, como atesta a matéria da Revista Sports, do Rio de Janeiro, em 1915 (*apud* GALEANO, 2008, p. 39):

(...) De modo que nós que frequentamos uma academia, que temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no salão Naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock, somos obrigados a jogar com um operário, torneiro mecânico, motorista e

profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos. Nesse caso a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão (...).

Frente a não aceitação nos clubes das ligas de futebol tradicionais a principal alternativa encontrada foi a criação de outros clubes, e até, em alguns casos, outras ligas, nos quais a prática do esporte não fosse vedada a esses grupos, notadamente pobres, operários e/ou afrodescendentes. Esse processo, no entanto, apresentou algumas peculiaridades, como a expressa por Santos (2010, p. 124):

O próprio Fluminense tem um caso curioso com um jogador que foi convidado para ser sócio do clube pelos seus dotes futebolísticos, o *center-half* Carlos Alberto. Ele destoava do restante do elenco por sua pele ligeiramente mais morena. Segundo Marcos Carneiro, que veio com ele do América para o Fluminense, era por isto que Carlos Alberto tinha o hábito de passar pó-de-arroz no rosto após fazer a barba com a intenção de deixá-lo mais claro. Durante os jogos, com o suor escorrendo pelo rosto e o pó-de-arroz saindo da pele, Carlos Alberto revelava sua cor para o público do estádio, que impiedosamente começava a gritar “pó-de-arroz!” para Carlos Alberto e, depois, para todo o time do Fluminense. Era a desforra das outras torcidas, inconformadas com os ares aristocráticos do clube das Laranjeiras quando este revelava sua necessidade de ganhar no futebol a qualquer custo.

Essa situação, de aceitação das “exigências sociais” do clube, ao invés de se pronunciar contra o preconceito ou procurar um clube mais popular, remete, mais uma vez, ao conceito de estigma, já debatido na introdução deste trabalho. No entanto, uma vez que o referido jogador pode ter aceitado tal situação motivado por algum tipo de compensação financeira, o que esse caso traz à tona, na verdade, é uma discussão central para a popularização do futebol no Brasil: a transição do amadorismo para o profissionalismo.

Mario Filho (2010, p. 176) aborda muito bem a questão da importância da profissionalização para os jogadores mais pobres, citando o caso de Fausto, que, por ainda não ser aceito o profissionalismo no Brasil, foi para o Barcelona em 1931:

Amadorismo, amor ao clube, estava bom para um Fortes, que não precisava de dinheiro. Fortes tinha tudo, uma baratinha, uma lancha, até uma *garçonnière* atrás da Casa de Saúde Pedro Ernesto, todo o primeiro andar do número 75 da Rua Paulo de Frontin. Fausto não tinha nada, morava com a mãe, casa de porta e janela, da Rua Pereira Nunes, chegava a passar necessidade. A mãe cada vez mais magra, não parando de manhã até de noite, varrendo o chão, limpando as panelas, cozinhando. Só contava com ele. Se ele não precisasse, não ia bancar o palhaço.

É praticamente consensual nas atuais produções acadêmicas sobre história/sociologia do futebol, que o processo de profissionalização do futebol brasileiro, que começou a ser reconhecido formalmente em 1933, após no mínimo duas décadas de profissionalismo marrom¹², serviu como instrumento de popularização e democratização deste esporte, potencializando a entrada de pobres e negros nos clubes de futebol. Contudo, conforme Fraga (2009, p. 173) corretamente adverte,

a profissionalização do jogador de futebol também não significa um fim, um decréscimo ou mesmo uma atenuação nas tensões raciais inerentes a uma sociedade de passado escravista como o Brasil. Ainda que muitos dos novos ídolos gerados pelo futebol fossem a partir de então etnicamente negros – Domingos da Guia, Fausto, Leônidas da Silva... – a presença de jogadores negros nos diversos times espalhados pelo Brasil somente seria assegurada mediante dois fatores: a previa abertura da equipe aos jogadores não brancos; e, ao mesmo tempo, a comprovação, dentro do campo, que a inclusão do atleta negro significaria um acréscimo de qualidade incontestável para o clube.

Nessa mesma pesquisa citada acima, o autor confirma suas colocações, ao demonstrar que após a derrota na copa de 1950, o menor sinal de falha de um jogador negro, no caso o “frango” do goleiro Barbosa, foi suficiente para trazer à tona novamente as teorias que apontavam que o problema do Brasil era a miscigenação e mesmo as afirmações de que os jogadores negros não correspondiam em momentos decisivos. Os exemplos atuais citados na introdução deste trabalho mostram que ainda hoje, além das ofensas dos torcedores do time rival, os torcedores do próprio time, quando insatisfeitos por alguma falha na qualidade técnica de um jogador negro da sua equipe, o insultam fazendo menção a sua cor. Sinal de que, até hoje, essas barreiras ainda não foram superadas.

1.1 Um balanço da produção acadêmica sobre história do futebol

Conforme já debatido na introdução, mais precisamente na página dez, a área acadêmica da História vem passando, nas últimas décadas, por uma ampliação de metodologias e de objetos de estudos, motivadas principalmente pela Nova Esquerda e pela Escola dos *Annales*. Nesse contexto é que pesquisas nessa área,

¹² Um amadorismo de fachada, que fornecia “benefícios” aos jogadores, que variavam desde horários de trabalho “flexíveis”, móveis, empregos melhores até gratificações em dinheiro.

que tem sido designada como estudos sócio-históricos do futebol, têm sido cada vez mais frequentes. Embora já houvesse iniciativas isoladas, nas últimas duas décadas é que quase todas as pesquisas que serão mencionadas aqui foram produzidas.

Ao invés de separar as obras cronologicamente, elas serão apresentadas de acordo com o recorte espacial e temático¹³. Primeiramente, serão apresentadas algumas pesquisas realizadas tanto dentro quanto fora do país, sobre o futebol, mas que têm outras temáticas, relacionadas aos aspectos sociais do futebol, como foco. Em seguida serão analisados os trabalhos focados no racismo no futebol brasileiro. Por último, o terceiro grupo de estudos aventados será o das investigações que se concentram no futebol na cidade de Pelotas.

No livro *Bayern e seus judeus - Ascensão e destruição de uma cultura liberal do futebol*, Schulze-Marmeling (2013) aborda os impactos do nazismo no clube de futebol F.C. Bayern, discutindo a trajetória de Kurt Landauer, um judeu que foi presidente do clube antes de 1933 e depois de 1945, tendo que se afastar do clube e se refugiar na Suíça durante o período em que o regime nazista estava no poder na Alemanha. A importância do dirigente para o sucesso atual do clube é muito grande. Como além do presidente, o técnico e alguns jogadores eram judeus, o clube sofreu bastante com a perseguição realizada pelo regime, só conseguindo se reerguer na década de 1960.

No entanto, algumas observações sobre a memória do clube parecem interessantes. O autor observa que, ainda nos anos de 1960, quando da morte de Landauer, nas homenagens que ele recebe do clube, em nenhum momento é citado que ele era judeu. Ainda é relatado por uma jornalista que no ano de 2001, logo após uma derrota do clube nas quartas-de-final da Champions League, ela liga para o Bayern com interesse sobre o assunto do nazismo e houve como resposta que por enquanto ninguém pensava “nessa m.... de passado”. Em 2005 o clube recebe um prêmio da DFB sobre o tema, a torcida passa a fazer mosaicos nas arquibancadas com a imagem de Landauer e, em 2009, o presidente Rummenigge faz uma homenagem no antigo campo de concentração de Dachau. Portanto, é possível perceber a resistência ao tentar lembrar um passado doloroso e o momento da mudança, onde as memórias esquecidas podem voltar à tona. Enfim, como é possível perceber, o livro traz várias contribuições para este campo de estudos.

¹³ Além disso, cabe ressaltar que algumas contribuições e autores que já foram citados no início deste capítulo, não serão retomados, para evitar redundâncias.

Rigo e Torrano (2013) discutem as identidades construídas pelo F.C. Barcelona ao longo dos anos, fazendo uma revisão bibliográfica de vários trabalhos existentes sobre o assunto. No que concerne à identidade catalã, é abordada a relação do regionalismo com a ditadura de Primo de Rivera (1923-1930), a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a ditadura do general Francisco Franco (1939-1975). Os autores mostram como este último regime interferiu negativamente também no clube e de que forma o F. C. Barcelona, clube inicialmente fundado não por catalães, mas por estrangeiros, foi aderindo a reivindicações políticas e culturais da cidade e da região e se tornou um dos principais representantes do regionalismo catalão. Em cada partida, o estádio é coberto por bandeiras vermelhas e amarelas, nas cores da Catalunha. Outro aspecto identitário discutido é o caráter internacionalista do clube, mostrando como a presença constante de treinadores e jogadores estrangeiros contribuiu para o fortalecimento dessa imagem.

Giulianotti e Armstrong (2010) discutem vários momentos em que, ao redor do mundo, o futebol se relacionou com guerras e influenciou com uma mensagem de paz. Apesar de focarem, principalmente, em países ditos subdesenvolvidos eles colocam a trégua de natal, como exemplo de um desses momentos. Brown e Seaton (1984) escreveram uma obra diretamente focada no evento, quando soldados alemães e ingleses, no natal de 1914 teriam feito uma trégua no combate e se reuniram para beber, cantar e jogar futebol. Apesar dos detalhes em relação ao encontro serem vagos, alguns relatos das cartas dos soldados apontam nessa direção. No final do ano de 2014, por ocasião do centenário do referido acontecimento, a UEFA, entidade responsável pelo futebol europeu, inaugurou um monumento em homenagem ao momento¹⁴. Cabe ressaltar que estes são apenas alguns dos trabalhos realizados na área dos estudos sócio-históricos do futebol no resto do mundo.

Mas existem vários trabalhos da área focados no Brasil. A obra de Franco Júnior (2007) se propõe a fazer um apanhado dos trabalhos neste campo, dando ênfase especial para aqueles realizados na USP sob sua orientação. Apesar do crescimento da área, ele acredita que “no Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 11). Felizmente, hoje ele vem sendo estudado cada vez mais. Dentre todas as obras e assuntos debatidos

¹⁴ Disponível em <<http://pt.uefa.org/about-uefa/news/newsid=2195273.html>>, acesso em 21. Mar 2015.

pelo autor, a discussão mais interessante parece ser sobre a profissionalização, quando ele a relaciona com a Revolução de 1930 e a saída de jogadores para o exterior:

O clima de desavenças futebolísticas interligava-se com a grave crise política brasileira que culminaria logo depois na derrubada do regime. A quebra da Bolsa de Nova York em 1929 enfraquecera a poderosa oligarquia de São Paulo. Após as eleições – vencidas pelo paulista Júlio Prestes –, o assassinato do candidato a vice na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, quatro dias antes da final da Copa, levou à eclosão de protestos nas principais cidades do país, sobretudo no Rio de Janeiro. Em 31 de outubro, uma multidão saudava os revolucionários que chegavam à capital, como se comemorassem um título nacional. A transição política coincidia com o definhamento do amadorismo. Um grande número de jogadores, atraídos pelo profissionalismo implantado no exterior, deixava o país, como Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, San Lorenzo de Almagro), Del Debbio e De Maria (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Raro e Filó (1932, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai). Em 1931, o governo Vargas incluía o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista. A exemplo da Argentina (1931) e do Uruguai (1932), em janeiro de 1933 a recém criada Liga Carioca de Futebol (LCF) – Fluminense, América, Vasco, Bangu e Bonsucesso - decidiu oficialmente pelo profissionalismo de seus jogadores (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 75-76).

Na dissertação de Stédile (2011) é feita uma discussão interessante sobre os clubes de futebol operários, com foco em Porto Alegre na primeira metade do século XX, entendendo-os como espaço para formação de laços de solidariedade e identidade ou de subordinação e disciplinamento, percebendo no futebol um campo de disputas entre operários, industriais, igreja e Estado.

Lopes (2004) traz várias colocações em relação a este esporte. Também aborda o futebol operário, explicando como este tipo de futebol foi uma espécie de intermediário entre o futebol das elites e o profissional, permitindo vantagens econômicas ou de horários de trabalho para empregados que jogavam pelo clube da fábrica. Fala ainda de casos como o do Bangu, onde o clube se tornou mais popular que a fábrica e passou a contribuir com a publicidade do negócio. Dois jogadores citados como oriundos deste contexto são Garrincha e Domingos da Guia. Ele observa ainda que em São Paulo alguns clubes parecem ser de fábrica, pela constituição dos primeiros plantéis, mas na verdade devem ser considerados étnicos, pois a vinculação maior é a uma etnia de imigrantes, principalmente italianos (LOPES, 2004, p. 130-133).

Outras considerações importantes do mesmo autor dizem respeito às últimas décadas, quando com a globalização, o futebol brasileiro se torna um produto estratégico, explorado pelas empresas patrocinadoras (e as decorrentes CPIs na CBF). Na construção da imagem multirracial do futebol brasileiro, uma colocação é muito interessante. Com a demora em profissionalizar o esporte no país, muitos jogadores acabam indo jogar no exterior e se naturalizam como cidadãos daqueles países. Muitos brasileiros adotam sobrenomes italianos apenas para conseguirem fazê-lo. Outros vão para a Espanha, nesse mesmo processo de naturalização. Mas muitos afrodescendentes, ao tentarem fazer isso, sofrem com os estigmas relacionados a sua cor e não são bem aceitos nos países, retornando ao Brasil. Assim, este país, ao contrário da Argentina,

não sofreu a mesma evasão de jogadores para o futebol italiano e espanhol. Os grandes jogadores negros e mulatos do Brasil, como vimos anteriormente, foram “condenados”, por assim dizer, a exercer seus talentos no próprio país, um ou outro jogador ficando períodos curtos no exterior, geralmente na Argentina e no Uruguai. Eles puderam contribuir fortemente assim, a partir dos anos 1930, na criação de um estilo nacional no próprio país (LOPES, 2004, p. 151).

No entanto, apesar das várias contribuições, o referido autor mostra desconhecer certas peculiaridades do futebol no Rio Grande do Sul, pois ao falar sobre os primeiros clubes da região, diz que os clubes se inspiraram em clubes paulistas, omitindo totalmente a relação com a Argentina e o Uruguai e com o Rio Grande, clube mais antigo em atividade no país (RIGO, 2004, p. 55-60).

A obra de Mario Filho (2010) é considerada um marco no estudo do negro no futebol brasileiro, também pela data de lançamento, já que a primeira edição é de 1947. Focando no Rio de Janeiro, o autor consegue apontar de que forma o preconceito se manifestava e como ele foi sendo enfrentado, sobretudo com o pioneirismo do Clube de Regatas Vasco da Gama e com a profissionalização da década de 30. Mario Filho (2010, p. 29) sintetiza muito bem a questão ao dizer: “Há quem ache que o futebol do passado era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto”. No entanto, duas ressalvas são necessárias. Sua obra está muito alinhada com o pensamento de Gilberto Freyre, em voga no período, defendendo que o futebol conseguiu promover uma democracia racial, uma conciliação/integração étnica. Os casos citados na introdução são uma pequena mostra de que, inclusive atualmente, tal contexto ainda

não corresponde à realidade. O outro agravante, diz respeito a se propor a tratar o tema do racismo no futebol brasileiro, mas se restringir ao Rio de Janeiro em suas análises, falando minimamente também de São Paulo. Mesmo assim, isso não tira o brilho da obra, de ser a primeira tentativa consistente de tratar essa temática.

A tese de doutorado de Santos (2010), sobre o mesmo tema, traz muitas contribuições, principalmente em termos metodológicos, já que o livro de Mário Filho não citava muitas fontes. Mesmo assim, em linhas gerais, são explicitados os mesmos atritos da elite com os clubes mais populares. Destaque ao Vasco, que sofreu várias tentativas de exclusão da disputa da liga estadual com os demais clubes, primeiro por não possuir um campo próprio (que foi construído em seguida), depois através de uma ficha que demandava alfabetização por parte dos jogadores (que receberam aulas particulares para aprender a preencher) e, por último, quando foi questionado se realmente seus jogadores eram amadores, conforme exigência da época (mas que não foi comprovada, já que foram assumidos empregos de fachada).

Outra tese importante é a de Silva (2008), que aborda a questão dos discursos raciais construídos no Brasil, através do caso do jogador Pelé. Dividindo o jogador no binômio Pelé x Edson, ela tenta explicar que o primeiro era visto como a prova de que era possível extirpar o “complexo de vira-latas”, em consonância com o ideário dos anos 1950, enquanto o segundo simbolizava a certeza que o “tipo nacional” deveria ser “sanado”, reformulado, pois, segundo Silva (2008, p. 203-204) “ao não assumir a modernidade que começou nos anos 70, ele passou a ser visto como ‘branco’, trazendo em seu cerne, portanto, os aspectos negativos do mestiço que não se define como ‘negro’”.

O trabalho de Arthur e Matheus Guimarães (2010) também é importante, pois discute como a figura de Arthur Friedenreich foi fundamental para o início da transformação do futebol brasileiro de uma prática exclusiva da elite para uma prática popular, pois, mesmo sendo também de origem alemã, mas com fortes traços negros de sua mãe, uma ex-escrava – traços estes que tentava esconder devido à formação de uma mentalidade branca dominadora que colocava o negro em um patamar inferior na escala social – foi um dos primeiros descendentes de ex-escravos a ser aplaudido de pé pela aristocracia branca e respeitado por seu talento.

Já Oliveira (2005) aborda a questão do preconceito no Paraná, mais precisamente no Coritiba F. C. É uma obra interessante, embora seu foco não seja

em questões diretamente ligadas ao negro, uma vez que seus escritos se detêm na questão das manifestações nazistas de parte da torcida do referido clube e das rivalidades e diferenças entre os “coxa branca” (como são chamados seus torcedores) em relação à torcida do Clube Atlético Paranaense.

Abrahão e Soares (2009) discutem o racismo no Brasil através da culpa atribuída ao ex-goleiro Barbosa pela derrota na final da copa do mundo de 1950. Após a derrota, boa parte das críticas se voltaram para a falha do goleiro e de outros jogadores afrodescendentes do plantel. Em seguida, avançaram ainda mais, com os próprios brasileiros justificando a derrota a partir da ideia de que a população brasileira seria uma sub-raça, uma raça inferior. As teorias do século XIX, que tratavam a miscigenação com pessimismo, retornam, afirmando não ser possível contar com os negros e mestiços nas grandes decisões, dizendo que eles se acovardavam e outras manifestações preconceituosas análogas.

Os trabalhos de Mascarenhas (1999 e 2014) são muito importantes, pois falam sobre o negro no futebol porto-alegrense, destacando a existência da Liga que ficou conhecida pejorativamente como Liga da Canela Preta (a qual, de modo semelhante ao que acontecia em Pelotas com a Liga José do Patrocínio, era a liga dos jogadores afrodescendentes, não aceitos nas principais, e elitistas, ligas das cidades). A segunda obra, sua tese, usa o conceito de geografia do futebol, ao analisar o impacto que a localização dos campos dos clubes, também em Porto Alegre, exerceu na aceitação de negros nos clubes de futebol. Essa questão será pensada em relação aos clubes de Pelotas neste trabalho. Enfim, estes são os trabalhos que abordam o tema do negro no futebol, mas em outras regiões/cidades do país.

Já as próximas referências, Boanova (1997), Loner (1999) e Rigo (2004), falam sobre o negro no futebol em Pelotas, embora essas não sejam as temáticas principais desses estudos. Boanova (1997) aborda o futebol em Pelotas a partir da rivalidade dos clubes E. C. Pelotas e G. E. Brasil, mas algumas questões colocadas por este trabalho são um pouco conflitantes com os outros referenciais utilizados, em relação à presença de afrodescendentes no clube G. S. Brasil. Enquanto Boanova afirmou que “a expressão ‘time de negros’ encontra no G. S. Brasil uma assimilação, pois este time realmente contava com negros entre suas equipes desde seu nascimento, sendo muitas vezes negros os ídolos da equipe” (BOANOVA, 1997, p. 17), os trabalhos dos outros autores mostram que essa aceitação não é imediata.

Loner (1999, p. 144) aponta que:

O G.S. Brasil, nascido de uma dissidência no time de empregados da cervejaria Haertel, depois ficará conhecido como time "de negros", mas no início isso não se configura em suas diretorias, em que apareciam nomes de indivíduos da pequena burguesia, muitos deles filhos de imigrantes.

As pesquisas de Loner (1999, p. 142-144) e Rigo (2004, p. 82) concordam ainda em relação ao caráter elitista da chegada do futebol nesta cidade e sobre o papel da Liga José do Patrocínio (LONER, 1999, p. 144; RIGO, 2004, p. 150), questões que serão retomadas nos próximos capítulos deste trabalho.

As teses de Loner (1999) e Rigo (2004), portanto, serão os trabalhos com os quais esta pesquisa irá dialogar mais constantemente. Isso porque a primeira obra é a referência fundamental em relação à história da população negra pelotense, enquanto a segunda é a principal referência em relação às primeiras décadas do futebol nesta cidade.

1.2 Pós-abolição e historiografia

Ao longo do século XX, quando se assentavam as bases do que viria a ser a historiografia brasileira (e, no caso deste trabalho, a gaúcha), foi possível observar que alguns assuntos pareciam mais atraentes para as possibilidades teóricas da época. Assim, somente a partir dos anos de 1970 em diante, com o estabelecimento de cursos de pós-graduação, é que temáticas como escravidão e trabalhismo tiveram maior desenvolvimento na academia. Antes, estavam relegados a análise de militantes, no caso do trabalhismo e de correntes da primeira república, ou eram considerados como um campo a parte, nada tendo a ver com os trabalhadores, como no caso dos trabalhos sobre a escravidão. E quando o negro era visto como trabalhador, sua especificidade histórica não era caracterizada, ele era visto apenas como mais um tipo de trabalhador. Nos trabalhos acerca do pós-abolição essa invisibilização também ocorria: era como se em 1888, após a abolição, os afrodescendentes houvessem desaparecido. Nas pesquisas sobre a Primeira República o foco recaía sobre o mercado de trabalho livre, que, de acordo com esse olhar, era composto, na região centro-sul, por imigrantes europeus. O negro parecia

não fazer parte desse contexto¹⁵. Era ignorado não só pelos historiadores, mas pelos estudiosos de ciências humanas em geral¹⁶.

Acerca dessas tendências, Loner (In: XAVIER, 2012, p. 417-418) observa que:

Na história os estudos acadêmicos sobre os afrodescendentes por longo tempo se confundiram com os estudos sobre a escravidão, suas características e peculiaridades em cada região. Havia um único período em que “os negros e libertos” eram coletivamente nomeados e chamados à cena, dentro do que se denominou chamar de processo de disciplinamento da mão de obra, ou seja, as políticas voltadas para o enquadramento dos trabalhadores no Brasil dentro das necessidades do capitalismo, nas décadas de 1880 e 1890. Após esse período, os afrodescendentes entraram numa invisibilidade completa, envoltos dentro do conjunto de trabalhadores ditos “nacionais”, ambos submergidos pela avalanche do trabalhador imigrante europeu no centro-sul.

Olhando em escala regional, existia ainda outro problema, pois o Rio Grande do Sul é um Estado que buscou, pela tradição e pela historiografia, se diferenciar dos demais alegando um suposto caráter europeu da sua composição étnica. Complementando essa questão, Domingues (2009, p. 218) comenta que “subjacente a esta afirmação está a exclusão do ‘outro’ - africano ou ameríndio -, que não se encaixa na almejada ‘europeidade’ e para o qual se nega um lugar nas representações e identidades sobre o Rio Grande do Sul”.

Frente a este quadro, a primeira pesquisa a nível estadual que buscou modificar este panorama, foi a de Fernando Henrique Cardoso (1962). No entanto, este pesquisador, assim como os demais membros da chamada Escola Paulista de Sociologia, apesar de ter conseguido denunciar a violência das relações escravistas e negar o mito da democracia racial da versão gaúcha, ficou muito preso a um marxismo esquemático. Tal perspectiva, como explica Domingues (2009, p. 219-220), via o escravo como coisa, no sentido de que eles não conseguiriam vislumbrar seus próprios interesses, sendo as suas vontades, meros reflexos da vontade dos senhores.

Somente perto da virada para o século XXI é que surgiram estudos que modificaram a forma de enxergar os negros no pós-abolição. É possível citar, a nível estadual, sobre outras cidades do Estado, os trabalhos de Müller (1999),

¹⁵ Aliás, essa não uma peculiaridade desse momento: pouco havia sobre o negro na República em geral.

¹⁶ Para mais informações sobre o tema, ver: LONER, B. A. A história operária no Rio Grande do Sul. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. esp., p. 53-79, 2001.

Mascarenhas (1999), Zubarán (2008) e Gomes (2008) e, a nível municipal, sobre a cidade de Pelotas, as pesquisas de Loner (1999), Loner (2011), Gutierrez (1999), Peres (2002) e Santos (2003). O que há em comum entre eles é o que Mattos e Rios (2004, p. 173) chamaram de “um diferencial marcante nos modernos estudos sobre o pós-abolição”, que seria a capacidade de captar

os projetos dos libertos, sua “visão” do que seria a liberdade, os significados deste conceito para a população que iria, finalmente, vivenciá-la, e não apenas para os que o definiram nos diferentes momentos do processo de emancipação (MATTOS; RIOS, 2004, p. 173).

Ou seja, esses estudos conseguiram superar àquela visão dos negros no pós-abolição como sujeitos passivos, mostrando como muitos conseguiram enfrentar o racismo e as dificuldades da inserção no mundo do trabalho assalariado das mais variadas formas. Não é preciso, nem desejável, ficar preso a uma lógica binária de pensamento. Para mostrar os horrores da escravidão não é preciso ocultar a atuação dos afrodescendentes contra ela. Da mesma forma, ao acentuar as formas de resistência dos afrodescendentes do período, não é necessário camuflar a escravidão, abrandá-la. Há um caminho intermediário, que denuncia a escravidão, mas que mostra como, mesmo assim, muitos negros conseguiram explorar ao máximo o que Loner (2011, p. 109) chamou de as escolhas possíveis entre as alternativas disponíveis¹⁷.

Gomes (2004) também traz uma contribuição interessante, pois, embora ela não discuta exatamente o pós-abolição, traça um paralelo interessante, e que pode ser útil para o período estudado neste trabalho, buscando encontrar um fio condutor entre os dois contextos abordados por ela, o trabalho escravo (nas décadas de 1870 e 1880) e o trabalho livre (nas décadas de 1910 a 1940):

Se uma história social do trabalho escravo teve que enfrentar mitos para se construir, o mesmo ocorreu com uma historiografia sobre a classe trabalhadora brasileira, que, como objeto histórico, começa a ser examinada em seu processo de formação a partir do fim da escravidão. Procurando fazer paralelos que auxiliem na aproximação dessas duas linhagens de estudos, geralmente pouco conectadas, eu diria que essa historiografia também combateu mitos correlatos ao paternalismo e à “coisificação” do escravo. Os nomes mais compartilhados de tais mitos são, a meu ver, populismo e manipulação de trabalhadores, cujo modelo teórico de fundo é o mesmo (GOMES, 2004, p. 174).

¹⁷ Davis (1987) adverte sobre os perigos de enxergar as escolhas das pessoas simples como muito limitadas, pois elas podem surpreender, encontrando novos caminhos.

O que está sendo defendido é que as pesquisas estão buscando, tanto nesses dois contextos citados pela autora, quanto no pós-abolição, enfatizar o papel de atores das suas próprias histórias a todos esses indivíduos, superando visões que tentam tratá-los como totalmente manipulados. Nesse processo é preciso sempre ter o cuidado de não cair no extremo oposto e fazer vistas grossas às dificuldades enfrentadas por estas pessoas.

Enfim, é uma postura que pretende ver os afrodescendentes não apenas como vítimas, mas como sujeitos históricos, afinal, conforme Thompson (1998, p. 346) comentou, corroborando a fala de um amigo acerca das críticas de algumas feministas ao seu texto *A Venda das Esposas*: “Sabe, essa gente está fazendo o mesmo erro de alguns historiadores dos negros. Eles sempre queriam mostrar os sujeitos como vítimas. Negavam-lhes atividade própria”.

É importante enfatizar uma vez mais que não se trata de negar o preconceito, afinal conforme Domingues (2009, p. 239-240) coloca:

Que o Rio Grande do Sul foi um Estado racista¹⁸ nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do XX, não se tem dúvidas. Para o historiador, entretanto, esse dado é insuficiente, de sorte que ele deve ir além e perscrutar as tensões, contradições e ambiguidades do sistema racial e revelar como estratos da população afro-gaúcha, em vez de vítimas passivas e assujeitadas, reagiam de maneira articulada (ou não) às adversidades da vida, fabricaram e refabricaram, seus próprios mecanismos de sociabilidade, política, cultura e lazer e, no limite, conquistaram o seu espaço na sociedade; não de maneira estereotipada ou estigmatizada, mas digna, respeitosa e “quase-cidadã”.

No entanto, outro tema acerca deste período merece ser explorado. Não é possível falar sobre o pós-abolição e não comentar sobre o acesso às fontes, pois a historiografia, no passado, já justificou a falta de trabalhos sobre o período alegando uma escassez de fontes. Sobre essa questão, Domingues (2009, p. 237) observa que “no que diz respeito às fontes para se incursionar pelo tema do negro no pós-abolição, já se veiculou o discurso de que elas não existiriam. Nada mais falso”. Para ele, elas estão, de fato, menos centralizadas em arquivos que os acervos de outros períodos. Mas isso não é sinônimo de não-existência ou de barreira para pesquisas:

¹⁸ E infelizmente ainda é.

Para driblar, portanto, o “silêncio das fontes” acerca da experiência histórica dos negros no pós-abolição, não existem fórmulas mágicas. Faz-se necessário desenvolver procedimentos novos (e rever os antigos) de tratamento *dos corpos* documentais, ousar, ser criativo, fazer uso do paradigma indiciário, cultivando um faro detetivesco e não desperdiçando nenhuma pista; manejar as estratégias e ferramentas de pesquisa com sensibilidade e uma dose de intuição, além, obviamente, de muita perseverança e paciência (DOMINGUES, 2009, p. 238).

Porém existe ainda outro problema, que envolve a interpretação das fontes e que, em muitos casos, interfere na identificação dos indivíduos ao longo da pesquisa. As autoras Rios e Mattos (2004, p. 176) fazem essa importante ressalva:

Apesar de uma anteriormente propalada falta de fontes, sabemos hoje que são inúmeras e ainda insuficientemente exploradas as fontes relativas à escravidão no Brasil [...]. Quando se trata do período pós-emancipação, entretanto, tem-se apenas (e mesmo assim precariamente) as designações de cor como via de acesso aos ex-cativos. Essa é uma dificuldade geral nas pesquisas sobre a experiência histórica pós-emancipação nas Américas. No Brasil, entretanto, é especialmente acentuada [...]. Processos cíveis e criminais, registros paroquiais de batismo, casamento e óbito, na maioria dos casos, não fazem menção da cor e, mesmo nos registros civis, instituídos em 1888, onde citar a cor era legalmente obrigatório, em muitos casos, ela se faz ausente.

Apesar dessas dificuldades, as referidas autoras concluem, de modo semelhante à Domingues (2009), colocando a diversificação dos tipos de fontes, com destaque delas para as fontes orais, como a principal alternativa para superar estes desafios.

A influência social e política dos movimentos sociais organizados, notadamente, o movimento negro que vem questionando o descaso dos pesquisadores com a história da população negra, do ponto de vista político, o ingresso na universidade, possibilitado por mudanças econômicas e políticas (como as ações afirmativas) de um número cada vez maior de indivíduos antes historicamente excluídos desses ambientes, do ponto de vista social, e os impactos na historiografia brasileira da *história vista de baixo*, do ponto de vista teórico, são fatores que, entre outros, tem feito do pós-abolição, uma área em franca expansão.

1.3 Referências teóricas e metodológicas

Em relação ao quadro teórico, a temática deste trabalho estará melhor amparada pela História Social e pela História Cultural, pois será estudado o impacto

de uma prática cultural num ambiente de segregação social, no qual existiam meandros sutis de preterição e constrangimento.

Sobre a questão da segregação social, tema central nesta pesquisa, Thompson (1998) fala sobre como as camadas superiores procuram manipular a cultura popular. O autor defende que “o povo está sujeito a pressões para ‘reformular’ sua cultura segundo normas vindas de cima” (THOMPSON, 1998, p. 13). Ele também comenta que as culturas conservadoras recorrem a costumes tradicionais e procuram reforçá-los e explica de que forma elas agem:

As formas são também não racionais; não apelam para a “razão” por meio do panfleto, do sermão ou do palanque do orador. Elas impõem uma variedade de sanções pela força, o ridículo, a vergonha e intimidação (THOMPSON, 1998, p. 19).

É com este olhar que será estudada a tensão entre a tentativa da elite de manter a prática do futebol restrita, muitas vezes a partir do constrangimento social, e o interesse de participar dos afrodescendentes.

Dito isto, os próximos aportes teóricos tentarão situar como este trabalho entende o tema do preconceito com o negro.

Hofbauer (2006) faz um histórico do racismo na sociedade ocidental, que começa remontando à idade moderna:

Até o século XVI o conceito de raça – além de designar linhas matemáticas e astrológicas e de enfatizar características positivas de animais domésticos (como na expressão “cavalo de raça”) – era usado exclusivamente para destacar a “linhagem pura” de famílias nobres da realeza e dos bispos (HOFBAUER, 2006, p. 101).

Esta vinculação da raça com a linhagem é importante, pois ao analisar as metamorfoses históricas do racismo, o mesmo autor observa, em relação ao Brasil escravocrata, que:

Uma vez que o controle social era tratado como uma questão primordialmente privada, isto é, a esfera privada imperava sobre a pública, a concepção do Estado assemelhava-se mais a uma espécie de ‘núcleo familiar ampliado’. [...] Sabemos que os valores burgueses surgiram no contexto de uma história específica. A valorização do indivíduo e dos direitos civis deu-se como produto da luta da burguesia contra o Antigo Regime. [...] Trata-se de mudanças estruturais que não ocorreram no Brasil do século XIX (HOFBAUER, 2006, p. 151).

Portanto, ao falar de racismo no Brasil, é preciso lembrar que o paternalismo dominava as relações políticas. Além do preconceito étnico, os negros eram excluídos também por não fazerem parte das famílias mais influentes. Tal aspecto será fundamental para que se possa entender porque, quando os afrodescendentes começam a ter alguns direitos, isso acontece, num primeiro momento, apenas com um grupo restrito.

Ainda sobre as peculiaridades do racismo no Brasil, Guimarães (2005) lembra do uso do termo “cor”, observando que

a ideia de “cor”, apesar de afetada pela estrutura de classe (daí por que “o dinheiro embranquece”, assim como a educação), funda-se sobre uma noção particular de “raça”. Tal noção, ainda que gire em torno da dicotomia branco/negro, tal como no mundo anglo-saxônico, é específica na maneira como define “branco”. No Brasil, o “branco” não se formou pela exclusiva mistura étnica de povos europeus, [...] ao contrário, como “branco” contamos aqueles mestiços e mulatos claros que podem exibir os símbolos dominantes da europeidade: formação cristã e domínio das letras (GUIMARÃES, 2005, p. 50).

Voltando para as considerações sobre a “evolução” do uso do conceito, é importante perceber como é recente a superação de alguns desses discursos. Hofbauer (2006, p. 217) aponta que “alguns cientistas começaram, a partir da década de 1930, a reivindicar o abandono do conceito de raça”. No entanto,

foi apenas depois da Segunda Guerra Mundial, e principalmente na década de 1950, que, no Brasil, o discurso intelectual – hegemônico – do branqueamento sofreu questionamentos sérios (HOFBAUER, 2006, p. 261)¹⁹.

Para finalizar essa análise dos caminhos que o racismo percorreu, Guimarães (2005) faz colocações importantes, alertando que na década de 1950 foi questionado o conceito de raça do ponto de vista biológico, mas que este conceito permanece vivo na sociedade, sendo, portanto, um conceito social²⁰ e que assim deve ser encarado:

A necessidade de teorizar as “raças” como elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças e

¹⁹ Cabe salientar o impacto dos crimes raciais cometidos pelos nazistas para essa mudança de mentalidade, pois o holocausto chocou grande parte da humanidade, despertando o debate sobre os horrores que uma ideologia racista poderia ocasionar.

²⁰ Atualmente o termo raça tem, inclusive uma conotação afirmativa, na visão de muitos grupos.

privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas (GUIMARÃES, 2005, p. 67).

Além da discussão acerca do conceito de racismo, parece pertinente, à medida que essa pesquisa levará ao estudo de grupos étnicos, debater também as aproximações e os distanciamentos entre os conceitos de identidade e etnicidade. Na realidade, a melhor forma encontrada de trabalhar o segundo, foi partir do primeiro.

Ao se discutir o conceito de identidade, é fundamental começarmos reiterando a relação que ela possui com a diferença. Conforme Silva (2000, p. 75-76):

Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida aqui como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação.

Nesse mesmo raciocínio, mas já tentando explicar como esse processo de diferenciação atua, Woodward (In: SILVA, 2000, p. 39-40) comenta que “essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *exclusão social*”. É possível, ainda, complementar tal definição, com a argumentação de Hall acerca desta temática, afinal, segundo ele (HALL, In: SILVA, 2000, p. 106),

a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui.

Mas em outro texto de sua autoria, Hall (2005) discute uma outra questão que tem provocado modificações na forma como os pesquisadores enxergam a identidade. Segundo ele as transformações que as sociedades modernas têm

presenciado no final do século XX estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Estas transformações estão também mudando as identidades pessoais, abalando a ideia que as pessoas têm delas próprias como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse processo estaria gerando um novo tipo de sujeito, o pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade seria então uma "celebração móvel", sendo formada e transformada continuamente e sendo definida historicamente, e não biologicamente.

Esse sujeito assumiria identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós existiriam então identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estariam sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005).

As pesquisas que atualmente usam este conceito têm procurado se alinhar com estes dois aspectos já mencionados: a importância da diferença no processo de identificação e a necessidade de perceber que os indivíduos não possuem um "eu" totalmente unificado, mas múltiplas identidades, que podem ser assumidas ou não de acordo com as contingências.

Uma pesquisa que, a partir dessas concepções acima discutidas, ao invés de focar apenas uma identidade, trabalhe com uma dessas múltiplas identidades (ou melhor, com as relações dela com as demais), como a identidade étnica (ou etnicidade) poderá chegar a resultados interessantes²¹. Mesmo assim, é válida a advertência, sobre o principal perigo de trabalhar com história da identidade, feita por Hobsbawn (1998, p. 291-292):

O perigo reside na tentação de isolar a história de uma parte da humanidade – a do próprio historiador, por nascimento ou escolha – de seu contexto mais amplo. As paixões internas e externas para assim fazer podem ser grandes. Nossas paixões e interesses podem nos compelir nessa direção. [...] Os historiadores, conquanto microcósmicos, devem se posicionar em favor do universalismo, não por fidelidade a um ideal ao qual muitos de nós permanecemos vinculados, mas porque essa é a condição necessária para o entendimento da história da humanidade, inclusive a de

²¹ É o caso, por exemplo, das pesquisas de Bak (2003), Fortes (2004) e Lopes (In: BATALHA; SILVA; FORTES, 2004), que conseguiram discutir a identidade étnica em contato com outras identidades, sendo constantemente construída e reconstruída.

qualquer fração específica da humanidade. Pois todas as coletividades humanas são e foram necessariamente parte de um mundo mais amplo e complexo. Uma história que seja destinada *apenas* para judeus (ou afro-americanos, ou gregos, ou mulheres, ou proletários, ou homossexuais) não pode ser boa história, embora possa ser uma história confortadora para aqueles que a praticam.

Feitas estas primeiras colocações, que apontam para o uso da etnicidade, já que a identidade é muito ampla e já estará sendo discutida, de forma diluída, através daquele conceito, será interessante agora esmiuçar o conceito proposto, a identidade étnica.

Um bom ponto de partida para o tema é a colocação de Barth (2000, p. 25), segundo a qual,

muita atenção tem sido dedicada às diferenças entre culturas, bem como às suas fronteiras e às conexões históricas entre elas; mas o processo de constituição dos grupos étnicos e a natureza das fronteiras entre estes não têm sido investigados na mesma medida.

Buscando entender esse processo de constituição, ele comenta que, a definição de grupo étnico mais comumente encontrada na literatura é a de uma população que se autoperpetua do ponto de vista biológico, compartilha valores culturais fundamentais, constitui um campo de comunicação/interação e tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros (BARTH, 2000, p. 25). Diz ainda que “essa definição típico-ideal não está muito longe, em termos de conteúdo, da proposição tradicional de que uma raça = uma cultura = língua, e de que sociedade = unidade que rejeita ou discrimina outros” (BARTH, 2000, p. 25-26). Se contrapondo a esse ponto de vista, Barth (2000, p. 26) coloca que:

O principal problema desta visão é o seu pressuposto de que a manutenção das fronteiras não é problemática, e que isto se dá como consequência do isolamento que as características arroladas implicam: diferenças racial e cultural, separação social, barreiras linguísticas, inimizade espontânea e organizada. Com isso, limita-se também a gama de fatores ecológicos locais, através de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos. Essa história produziu um mundo de povos separados, cada qual com sua cultura e organizado em uma sociedade, passível de ser legitimamente isolada para descrição como se fosse uma ilha.

Essa crítica parece ir ao encontro do que Weber (2006) considera uma distinção entre as pesquisas sobre imigração, conceito que era mais usado por

historiadores, e os estudos sobre etnicidade, que era mais usado por antropólogos:

Com o objetivo de concentrar a discussão, situemos o que parece ser o ponto nevrálgico da diferença entre os estudos de etnicidade e os estudos de imigração: a questão da identidade. Na historiografia da imigração, o imigrante e seu sucedâneo, o grupo étnico, é tomado como dado; para os antropólogos, a identidade étnica é sempre uma construção (WEBER, 2006, p. 238-239).

Ou seja, quando Barth disse que o problema daquela visão consiste em não enxergar dificuldades na manutenção das fronteiras entre os grupos, ele estava justamente se referindo ao caso da concepção “primordialista” de identidade, pois como ela enxerga os grupos com uma “essência” que se mantém, não é possível ver as tensões internas e os desníveis que vão surgindo na separação entre diferentes grupos. Weber (2006, p. 241) confirma essa posição, acrescentando que “dizer que a identidade étnica é ‘construída’ é uma outra forma de dizer que ela é resultado de processo histórico, definição que se contrapõe a ideia de ‘primordial’”.

Portanto, além das críticas àquela visão, começa a se delinear uma proposta explicativa para a constituição de grupos étnicos, que vê a identidade étnica como algo construído. Sobre a forma como estes grupos se constroem/são construídos, Barth esclarece que:

Ao se focar aquilo que é *socialmente* efetivo, os grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social. A característica crítica passa a ser então [...] a auto-atribuição e a atribuição por outros. A atribuição de uma categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica, mais geral, determinada presumivelmente por sua origem e circunstâncias de conformação. Nesse sentido organizacional, quando os atores, tendo como finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnicos. [...] As categorias étnicas oferecem um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais. Podem ter grande importância em termos de comportamento, mas não necessariamente; podem colorir toda a vida social, mas também ser relevantes apenas em determinados setores de atividade (BARTH, 2000, p. 31-33).

Assim, é possível perceber que o termo central nesse processo é a atribuição. Atribuir, a si próprio e/ou aos outros, diferentes identidades étnicas, que vão se encaixar em diferentes categorias, é o mecanismo que, ao funcionar como uma forma de organização social, forma, também, diferentes grupos, neste caso, étnicos. Porém resta ainda estender essa argumentação para além da constituição dos

grupos, focando também as reconstruções/reelaborações necessárias a manutenção/adaptação/extinção destes grupos. Para o caso de grupos que conseguem manter a unidade étnica, Barth (2000, p. 66) comenta que

as fronteiras também são mantidas, e que conseqüentemente é possível especificar a natureza da continuidade e da persistência destas unidades. [...] As fronteiras étnicas são mantidas em cada caso por um conjunto limitado de características culturais. A persistência da unidade depende, portanto, da persistência dessas diferenças culturais, enquanto a continuidade também pode ser especificada através das mudanças na unidade ocasionadas por transformações nas diferenças culturais definidoras de fronteiras.

Para este último caso, da continuidade conseguida não pela manutenção da unidade, mas através das transformações das fronteiras, Weber (2006, p. 246) contribui retomando a ideia de construção: “dizer que as identidades são construídas e reelaboradas em um contexto interétnico, no qual os outros grupos têm papel nas atribuições daí resultantes, é dizer que a etnicidade é resultado da interação social”.

O que está sendo argumentado aqui, é que as reflexões trazidas acerca da identidade individual, como a noção de que ela é sempre construída e múltipla (e não totalmente unificada e dada a partir de uma essência), precisam ser estendidas as pesquisas que se debruçam sobre as identidades dos grupos.

Deste modo, fica claro que o uso do conceito de etnicidade traz várias contribuições ao estudo da história. Por isso, vários pesquisadores têm abandonado a visão da identidade como algo rígido, alicerçado em uma matriz única e, conseqüentemente, passaram a ver os grupos (neste caso étnicos), seus objetos de estudos, não mais com fronteiras dadas e origens bem delimitadas, mas como formas de organização social em constante (re)construção, com múltiplas identidades em disputa por reconhecimento, interno ou externo²².

A seguir, será discutido qual será o aporte teórico do futebol que, enquanto fenômeno social/cultural, está em contato com as tensões sociais, como no caso da segregação social do negro no início do século XX. Afinal as práticas culturais, ainda mais no caso do futebol por ser o esporte mais popular no Brasil, muitas vezes

²² Ao longo dessa pesquisa essa multiplicidade de identidades foi observada, pois, ao estudar as diferentes ligas e clubes, percebeu-se que nem sempre os clubes se identificavam apenas a um grupo, como elite, pequena burguesia, imigrantes, operários, negros, etc. Em vários casos, os clubes possuíam membros que se encaixavam em dois dos grupos citados. Nos capítulos 2 e 3, serão abordados clubes formados por operários, pequena burguesia e imigrantes, por exemplo, ou operários e negros.

reproduzem certas realidades sociais. Outras vezes, podem servir como mecanismo de mudança de algumas dessas práticas. Por isso, este trabalho pretende discutir o futebol como uma forma não só de legitimação do preconceito, mas também de organização dos grupos marginalizados contra esta realidade.

Neste contexto, essa pesquisa vai ao encontro dos comentários de Hobsbawm, sobre o papel que o futebol desempenhou na cultura operária. Segundo ele, embora os ativistas sindicais vissem o interesse pelo esporte com desprezo, como falta de consciência, o futebol vai desempenhar um papel unificador entre os operários ingleses, na década de 1880, que possuíam uma cultura comum representada, ao mesmo tempo, pela torcida por um time, pelo uso do boné e pelo consumo de peixe frito:

Parece claro que à medida que o futebol ganhou o apoio das massas, tornou-se cada vez mais uma atividade proletária, tanto para jogadores como para torcedores. Sem dúvida, primordialmente uma atividade dos trabalhadores mais especializadas ou mais respeitáveis, mas na medida em que torcer por um time unia todos que viviam em Blackburn, ou Bolton, ou Sunderland, e na medida em que o futebol tornou-se o tópico principal da conversa social no bar, uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, ele tornou-se parte do universo de todos os operários (HOBSBAWM, 2000, p. 294).

Este esporte já estava tão incrustado na cultura operária, que certas disputas adquiriam contornos de conflito/confronto:

O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo – na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava com uma das metades –, City ou United, Forest ou County, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou de qualquer parte. O modelo da cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares – com um pouco mais ou um pouco menos de emoção –, e era um modelo nacional, ou, para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial. Ele era nacional até na conquista anual simbólica do espaço público da capital nacional pelos dois exércitos proletários provincianos que invadiam Londres para o jogo de decisão do campeonato (HOBSBAWM, 2000, p. 291).

Mais importante do que discutir o impacto social do futebol na Inglaterra, é discutir este mesmo fenômeno em relação ao Brasil, visto que a temática de pesquisa é aqui situada. Neste sentido, as colocações de DaMatta (1994) são importantes. Segundo elas o futebol possibilitou ao brasileiro resgatar os valores mais profundos dos símbolos nacionais, antes restritos à elite e aos militares, e

permitiu ao povo o orgulho de ser brasileiro. Além disso, “instituiu abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional” (DaMATTA, 1994, p. 17).

Além dessas influências em relação à identidade nacional, o autor fala de alguns impactos do futebol nas experiências do povo brasileiro. Sobre os aspectos negativos, o autor reconhece que:

Sua função no mundo moderno tem uma ligação íntima com dois aspectos fundamentais da vida burguesa. O primeiro é a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, quando exige que todos cheguem aos estádios em horas certas, pagando corretamente as entradas. E o segundo é a sua ligação íntima com a idéia de *fair-play*, pois esporte trivializa a vitória e a derrota. Ora, essa socialização para o fracasso e para o êxito, essa banalização da perda, da pobreza e da má-sorte, somente poderia ocorrer numa sociedade transformada, como disse Karl Polanyi, pelo mercado que tudo engloba e faz crer que todos são mesmo jogadores com iguais oportunidades. Ademais, o esporte afirma valores capitalistas básicos, como o individualismo (cada um de nós tem o direito de escolher um clube, time ou herói esportivo), e o igualitarismo (no início do jogo os adversários são iguais e devem ser tratados com lisura e respeito, principalmente na derrota), o que, como já disse, ajuda na socialização de uma justiça burguesa universalista (DaMATTA, 1994, p. 13-14).

Porém, se hoje essas características, que reforçam o individualismo, podem ser consideradas vilãs, na chegada do futebol a estas terras o contexto era outro. Na última década do século XIX e nas primeiras do século XX,

o velho esporte bretão entrava em conflito com valores tradicionais. Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol (DaMATTA, 1994, p. 12).

É neste contexto social, que algumas das características mais interessantes dessa interação entre futebol e povo brasileiro se manifestam. DaMatta (1994, p. 16) comenta que o futebol foi importante para a sociedade brasileira, primeiramente pela sua capacidade de agir como um código de integração social:

De fato, o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer. Ora, essa experiência com uma organização coletiva com a qual podemos nos identificar abertamente e que opera para nosso deleite e benefício é muito rara no mundo diário brasileiro, um universo onde as instituições públicas estão, há décadas, desmoralizadas pela inflação e por práticas sociais clientelísticas e personalistas desconcertantes, difundidas por todos os partidos políticos e irremovíveis.

Outros aspectos positivos apontados pelo autor são a capacidade de proporcionar ao povo, através dos títulos dos seus times, a experiência da vitória e do êxito e a alternância entre vitoriosos e perdedores, análoga ao processo democrático de escolha de governantes. Por fim, segundo ele, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social, através das regras do esporte:

Produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. E, melhor que tudo, que as regras valem pra todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, e para os sãos e os doentes. Nesse sentido profundo o futebol dá uma potente lição de democracia (DAMATTA, 1994, p. 16-17).

Mas é importante perceber, que o que está “em jogo” aqui, não são apenas as opiniões dos teóricos acerca do futebol. Essa divergência de opiniões pode apontar para diferenças teóricas mais profundas. A opinião de Adorno (2002, p. 113-114) contribui no entendimento do ponto de vista que enxerga o futebol como alienação, como disciplinamento:

Ainda faz falta uma penetrante sociologia do esporte, sobretudo do espectador esportivo. Todavia, parece evidente a hipótese, entre outras, de que, mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no “team”, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer “fit” é falso só pelo fato de colocar a “fitness” como fim em si; “fitness” para o trabalho é contudo uma das finalidades secretas do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que, sob a pressão social, nós temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável.

Ora, essa visão do esporte como adestramento para o trabalho, como desvio de foco dos trabalhadores para os “reais” problemas deles, está ligada a ideia de que as condições materiais são determinantes, tendo primazia sobre a cultura. Ao tratar o futebol dessa forma, está sendo defendido, de modo subjacente, o retorno à ideia de que a base econômica determina a superestrutura cultural. Thompson (2001, p. 254-255) já alertou para os problemas desse tipo de visão:

Uma divisão arbitrária como essa, de uma base econômica e uma superestrutura cultural, pode ser feita na cabeça e bem pode assentar-se no papel durante alguns momentos. Mas não passa de uma ideia na cabeça. Quando procedemos ao exame de uma sociedade real, seja qual for, rapidamente descobrimos (ou pelo menos deveríamos descobrir) a inutilidade de se esboçar respeito a uma divisão assim.

A proposta do neomarxismo, de superação desta visão determinista, fruto de um marxismo esquemático, é fundamental para a compreensão da relação dinâmica, de circularidade entre o econômico e o cultural, que este trabalho defende. Essa questão, está intimamente ligada, também, a outra proposta desta pesquisa, que é a defesa do protagonismo dos sujeitos históricos, já defendida no subcapítulo anterior, ao se falar do pós-abolição. Nessa linha de raciocínio, as considerações de Thompson (1981, p. 182) sobre o conceito de experiência se mostram fundamentais:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência humana] – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Portanto, ao invés das relações de produção determinarem as situações experimentadas pelos sujeitos, o termo experiência se torna o elo de ligação entre ambos. Não caindo no radicalismo oposto (que seria negar o peso da base econômica sobre a atuação individual), o que este conceito propõe é justamente a percepção da relação de circularidade entre as relações de produção e as experiências dos sujeitos históricos, sem primazia de nenhuma das partes. Essa discussão é muito importante para este trabalho, e será retomada nos capítulos seguintes, pois será observado nas fontes, se essa característica do futebol estará presente. Se por um lado, se viu este esporte reforçando o preconceito, por outro esta capacidade de integração e de igualdade amparada nas regras, pode ter feito do futebol uma prática que contribuiu para a superação dessa realidade excludente. É importante reiterar que não se trata de abrandar o preconceito sentido nos momentos em que foi vedada, também a prática deste esporte, mas perceber que o futebol possui potencialidades integradoras.

Em relação ao referencial metodológico, essa pesquisa será desenvolvida

através de uma análise qualitativa de fontes escritas e fotografias. Primeiramente, a respeito do uso de textos não escritos, é imprescindível que se perceba que:

Não é de hoje que a história proclamou sua independência dos textos escritos. A necessidade dos historiadores em problematizar temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais, à medida que se aproximava das demais ciências sociais (MAUAD, 1996, p. 77-8).

Além disso, é importante explicitar com qual olhar as fontes serão tratadas. Nas fotografias:

Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 75).

Parafraseando Jacques Le Goff, a autora (MAUAD, 1996, p. 80) argumenta, ainda, que a fotografia deve ser considerada simultaneamente imagem/documento e imagem/monumento:

No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.

Estando ciente, portanto, do olhar que deve ser direcionado para o registro fotográfico, é importante dizer que esta pesquisa poderá cumprir adequadamente um critério apontado pela mesma autora, quando ela diz que “há que se observar um critério de seleção, evitando-se misturar diferentes tipos de fotografia” (MAUAD, 1996, p. 83), afinal as fotografias estudadas serão todas do mesmo tipo (jogadores perfilados, formando uma equipe).

Ainda sobre as imagens, Kossoy (1989, p. 35-37) alerta para a existência de duas possibilidades de investigação para este tipo de fonte, a história *da* fotografia e a história *pela* fotografia. Neste trabalho será dada ênfase a segunda opção, pois as fotografias serão instrumentos de investigação sobre o passado, até por não possuir

informações suficientes para fazer uma análise tão profunda da imagem, como é exigido pela primeira opção assinalada.

Em relação às fontes escritas, algumas considerações precisam ser feitas. Como estas se vinculam aos periódicos, as considerações de Fraga (2004) são o ponto de partida, pois ele coloca que ao termos contato com o jornal “nos deparamos não com reproduções exatas, mas com interpretações do acontecido, interpretações estas carregadas da subjetividade de seus produtores” (FRAGA, 2004, p. 22). Elmir (1995) aconselha que ao manusear o jornal seja feita uma leitura intensiva, ou seja, “a leitura deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha” (ELMIR, 1995, p. 21). É importante, ainda, assinalar que cada jornal, longe da ilusão da imparcialidade, expressa ideias e juízos do grupo que o comanda e mantém. Sobre essa questão, Espig (1998, p. 274) alerta que

um dos mais freqüentes problemas no tratamento dado aos jornais pelos historiadores [...] é a ausência de uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, e sua utilização como se este fosse uma fonte precisa, no qual a informação é válida por si mesma.

Outro detalhe importante, diz respeito ao público alvo do jornal. Fraga (2004, p. 22) aponta para o fato de que “o trabalho do historiador que vislumbra a imprensa e sua atuação ao longo do tempo, dirá respeito, por fim, ao seu próprio tempo, uma vez que é a partir de sua contemporaneidade que ele estabelecerá suas problemáticas e questionamento”. Elmir (1995, p. 22) alertava que o pesquisador deve perceber que ele não é o leitor-modelo daquele periódico, mas que existia um leitor ideal quando da publicação. Discutindo essa relação entre o jornal e o leitor-alvo, Espig (1998, p. 277) observa que é possível perceber “para o jornal uma relação circular com o real: ao mesmo tempo que dá exteriorização a um determinado discurso criador de significados, também encontra-se atrelado ao que é possível dizer”.

Sendo assim, é fundamental perceber qual grupo controla qual jornal, para saber interpretar o que se lê. Em relação à temática de pesquisa, alguns autores já analisaram os principais jornais da cidade e, com base nesses estudos, foi possível saber para quais jornais a pesquisa devia ser direcionada. Dessa forma, é importante fazer algumas observações sobre os jornais utilizados neste trabalho. O

primeiro jornal do qual foram obtidas fontes escritas, foi *O Libertador*. Sobre ele, Loner (1998, p. 31) comenta que:

Como todos os jornais oposicionistas, buscará uma maior aproximação com o movimento operário e popular na cidade, mas, diferentemente dos demais, esse era um jornal com uma forte aproximação com a Igreja Católica. Será também um jornal de vida longa para os parâmetros de um órgão oposicionista, tendo durado até 1937, sendo fechado quando o Estado Novo aboliu os partidos e concomitantemente decretou o fechamento de vários jornais partidários.

O segundo, *A Opinião Pública*, tem as seguintes características:

O fato de ser um jornal consolidado e respeitado na cidade, possuindo clientela fixa e, ao mesmo tempo, estar disponível para arrendamento, tornou este jornal singular dentro do contexto pelotense da República Velha. Em primeiro lugar, porque permitia a qualquer grupo político ou empresarial com capital suficiente para bancar suas pretensões promover suas idéias, sem ter que passar pela fase inicial de implantação de um jornal, fase extremamente árdua e que normalmente termina produzindo periódicos natimortos. Ao contrário, sendo um órgão já tradicional, incorporado aos costumes da cidade – entre eles o de ler o jornal – *A Opinião Pública* permitia a rápida difusão das idéias do novo grupo dentro de cada lar e de cada empresa da cidade. Assim, ele é um espaço à disposição de quem tem dinheiro e um projeto a veicular (LONER, 1998, p. 14).

O Correio Mercantil é um dos mais antigos jornais da República Velha, tendo sido fundado em 1º de janeiro de 1875, em pleno período imperial por Antonio Joaquim Dias. O jornal marcou por ser um dos primeiros jornais diários da cidade e pela receptividade do periódico a todas as campanhas que implicassem em melhoramentos para Pelotas. Nas mãos do fundador o jornal foi abolicionista e depois republicano, mas sempre com posições moderadas e conservadoras. Em 1906 ele foi vendido a Augusto Simões Lopes, em 1907 foi transferido para Victor Leivas e em 1908 vendido a partidários de Fernando Abbot, dissidente do PRR e que organiza o Partido Democrático no Estado, passando então a ser um órgão de oposição. No início da década seguinte, o jornal vai sempre participar de campanhas contra a carestia, buscando alianças no meio operário e popular no sentido de fustigar o governo municipal. Em 20 de novembro de 1915 o jornal suspende sua publicação e renasce em 1929 com uma proposta vinculada as classes empresariais em termo de linha editorial, subsistindo até julho de 1932 (LONER, 1998, p. 8-10).

O Diário Popular, “fundado em 27 de agosto de 1890, será o jornal oficial do Partido Republicano Rio Grandense em Pelotas durante toda a República Velha”

(LONER, 1998, p. 11). Por isso, o periódico, que quase foi empastelado em 1923, quando da invasão da cidade pelas tropas de Zeca Neto, apresentou:

Uma grande estabilidade, inclusive na sua linha editorial ao longo dos anos e das décadas da Primeira República, pois sempre vai representar os interesses da situação na cidade, que será governada praticamente sem interrupções pelo PRR (LONER, 1998, p. 12).

O jornal *O Rebate* é fundado por Frediano Trebbi em 1914, após perder seu jornal anterior, *A Reação*, para chefes locais do seu partido. Trebbi, federalista ferrenho, nunca contemporizou com os republicanos, sempre envolvido com perseguições políticas e censura:

Extremamente radical e inflamado na defesa de suas posições, na mesma medida respeitava as ideias alheias, acolhendo-as em seu jornal, mesmo que particularmente ferissem seus próprios interesses ou posicionamentos. Valente e destemido, provocava continuamente o poder municipal e especialmente as autoridades policiais, denunciando suas arbitrariedades, especialmente quanto a pessoas humildes ou opositores (LONER, 1998, p. 24).

Em todos os momentos de cobertura de greves gerais na cidade ou em Rio Grande, sempre tomou o ponto de vista dos grevistas, criticando a repressão do governo. Mas Trebbi não era anarquista. Era um opositor convicto, federalista. Depois da invasão da cidade pelas tropas de Zeca Netto, do qual fez ampla cobertura e entusiásticos elogios, é obrigado a refugiar-se na casa de seu pai e depois é forçado a deixar a cidade. O jornal não sobrevive a sua partida, finalizando em início de 1924 (LONER, 1998, p. 26-29).

O sexto jornal, que será provavelmente o mais utilizado nesta pesquisa, é *A Alvorada*. Para que seja entendida a importância dele para a população negra pelotense, e conseqüentemente para a temática deste trabalho, é necessário perceber que

o jornal *A Alvorada* circulou na cidade de Pelotas e região de 5 de maio de 1907 a 13 de março de 1965, o que o torna hoje o mais longo periódico da imprensa negra brasileira. Foi fundado por trabalhadores, na sua maioria de origem afrobrasileira, para ser um veículo de informação, defesa e protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense. Por meio de suas páginas podemos resgatar boa parte das trajetórias de vida de alguns dos principais intelectuais negros pelotenses e líderes operários, bem como acompanhar as discussões e demandas dos trabalhadores brasileiros daquele período. [...] O Jornal era o espaço onde a comunidade se via representada. Fotografias, anúncios de nascimento e morte, convites para

bailes, aniversários, casamentos e jogos de futebol, denúncias sobre casos de discriminação e preconceito racial, divergências internas, tudo está nas páginas do semanário. Reconhecido em Pelotas como “jornal de negro”, *A Alvorada* nos abre a janela para o passado e descortina uma comunidade negra cheia de história, organização e trabalho (SANTOS, J. A. IN: LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.), 2010, p. 13).

Este mesmo autor referenciado acima, em outra obra, cita uma publicação de 1949, no próprio jornal, de um dos fundadores, que complementa a descrição, explicando que o repertório do jornal era formado de “polêmicas e noticiário, e principalmente como defesa de todo aquele que fosse atingido pelo preconceito de cor dentro ou fora do país” (SANTOS, 2003, p. 106). Através do trabalho deste autor, não é difícil entender porque este foi o periódico mais utilizado nesta pesquisa.

Porém, no que concerne aos aspectos metodológicos, cabem, ainda, mais algumas considerações sobre a forma como essa pesquisa qualitativa será conduzida. Existem muitas fontes tratando dos resultados dos jogos e poucas que fornecem indícios diretos acerca da composição étnica dos clubes. Frente a isso, a alternativa foi tentar encontrar outros tipos de fontes, como acervos particulares, fotografias, revistas dos clubes, etc.

Mas o tratamento das fontes encontradas é que acaba sendo diferente, sendo de grande valia, nesse caso, conduzir a interpretação das fontes numa perspectiva interpretativa, indiciária. Ginzburg (1989, p. 178-9) faz uma reflexão interessante sobre as diferenças entre as ciências da natureza e as humanas, defendendo que a metodologia não deve ser amordaçada em prol de uma pretensa aproximação a um estatuto científico das ciências “duras”:

Mas pode um paradigma indiciário ser rigoroso? A orientação quantitativa e antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. [...] Mas vem a dúvida de que *este tipo* de rigor é não só inatingível mas também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana – ou, mais precisamente, a todas as situações em que a unicidade e o caráter insubstituível dos dados são, aos olhos das pessoas envolvidas, decisivos.

Distante da impossibilidade de uma pesquisa quantitativa, o que pode ser feito é interrogar a fonte ao máximo, levantando hipóteses para tentar explicar as lacunas que irão surgir.

Nesse processo, a variação da escala de análise, ferramenta característica da

micro história, pode auxiliar bastante. Levi (2003, p. 283) explica esse conceito, ressaltando que não se trata apenas de ver em escala micro, mas de, na variação da escala, captar elementos que não eram percebidos em escala macro:

La consideración de la pequeña escala se propone, entonces, como un modo de captar el funcionamiento real de mecanismos que, en un nivel "macro", dejan demasiadas cosas sin explicar. Y la insuficiencia de esas explicaciones se puede comprobar en los debates sin salida que, continuamente, nos involucran a todos: el consenso popular de apoyo al fascismo; una clase obrera que ha asimilado la cultura de la burguesía victoriana; un mundo campesino arcaico que debe desaparecer frente al progreso, y temas por el estilo. La escala está aquí evidentemente equivocada, porque no puede dar respuestas sino hasta el momento en el que sea capaz de calar en una situación concreta, tal vez no generalizable, pero que de cualquier manera sea capaz de permitir la elaboración de un instrumental conceptual menos burdo que aquel que ha sido construido sobre los agregados anteriores demasiado indefinidos.

No final, com os bons resultados obtidos com essa estratégia, é possível questionar se todas as pesquisas, mesmo as quantitativas, não deveriam usar essa leitura intensiva da fonte. Mas na maioria dos casos, o grande volume documental é que acaba impedindo esse tipo de procedimento. Pelo menos, este não é um problema que esta pesquisa precise enfrentar.

2. O Futebol em Pelotas

Na cidade de Pelotas, os primeiros anos da prática do futebol não apresentaram grandes variações em relação ao contexto discutido no capítulo anterior. Mascarenhas (2014, p. 40-41) coloca que:

o geógrafo Loïc Ravenel (1998, p. 68-72) identificou três tipos básicos de difusão do futebol: 1) por transplante (ingleses vivendo em outros países criam clubes de futebol); 2) por relação (contatos privilegiados de nacionais com ingleses permitem a inovação); e 3) por imitação (quando nacionais aderem ao futebol após assistir a ingleses praticando-o seguidamente em praias, parques, etc.) [...] Le Havre na França, Gênova na Itália e Rotterdam na Holanda. Bilbao na Espanha e Bremen na Alemanha. Belém no Brasil, Callao no Peru e Valparaíso no Chile, sem citar os casos notórios de Montevideu e Buenos Aires. São inúmeros os casos de cidades portuárias que, a partir da exibição informal de marinheiros britânicos, tiveram contato precoce com o futebol, quase sempre antes de qualquer outra localidade em seus respectivos países.

Aqui também, a primeira partida teve relação direta com questões geográficas/portuárias, pois o clube que fez a primeira exibição de futebol em Pelotas, o S. C. Rio Grande, foi fundado naquela cidade por descendentes de ingleses e alemães e fez seus primeiros amistosos contra tripulantes de navios estrangeiros, sendo o primeiro o navio inglês Nymph (RIGO, 2004, p. 55-59). Além disso, a popularização e o aumento do interesse pelo esporte estiveram muito atrelados às elites locais, seja nas suas relações com outros indivíduos de classes abastadas da Europa ou de países vizinhos, notadamente da Argentina e do Uruguai. Conforme a pesquisa se aproxima dos anos 1930, será percebido também um movimento de procura pelos times de maior expressão da cidade. Talvez a principal, se não a única, peculiaridade que possa ser apontada seja o protagonismo estadual dos times dessa elite pelotense, que foi significativo no início do século XX e acabou se atenuando ao longo dos anos, na medida em que o potencial econômico da cidade também se enfraqueceu²³.

²³ Mario Osorio Magalhães demonstra como a economia gaúcha se modificou, com as charqueadas perdendo espaço: “Em 1861 o charque e o couro participavam com 74,9% do total de exportações da província. Esse índice, 1890, baixa para 54,9%. Em 1927, no entanto, há uma queda para 24,5%. Enquanto isso a produção de arroz, banha, farinha de mandioca, feijão, fumo e vinho, que em 1861 participavam de 5,4% e em 1890 com 29,2% do total das exportações, aumenta sua cota para 43,9% no ano de 1927” (MAGALHÃES, 1993, p. 295).

2.1 Chegada e popularização do futebol

Do Rio Grande virá um trem expresso conduzindo exmas. Famílias e o Sport Club Rio Grande, que jogará uma partida de bola no parque, assim mais realce dando a festa da Gaúcha (DP, 05/10/1901).

A primeira partida de futebol em Pelotas, conforme a notícia que abre este subcapítulo, provavelmente ocorreu em 06 de outubro de 1901²⁴, quando o S. C. Rio Grande, clube que havia sido fundado no ano anterior e que detém o título de clube mais antigo do Brasil em atividade ininterruptamente, jogou uma “partida de bola” no Parque Pelotense do Fragata. É possível perceber a quase irrelevância dessa partida, dado que ela aparece, no mesmo jornal, diluída na programação da festa da União Gaúcha, em meio ao baile ao ar livre e um torneio de argolinhas. A falta de outras partidas nos próximos anos também indica esse desinteresse inicial. O S. C. Rio Grande esteve envolvido com a difusão do futebol em outras cidades do Rio Grande do Sul, notadamente em Bagé e em Porto Alegre, inspirando a fundação do Grêmio F. B. P. A. Voltando a falar de Pelotas, dois anos depois, em novembro de 1903, outro time de Rio Grande realiza uma partida demonstrativa no Prado Pelotense, o S. C. União (RIGO, 2004, p. 66; ALVES, 1984, p. 13).

Já o primeiro clube de futebol da cidade de Pelotas, o Atlético F. B. C., foi fundado em 1904 por Octávio Mascarenhas, que trouxe a primeira bola de Montevidéu, uma bandeira e as regras do jogo. A camisa era azul celeste e o Atlético jogava num campinho da zona da Luz, junto à chácara e tambo do Sr. Manéca Avila, defronte à Igreja (ALVES, 1984, p. 13-14)²⁵. Mesmo assim, essa parece ter sido uma iniciativa isolada, pois não foi possível encontrar notícias sobre a criação de outros clubes em 1904 ou 1905. Parecia que iria vigorar aqui, a “profecia” de Graciliano Ramos, que afirmou que esse modismo inglês, jamais vigoraria no interior do nordeste:

Pensa-se em introduzir o *football* nesta terra. [...] Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente [...] um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. [...] Temos esportes em

²⁴ Para mais informações sobre ela, ver RIGO (2004, p. 55-60) ou ALVES (1984, p. 13).

²⁵ Nos jornais consta uma diretoria do Club Atlético, que pode ser ou não o Atlético F. B. C., eleita em 1906, composta de esperançosos estudantes (OP, 19/07/1906), APBL (Arquivo Particular Beatriz Loner).

quantidade, para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O *football* não pega, tenham a certeza (1990, p. 24-25).

Nas décadas seguintes a afirmação de Graciliano se mostraria errada em relação ao nordeste. Em Pelotas, se ideia semelhante foi proposta, também sofreu incontestável erosão. Nesse sentido, Alves (1984, p. 16) diz que foi em 1906 “o primeiro grande ano do futebol em Pelotas”. Rigo (2004, p. 69) confirma que, “ao que tudo indica, 1906 pode ser considerado o ano em que o futebol deu os sinais indicativos de que veio pra ficar. A partir desse ano, cada vez mais, ele se fez presente nos eventos festivos e esportivos da elite pelotense”.

Essa conclusão parte principalmente das notícias sobre a criação de clubes nesse ano. Já em 1º de janeiro de 1906 foi fundado o *Club Sportivo*, que é náutico mas dedicava-se a vários esportes (DP, 04/01/1906, APBL), entre eles, segundo Alves (1984, p. 14)²⁶, o futebol. No dia 10 de janeiro de 1906 foi fundado o C. S. Internacional (DP, 10/01/1906, APBL). No dia 27 de maio de 1906 foi fundado o *Foot Ball Club*, dissidência do C. S. Internacional (eleita diretoria, OP, 17/06/1907, APBL). Em 1º de junho de 1906 foi fundado o S. C. União (assembleia para posse da diretoria, OP, 30/05/1907, APBL). Alguns clubes aparecem nos jornais, mas não é possível identificar a data de fundação, como no caso do S. C. Esperança que empossou diretoria em setembro (OP, 03/09/1906, APBL), ou do C. E. 7 de setembro que elegeu diretoria dia 7 (OP, 13/09/1906, APBL).

Após esse ano em que vários clubes são criados²⁷, em 1907 nasce a Liga Pelotense de Futebol (LPF). O primeiro torneio é disputado em 1908, entre o S. C. União, (que sai ao longo da competição²⁸), o *Foot Ball Club* (que é o vencedor) e o C. S. Internacional. Depois desse torneio, a Liga acaba não tendo continuidade e os dois últimos clubes se fundem, criando em 11 de outubro de 1908 o S. C. Pelotas (ALVES, 1984, p. 16). Esses clubes eram constituídos por membros da elite pelotense e a atividade predominante no período foi a realização de amistosos entre

²⁶ Para se ter uma ideia das opções esportivas da época, convém destacar quais os esportes que o autor citado aponta que eram oportunizadas pelo referido clube: regatas, exercícios de tiro ao alvo, esgrima, lutas, ginástica, equitação, ciclismo, natação, tênis, *cricket* e *football*.

²⁷ Nos jornais consta ainda, em 12 de maio de 1907, a reabertura e posse de diretoria do S. C. Brasileiro (OP, 23/05/1907, APBL), não sendo possível descobrir se ele é deste ano ou se é mais um de 1906, ou até anterior.

²⁸ “De ordem de sua diretoria torno público de que, para não impedir o bom funcionamento da Liga Pelotense de Futebol, o S.C. Pediu em ofício a mesma, hoje, a sua exoneração. Carlos G. Sicca, sec,” (OP, 25/05/1908, APBL).

as equipes e com equipes de outras cidade gaúchas ou mesmo do Uruguai e da Argentina.

Este interesse da elite pelotense pelo futebol tem explicação geográfica (proximidade com Rio Grande, do clube mais antigo, e com a Argentina e o Uruguai, onde o futebol já era praticado antes do Brasil), mas tem, sobretudo, uma explicação econômica. Magalhães (1993, p. 296), comparando Pelotas a Porto Alegre, destaca que:

Os dois municípios praticamente se equiparavam, em desenvolvimento, no transcorrer do Império. Mas, em 1927, do total das receitas arrecadadas pelos municípios gaúchos, Porto Alegre participará com 43,2%, em primeiro lugar; Pelotas, mesmo em segundo lugar, terá o índice de 6,5%.

Apesar do fim da escravidão e da conseqüente queda acentuada dos setores das charqueadas e da indústria saladeiril, que os fez deixar de rivalizar com a capital, essa região continuou tendo uma importância significativa dentro do contexto estadual, seja nas dimensões política, econômica ou cultural, importância esta, que vai se perdendo com o decorrer do tempo.

Com uma situação econômica favorável durante o período de funcionamento das charqueadas, muitos senhores enviavam seus filhos para estudar na Europa, onde o futebol já era mais praticado e possuía um significado social maior. Portanto,

essa empatia inicial pelo futebol, muitas vezes iniciada em terras estrangeiras, acontecia tanto com os distintos cidadãos de posse da região, que viajavam seguidamente a negócios ou a passeio, como também com os seus filhos, que na época iam estudar na Europa. Ao retornarem às suas cidades de origem, além de camisas de seda, da literatura em voga e das novidades europeias do ano (o corte de cabelo, as palavras mais usadas, os costumes e hábitos corporais em moda), alguns desses seletos filhos da elite da região trouxeram também informações, material apropriado e um certo conhecimento prático do futebol (RIGO, 2004, p. 64).

Além disso, o material para a prática era caro, sendo a bola um item precioso. Juntando esses fatores, é possível entender porque os primeiros anos do futebol em Pelotas foram marcados pelo elitismo.

2.2 A segregação do negro e as ligas de futebol

A década de 1910 é central para a discussão acerca das diferenças étnicas entre os times e as ligas de futebol da cidade. Loner (1999) fala sobre a tensão entre elite e democratização deste esporte em Pelotas, lembrando que o S. C. Aliança dos Operários, possuía dois negros em sua primeira diretoria, ainda em 1909 (Alvorada, 17/10/1909, citado em 22/10/1955). Para ela (1999, p. 142), o futebol

desenvolveu-se primeiro junto às classes mais abastadas, mas rapidamente o futebol encontrou-se com a classe operária e demais setores populares. Já em 1909 havia o clube Aliança dos Operários, cuja primeira diretoria contemplava dois negros em posições de destaque.

Nesse sentido, o S. C. Juvenil, clube composto de operários e negros que jogou a Liga José do Patrocínio (LJP), parece ter sido fundado em 13 de maio de 1908, já que em 1934 completou seu 26º aniversário de fundação (Alvorada, 05/05/1934) e em 1935 “comemorando a 13 do corrente seu 27º aniversário de fundação, fará pomposo baile” (Alvorada, 05/05/1935).

Apesar desse interesse de outros grupos sociais, Loner (1999, p. 144) comenta que

essa transformação iniciou ainda nos times de várzea e nas disputas amigáveis, pois os principais campeonatos foram, por muito tempo, controlados pela elite. Dizer que o futebol era um esporte mais democrático não significa que ele fosse imune aos processos seletivos vigentes na sociedade. Houve discriminação racial em vários desses clubes, mais evidente nas diretorias, mas evidenciando-se, em alguns casos, também no campo de esportes.

A elite tomava medidas para tentar garantir que este esporte continuasse restrito. Segundo Rigo (2004, p. 82), a intenção era a de controlar:

Quem, como e onde se praticava o futebol fazia parte das intenções da elite da época, que estava atenta para fazer de seu tempo de lazer uma experiência singular de classe. A resistência a uma miscigenação maior, tanto social como racial, era uma das fortes preocupações para uma fração significativa da cidade, que fazia questão de viver aristocraticamente.

Assim, em Pelotas “destacam-se inicialmente os times de elite, como o: Brasil, Pelotas, Ideal, União, Rio Branco e outros” (LONER, 1999, p. 144). No entanto, na década de 1910 uma profusão de clubes aparecem nos jornais e talvez a

melhor forma de compreender com que grupo cada um se identificava seja observar a criação de ligas. Conforme dito na introdução deste trabalho, em 1922 existiam quatro Ligas de futebol em Pelotas.

A primeira delas, a Liga Pelotense de Futebol (LPF), é criada em 1907, mas acaba não tendo sequência, voltando a organizar um campeonato em 1913²⁹, do qual participaram o S. C. Pelotas, S. C. União, S. C. Rio Branco, G. S. Guarany e G. S. Brasil. As duas principais forças desta liga no primeiro ano eram o S. C. Rio Branco e S. C. Pelotas, este campeão em uma virada espetacular sobre aquele, por 4 a 3 (ALVES, 1984, p. 39). Em 1914, uma terceira força surgia, o G. S. Brasil. O campeonato foi organizado por pontos corridos, dessa vez com seis clubes, os cinco de 1913 e o G. S. Ideal, com turno e retorno. No retorno, a primeira vitória do G. S. Brasil no que futuramente viria a se chamar clássico Bra-Pel: Brasil 3, Pelotas 0. Na penúltima rodada, o S. C. Pelotas chegou a 16 pontos e se enfrentaram G. S. Brasil e S. C. Rio Branco, cada um com 15 pontos. Melhor para o S. C. Rio Branco, que venceu por 3 a 1, indo a 17 pontos. Na rodada seguinte, a última, venceu o S. C. União por 5 a 1, confirmando o título (ALVES, 1984, p. 42-43).

Contudo, apenas falar das ligas parece não ser suficiente para compreender as relações existentes entre elas e os clubes. Para a criação de ligas, é necessária a existência prévia de clubes e a realização de jogos amistosos entre alguns deles. Desse modo, cabe falar sobre a fundação de cada um desses seis clubes³⁰.

Dois clubes já haviam sido apresentados nas páginas anteriores: o S. C. União, fundado em 1906 e que jogou parte da primeira edição do campeonato da liga em 1908 e o S. C. Pelotas, criado em 1908, fruto da fusão entre o *Foot Ball Club* e o C. S. Internacional, de 1906, que também jogaram a campeonato de 1908. Restam outros quatro clubes a serem pontuados.

O G. S. Guarany foi fundado em 12 de dezembro de 1909 (convida para assembleia geral, CM 20/07/1910, APBL), além disso, antes de participar da Liga Pelotense de Futebol em 1913 (DP, 07/03/1913, APBL), já realizava jogos contra as equipes que viriam a disputar a Liga, como, por exemplo, o S. C. Pelotas (Tribuna, 05/05/1911, APBL). Também desenvolve outras relações com esses clubes da LPF e

²⁹ Talvez inspirados em Rio Grande, que fundou uma liga em 1912 (Alves, 1984, p. 30).

³⁰ A decisão de apresentar as ligas e depois os clubes, e não o contrário, foi tomada devido à infinidade de clubes que foi possível identificar a fundação, mas não era encontrada nenhuma informação sobre a participação em alguma liga ou vinculação a determinado grupo étnico, econômico ou social. Desse modo, é possível fazer o recorte para analisar os clubes que trarão contribuições diretas à pesquisa.

até da Liga Cassiano do Nascimento (LCN), como a realização de um espetáculo no palco do salão da Liga Operária em benefício dos cofres da Sociedade Musical Rio Branco, dedicado às sociedades S. C. Rio Branco, S. C. S. São Gonçalo, G. S. Guarany e a Sociedade Musical Nova União em junho de 1916 (Rebate, 24/06/1916, p. 2). É importante lembrar que, naquele momento, dedicar espetáculos a algumas sociedades significava envolve-las na compra dos bilhetes para a mesma, reforçando os laços de amizade mútua. Na figura abaixo, é possível perceber que o clube possuía boa estrutura para a prática do futebol, com um grande pavilhão. A torcida, pelas vestimentas, era constituída por indivíduos com situação econômica favorável.



Figura 1 - Pavilhão do G. S. Guarany em 1920 (RIGO, 2004, p. 105).

O S. C. Rio Branco foi fundado em 25 de setembro de 1910. Nos jornais, comunicou posse de nova diretoria no ano seguinte (Tribuna, 01/04/1911, APBL). Apesar de jogar pela LPF, muitas vezes saía da Liga ao longo do campeonato por razões não totalmente esclarecidas, mas normalmente relacionadas à entrada ou saída de clubes da LCN na LPF. Não fica claro se apoiava ou não os clubes da LCN,

mas realizava alguns jogos contra equipes dessa Liga, como Grêmio Pelotense³¹ e São Gonçalo (Rebate, 30/10/1915, APBL). Na figura, é possível perceber, pelo pavilhão, que o clube tinha recursos.



Figura 2 - Campo do S. C. Rio Branco em 1918 (RIGO, 2004, p. 107).

O G. S. Brasil foi fundado em 07 de setembro de 1911, como dissidência do S.C. Cruzeiro do Sul, este último de operários da cervejaria Haertel e disputa o campeonato pelotense de *Foot-ball* em 1913, DP, 07/03/1913, APBL). Em 1920, logo após ser campeão estadual fez uma festa campestre nos campos do Cap. Gustavinho Brauner no Retiro, tendo jogado contra o S. C. Camponês e dado posse a sua nova diretoria naquela oportunidade (Rebate, 09/01/1920)³².

O G. S. Ideal nasceu em 06 de maio de 1912, como dissidência do S. C. Tiradentes. Nos jornais aparece no ano seguinte, com a posse da 1ª diretoria e festa em comemoração à data da fundação (OP, 05/05/1913, APBL). Participa de partidas de “times avulsos”, como no caso do confronto entre Espalha Brasas, do Ideal, e Fanáticos, do Rio Branco (Rebate, 15/01/1916, p. 3, APBL).

Na figura a seguir, os titulares da equipe se apresentam numa foto com conotação claramente elitizada, muito semelhante à figura 19, do S. C. Pelotas. Ao analisar as imagens dos clubes, é possível perceber a existência de certos padrões nas posturas dos jogadores. Ulpiano Bezerra de Menezes (2005) definiu três eixos de observação das imagens: o que nos é dado a ver, ou seja, a imagem em si (visível), em que sistema de imagens elas se inserem, como técnica e suporte

³¹ Essa partida voltará a ser trabalhada nas próximas páginas.

³² Os clubes S. C. Pelotas e G. E. Brasil, dada a relevância que possuem no futebol da cidade, voltarão a ser trabalhados em subcapítulo específico.

(visual) e por fim é importante nos voltarmos para o sujeito que vê (visão). Nessas fotografias, será percebida a existência de uma variação de postura dos jogadores, preocupados com como serão vistos pelos torcedores que representam, uns mais elitizados que outros, e de variação quando a qualidade técnica das câmeras, de maior qualidade nos clubes da elite. A observação da imagem em si, deverá ser feita caso a caso.



Figura 3 - Time do G. S. Ideal em 1917 (ALVES, 1984, p. 51).

Em 1915, parece ocorrer uma aproximação de duas ligas da cidade, a partir da notícia de que “amanhã haverá importantes *matches* oficiais entre as valorosas primeira e segundas turmas do *Sport Club Rio Branco*, campeão da Liga Pelotense, e *Grêmio Pelotense*, campeão da Liga Cassiano” (Rebate, 06/03/1915, p. 2). O resultado, divulgado dois dias depois, aponta a diferença entre as equipes: duas vitórias do S. C. Rio Branco, 6 a 0 e 3 a 0. Nos dias seguintes, a diretoria do S. C. Rio Branco resolve sair da Liga Pelotense, por alguma divergência em relação ao regulamento:

Realizou-se a anunciada sessão da diretoria do *Sport Club Rio Branco*, para tratar de assuntos atinentes à Liga Pelotense. Foi lido o novo regulamento da Liga, não sendo aprovado geralmente, pelo que a diretoria resolveu não fazer parte, este ano, daquela Liga. Lamentamos a ausência do campeão de 1914 nas pugnas esportivas deste ano, que prometiam sensações

múltiplas, atendendo-se principalmente a que todos os clubes colegiados pretendem apresentar seus *teams* bastante reforçados (Rebate, 09/03/1915, p. 1).

Dois dias depois, são apresentados os times que disputarão a LPF de 1915, continuando com seis equipes e tendo como única mudança a saída do S. C. Rio Branco e a entrada justamente do Grêmio Pelotense, campeão da LCN. Não é possível garantir o motivo da saída do S. C. Rio Branco, mas provavelmente possa ter relação com a entrada do campeão da outra Liga, uma vez que isso pode ter sido decidido antes e não apenas após a desistência da equipe, lembrando que a chamada para o jogo dos campeões das Ligas tratava a partida como *match* oficial. No entanto, segundo Alves (1984, p. 45-46) essa decisão não durou muito e o S. C. Rio Branco acabou participando da Liga Pelotense naquele ano. Apesar desses conflitos parecerem apontar para uma postura elitista do S. C. Rio Branco, outra hipótese plausível é que tenha ocorrido exatamente o contrário, e o clube tenha se retirado ou por ter sido discriminado pelos demais clubes da LPF, ou por querer que todos os clubes da LCN disputassem a LPF. O clube pode ter sido fundado com um viés mais elitista, já que foi apadrinhado pelo S. C. Pelotas e em 1910 seu campo de jogo, todo cercado, estava localizado à rua Barroso, entre Gomes Carneiro e Independência, mas pode ter se popularizado ao longo da década, já que em 1918 o *Ground* do clube estava localizado dentro do bairro Simões Lopes (Almanaque de Pelotas, 1918, p. 184), bairro constituído basicamente por operários e negros, o que pode indicar que o clube poderia possuir operários e/ou negros, ou pelo menos mulatos em seu plantel. Além disso, cabe lembrar que a Liga composta por Clubes Negros em Rio Grande era exatamente chamada de Liga Rio Branco.

Parece oportuno, portanto, investigar melhor também essa outra Liga da cidade, a LCN. Até o momento, a única informação sobre ela dá conta de que o campeão de 1914 foi o Grêmio Pelotense. As informações sobre ela são mais esparsas, mas parece ser mesmo a liga da segunda divisão da cidade. Seu primeiro campeonato foi em 1914, fundada e presidida pelo jornalista Manoel Veríssimo Alves, com os seguintes times: Benfica, Democrata, Colombo, Gremio Pelotense, Aliança e Internacional (ALVES, 1984, p. 44). Em 1915, ela faz seu campeonato com os times Fanáticos, Democrata, Internacional, Benfica e Rio Apa, sendo o Democrata o campeão (ALVES, 1984, p. 47). Em 1916, foi disputada pelo São Gonçalo, Internacional, Benfica e Colombo, sendo o Benfica campeão (ALVES,

1984, p. 50). Em 1921, são noticiados os confrontos Flamengo X Benfica e Naval X Tiradentes (Rebate, 02/04/1921, APBL). Na figura abaixo, os titulares do S. C. São Gonçalo em 1931, clube que em 1916 disputava a LCN. O contraste com as primeiras imagens apresentadas é assustador, tanto pelas condições para a prática do esporte, já que ao fundo percebe-se apenas um campo aberto, quanto pela composição étnica do plantel, neste caso composto basicamente por jogadores negros. A relação dessa imagem com a LCN deve ser relativizada, já que provavelmente nessa data o clube não participava da referida Liga.



Figura 4 - S. C. São Gonçalo, do Passo dos Negros (OP, 25/12/1931).

Considerando a relação entre a LPF e a LCN, segunda divisão, é possível perceber certa relutância nos clubes da LPF em relação aos da outra Liga. Parece que a saída do F. C. Rio Branco em 1915 realmente não foi um fato isolado. Em 1916, fazem parte da LPF os clubes G. S. Brasil, S. C. União, S. C. Rio Branco, G. S. Guarany, G. S. Ideal e Grêmio Pelotense, sendo o Pelotas bicampeão (ALVES, 1984, p. 48), o que é estranho, pois o Democrata, campeão da LCN em 1915, não aparece em nenhuma das duas Ligas. Já no ano seguinte, 1917, o Colombo, campeão da LCN em 1916 participa da LPF e, provavelmente por isso o S. C. Pelotas e G. S.

Ideal se afastaram do campeonato antes do começo e o S. C. Rio Branco novamente se afasta após as primeiras rodadas (ALVES, 1984, p. 51). Provavelmente para agradar os clubes citados, o Colombo é retirado da primeira divisão da Liga, pois a equipe em maio informa que deixou de fazer parte da LPF, para fazer parte da Liga de Rio Grande, porque nesta cidade será da primeira divisão (Rebate, 04/05/1917). O G. S. Brasil foi campeão e o título foi muito contestado pela diretoria do S. C. Pelotas (ALVES, 1984, p. 52). Em 1918, o G. S. Brasil se torna bicampeão, dessa vez vencendo sem maiores contestações (ALVES, 1984, p. 54).

Mas voltando ao ano de sua criação, 1914, buscar informações, como feito com os clubes da LPF, sobre os times que disputaram a LCN pode trazer contribuições. No entanto, neste caso as informações são mais desconhecidas, não sendo possível identificar a fundação de cada um deles. Mesmo assim, algumas informações puderam ser encontradas.

O S. C. Benfica disputou uma partida contra o São Gonçalo em 1915 (Rebate, 08/11/1915, APBL). Curiosamente o Benfica, como já dito, havia disputado a Liga em 1914 e em 1915, enquanto o São Gonçalo iria disputar apenas em 1916. Depois disso, uma nova diretoria toma posse em 1916 (Rebate, 07/06/1916, APBL) e nesse mesmo ano o time é campeão da LCN. Em 1922, está na LCN e vai jogar contra o Flamengo (Rebate, 17/06/1922, APBL).

O S. C. Democrata se trata de um clube local que jogou contra outro clube da LCN, o Internacional, no campo do Brasil em 1915 (Rebate, 23/10/1915, APBL). Embora não conste esta informação, poderia muito bem ser um jogo da Liga, já que ambas equipes a disputaram em 1914 e 1915. É campeão da LCN em 1915, mas curiosamente, em 1916 não joga nem nela, nem na LPF. Conforme já discutido nas páginas anteriores, é possível que tenha sido barrado por alguns clubes da LPF. Depois consta posse de nova diretoria em 1916 (Rebate, 23/10/1916, APBL). Em 1919 ele está em processo de reorganização³³, pois havia sido dissolvido por falta de elementos (Rebate, 25/09/1919, p. 1). Em 1921, está disputando a 2ª divisão da

³³ Ao longo dos anos 1920 aparece nos jornais o G. S. União Democrata, disputando a Liga José do Patrocínio, mas que se trata de outro clube, relacionado a Sociedade Musical União Democrata e que será tratado no próximo capítulo. Já este clube, S. C. Democrata, que disputou a LCN em 1915, parece ser outro, composto por mulatos que, inclusive, foram acusados de discriminação racial, por supostamente não terem aceitado a entrada de negros em seus quadros. Ele dura pouco tempo e na década de 1930, se forma outro, apesar de ter o mesmo nome (APBL). Em 1931 a informação é de que é composto por negros e vai jogar pela Liga Futebol José do Patrocínio (OP, 02/04/1931).

Liga Pelotense e vai jogar contra o Português, no campo do Guarany (Rebate, 02/07/1921, APBL). As informações encontradas mostram também que era frequente o ato dos clubes da LPF cederem ou alugarem seus campos para jogos da LCN.

O Colombo F. C. divulga nos periódicos os nomes que compõem a chapa oficial para direção do clube em 1915 (Rebate, 26/03/1915, APBL). No ano seguinte, na matéria que informa a composição da nova diretoria, consta também que o clube tem sede na Luz³⁴ (Rebate, 05/02/1916, APBL). Interessante é a decisão da equipe no ano de 1917 sobre a participação da Liga: “Carlos FF. Rodrigues, secretário deste clube, faz saber que esta associação deixou de fazer parte da Liga Pelotense de Futebol, para fazer parte da Liga de Rio Grande, porque nesta cidade será da primeira divisão” (Rebate, 04/05/1917). A principal interpretação que pode ser feita a partir dessa notícia, além do descontentamento de clubes da LCN com o papel secundário desta, é que a LCN era de fato entendida como vinculada a LPF, pois o Colombo F. C. disputava a LCN e, para ir para Rio Grande, não pediu desligamento dela, mas da LPF. Por fim, parece ter enfrentado dificuldades nos anos seguintes, é noticiada uma assembleia para sua reorganização em 1920 (Rebate, 07/07/1920, APBL). Na figura a seguir, é possível perceber uma condição razoável para a prática do esporte e a presença de alguns jogadores negros ou, pelo menos, mulatos no plantel.

³⁴ O jornal faz referência à Igreja da Luz, fundada em 1912, situada na Rua Anchieta n° 3553, quase esquina com a Rua Rafael Pinto Bandeira.



Figura 5 - Colombo F. C. (OP, 25/12/1931).

O G. S. Pelotense teve nova diretoria empossada em fevereiro de 1915 (Rebate, 02/02/1915, APBL). Este clube, como já discutido, venceu a LCN em sua 1ª edição (1914). Apesar de certa resistência no início de 1915, nos próximos anos disputou a LPF, ocasionando a desistência de alguns clubes dessa Liga em algumas edições, sinal de resistência à integração de outros clubes.

A referência encontrada nos periódicos sobre o S. C. Aliança é a posse de diretoria no dia 07 de outubro de 1920, com o Presidente João da Cruz reeleito (Rebate, 08/10/1920), apesar de o clube já participar da LCN desde 1914.

O S. C. Internacional³⁵ realizou uma assembleia para eleição de nova diretoria em 1915 (Rebate, 18/09/1915). No mês seguinte, como dito ao falar do clube Democrata, os clubes se enfrentaram no campo do Brasil, em jogo que poderia ser da LCN, embora não conste essa informação (Rebate, 23/10/1915, APBL).

Voltando a falar da Liga que representava a elite do futebol pelotense, em 1923, o futebol de Pelotas se cindiu³⁶, ficando de um lado a Liga Pelotense de

³⁵ Não confundir com o C. S. Internacional, fundado em 1906 e que se fundiu ao *Foot Ball Club* em 1908, originando o S. C. Pelotas.

³⁶ Os desentendimentos que culminaram com a separação em 1923 começaram em 1922, numa partida entre Brasil e Ideal. Um jogador chutou outro e como consequência ocorreu pancadaria e um

Futebol, composta das equipes Pelotas, Flamengo, 7 de Abril, Ideal e Guarany, e de outro a Associação Desportiva de Amadores, constituída do Brasil, Rio Branco, Grêmio Português e S. C. Camponês, das Terras Altas³⁷. A fotografia, dos titulares do G. S. 7 de Abril em 1931, mostra uniformes adequados, mas não dá indícios sobre o campo de jogo. Alguns jogadores parecem ser mulatos, mas não é possível confirmar tal impressão.



Figura 6 - G. S. 7 de Abril (OP, 25/12/1931).

Ainda nesse ano ocorreu a pacificação entre as duas ligas, formando-se uma comum, a Liga Pelotense De Amadores De Desportos (LPAD), com participação dos dois grupos, filiada à Federação Gaúcha e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Mas nesse ano não ocorreu o campeonato da cidade, talvez também pelo clima político (Revolução de 1923). O único campeonato disputado no ano foi o da LJP³⁸ (ALVES, 1984, p. 78-80).

A LPAD durou mais de uma década. Só em 19 de janeiro de 1939 a Liga

atacante do G. S. Brasil foi alvejado por um tiro de um dirigente do G. S. Ideal. Depois disso, em assembleia o G. S. Brasil decidiu desligar-se da Liga (ALVES, 1984, p. 75-6).

³⁷ Segundo RIGO (2004, p. 103) a equipe do S. C. Camponês, das Três Vendas, já podia ser considerado um clube de bairro. Além disso, sua força é demonstrada pelo fato de que mantinha, ainda no ano em que o trabalho foi escrito, atividades de futebol.

³⁸ Essa Liga será abordada em momento oportuno.

voltou a chamar-se Liga Pelotense de Futebol (ALVES, 1984, p. 153).

Sobre a LCN, não foi possível precisar quando ela acabou ou mudou de nome. Mas a informação de que em 1941 o S. C. Ruy Barbosa³⁹ sagrou-se campeão da série B e G. S. Brasil campeão da LPF (ALVES, 1984, p. 176-177), sinaliza para a possibilidade de ela apenas ter passado a se chamar formalmente série B.



Figura 7 - G. S. Ruy Barbosa⁴⁰ (OP, 25/12/1931).

Outra Liga de Futebol que existia na cidade no recorte temporal dessa pesquisa, era a Liga Desportiva Acadêmica (LDA). Essa é a Liga sobre a qual foram encontradas menos informações, mas é possível fazer algumas especulações. Duas informações foram encontradas nos periódicos. A primeira informa que “em benefício da Liga Acadêmica Pelotense haverá festival artístico no Coliseu na próxima semana” (Rebate, 29/05/1920, APBL).

A segunda diz respeito à posse de sua primeira diretoria e nos fornece

³⁹ Em todas as referências encontradas nos jornais sobre o Ruy Barbosa, ele aparece como Grêmio Sportivo. Como o referido autor o chamou de Sport Clube, não fica claro se foi apenas um erro ou se trata-se de outra equipe.

⁴⁰ Milan (2014) afirma que o clube foi criado em 31 de março de 1927, conforme ata de fundação, na região que atualmente é o bairro Porto, mas que na época se chamava bairro da Várzea, local onde se localizavam várias fábricas, e, por consequência, muitos operários, o que sugere, segundo a autora, que a equipe possa ter surgido como um clube proletário, construído através das relações de trabalho. No item 3.3 deste trabalho, o clube voltará a ser citado mais algumas vezes.

informações interessantes: “Liga desportiva Acadêmica - Sua primeira diretoria, eleita em 24/5/20: Pres. Olavo de Carvalho Freitas (direito); sec. Olavo Torres (agronomia); tes. Ely de Azambuja Germano (FFO⁴¹)” (Rebate, 22/06/1920). Essa diretoria reforça a hipótese de que, como o nome da Liga sugere, ela era composta por times de alunos de cursos superiores da cidade. E alguns clubes encontrados praticamente confirmam essa interpretação.

Uma publicação de agosto de 1912 informa que o G. S. Assis Brasil foi fundado pelos alunos da escola de Agronomia e apresenta a primeira diretoria (OP, 16/08/1912). Outra notícia, de abril de 1915, comunica que o G. A. Tamandaré foi fundado, recentemente, pelos alunos da Faculdade de Farmácia e Odontologia e de Direito de Pelotas “para a cultura do futebol” e informa sua primeira diretoria (Rebate, 16/04/1915). Embora os nomes das diretorias dos clubes não sejam os mesmos da Liga, o que é provável já que se passaram mais de cinco anos entre as publicações, o que chama a atenção é que a diretoria da Liga é composta justamente pelos cursos desses dois grêmios apresentados acima: Direito, Agronomia e Faculdade de Farmácia e Odontologia (FFO). Portanto, parece se tratar de uma Liga voltada para os cursos superiores da cidade.

Por fim, a quarta liga que existia na cidade no início dos anos 1920 era a Liga José do Patrocínio (LJP), fundada em 1919. Dada a sua importância para esta pesquisa, essa Liga será trabalhada de forma exclusiva no capítulo 3. No entanto, antes disso, duas questões ainda precisam ser exploradas.

A primeira diz respeito à pluralidade de clubes e ligas existentes na cidade. No início dos anos 1920 existiam essas quatro ligas na cidade, no final dessa década e durante a década seguinte, várias outras ligas são criadas. Como quase nenhuma equipe que as disputava estava presente nas ligas anteriormente estudadas, se reforça ainda mais essa multiplicidade. A seguir, portanto, serão abordadas essas outras ligas encontradas. Algumas são claramente de futebol, enquanto outras não deixam de forma tão aparente as modalidades esportivas oportunizadas. Aquelas que foram identificadas como exclusivamente de basquete, bocha, etc. já foram excluídas previamente da lista.

A primeira entidade encontrada, a Associação Esportiva de Pelotas já existia em 1926 com os seguintes confrontos marcados entre os clubes filiados: Barroso X

⁴¹ Faculdade de Farmácia e Odontologia.

15 de novembro e Corinthians X Sul América (Libertador, 10/05/1926, APBL). Três meses depois, os confrontos eram Corinthians X Brasileiros e G. S. Esportivo Lealdade e G. Atlético 9º RI (Libertador, 28/08/1926, APBL). Nas fotografias abaixo, é possível identificar um jogador negro no G. S. 15 de novembro e outro no G. S. Corinthians, equipe do Fragata. Já a equipe do G. S. Sul América⁴², é composta majoritariamente, talvez exclusivamente, por jogadores afrodescendentes, o que aponta para o fato de que, pelo menos em 1926, a LJP já não era a única alternativa para os jogadores afrodescendentes.



Figura 8 - G. S. 15 de Novembro (OP, 25/12/1931).

⁴² O G. S. Sul América, situado no Areal, e caracterizado como um time de futebol de bairro, alguns anos mais tarde extinguiu-se sendo que alguns de seus membros participaram na fundação do Arealense, clube do mesmo bairro. Posteriormente outro grupo fundou, no mesmo bairro, o E. C. Sul América, que existe até hoje (RIGO, 2004, p. 103).



Figura 9 - G. S. Corinthians (OP, 25/12/1931).



Figura 10 - G. S. Sul América (OP, 25/12/1931).

Outras duas questões interessantes nessas duas fotografias são a posição dos jogadores e o local onde foram tiradas. Curiosamente os únicos jogadores negros das imagens 8 e 9 estão em posições periféricas na foto, normalmente atrás

ou num canto, possível sinal de dificuldades na integração com os demais. Quanto ao local, a precariedade das condições materiais é facilmente percebida, principalmente no caso da figura 10.

Outra entidade que aparece nos jornais ainda da década de 1920, a Associação Pelotense de Atletas, foi fundada em 09 de outubro de 1928 e organizou um campeonato de verão com os clubes Tiro 31, S. C. Cruzeiro, Fluminense e G. A. Futurista (OP, 15/10/1928, APBL). Na fotografia abaixo, é possível perceber pelo menos dois jogadores negros ou mulatos (o segundo de pé da direita para a esquerda e o primeiro agachado à esquerda) na equipe de 1931 do Fluminense F. B. C. Destaque para o uniforme, semelhante ao do time homônimo do Rio de Janeiro.



Figura 11 - Fluminense F. B. C. (OP, 25/12/1931).

Embora não tenha sido organizado por nenhuma Liga ou Associação, outro possível evento que pode possuir relevância para essa pesquisa, por trazer impactos diretos nas relações entre brancos e negros no futebol, foi a realização de jogos anuais entre brancos e negros:

Branco e Negro – Domingo próximo, provavelmente, terão os apreciadores de futebol ensejo de assistir a um encontro interessante, que promovido pelo 1º C. A. Bancário, anualmente se repetirá. Trata-se da instituição de jogos anuais entre o selecionado de jogadores de raça branca e o selecionado de cor. Sabemos que, para tais encontros, o C. A. B. instituiu um regulamento especial e um rico troféu para nele serem inscritos os nomes dos componentes do quadro vencedor. Os selecionados jogarão oficialmente sob a designação de Stratch Branco e Stratch Negro. Sabemos igualmente que já foram nomeadas comissões de representantes das duas cores, as quais ficará afeto o trabalho de constituir os respectivos combinados (OP, 27/10/1927, p. 1).

Contudo, embora seja organizado por um time da LPF não foi possível descobrir se jogadores dos clubes da elite do futebol pelotense participavam da disputa. Mesmo assim, como não era percebida a presença de jogadores negros no C. A. Bancário nos seus primeiros anos de existência, isso amplifica a importância da iniciativa. Outro problema foi não ter encontrado, nas edições seguintes, nenhuma repercussão da partida, o que põe em dúvida até mesmo se a partida foi realizada. Se tivesse sido encontrada a repercussão da partida, poderia ser avaliado se a iniciativa realmente aproximou brancos e negros, ou se, hipoteticamente, até piorou, graças ao surgimento de uma rivalidade, já que a disputa era de uma etnia contra a outra.

Mas a realização desses jogos não é uma particularidade pelotense. Na sua tese de doutorado, Abrahão (2010) analisa o ritual esportivo dos jogos “Preto X Branco” de São Paulo, em dois períodos separados, sendo que o ano inicial coincide com o caso de Pelotas. Entre 1927 e 1939, os jogos eram realizados em São Paulo, idealizados justamente para contestar o preconceito, a cada 13 de Maio, data simbólica dada a dificuldade de inserção dos negros ao mercado de trabalho no pós-abolição e a taça “Princesa Izabel” também reforçava esse significado. Depois de alguns anos sem ser realizado, o “Preto X Branco” foi retomado e ocorre há 37 anos na periferia de São Paulo, mas agora é realizado próximo ao natal, com um significado mais ligado às confraternizações.

Para o autor, esses jogos simbolizam a ambivalência do racismo no Brasil e as tensões em torno da popularização do futebol em São Paulo refletiam o tipo de discriminação que se desenvolveu no Brasil, o “racismo à brasileira”. A imprensa negra atacava esse tipo de racismo, denunciando que os pretos eram preteridos de participar de alguns esportes. O referido autor, citando DaMatta, conclui que se o Brasil opera com a lógica do “diferente, mas junto”, o “Preto X Branco” de São Paulo, em cada um dos seus contextos, reproduz essa máxima, além de marcar as

diferenças pensadas sobre pretos e brancos na cultura brasileira.

Mesmo que fora do recorte proposto por essa pesquisa, mais algumas entidades esportivas foram encontradas na década de 1930.

A Associação Esportiva de Pelotas continuava existindo, sendo os times que concorriam por esta liga: S. C. 15 de outubro, Tres Vendas, G. Portugues F. C., G. S. Lealdade, G. S. 15 de novembro (OP, 22/05/1933, APBL). Na figura 12, é possível notar a presença de um jogador negro no G. S. 15 de Outubro. Nesse caso as posições dos jogadores na foto parecem imitar a formação tática da equipe, com o goleiro e os dois zagueiros com o técnico ao fundo, depois os três médios e os cinco atacantes no chão, mostrando que o 2-3-5 ainda era utilizado. Na figura 13, dois ou três jogadores negros podem ser vistos, ambos ao fundo no lado direito.



Figura 12 - G. S. 15 de Outubro (OP, 25/12/1931).



Figura 13 - S. C. Tres Vendas (OP, 25/12/1931).

Em 1932, a Liga de Amadores de Futebol (LAF) comunicava a relação de times que concorreriam por esta liga: S. C. Syrio Americano; S. C. Vaqueiro, G. A. Gaúcho, S. C. Cruzeiro, S. C. Planalto, G. S. Pelotense (OP, 06/08/1932).



Figura 14 - S. C. Vaqueiro (OP, 25/12/1931).



Figura 15 - Gaúcho F. B. C. (OP, 25/12/1931).

Nas fotografias acima, não é possível identificar claramente nenhum jogador negro, com exceção do segundo da esquerda para a direita do Gaúcho F. B. Club. O campo de jogo está ao fundo, já cercado, mas sem a presença de um grande

pavilhão.

A União Atlética Pelotense de Desportos abriu inscrições para novos clubes filiares em julho de 1932 (OP, 08/07/1932, APBL). No mês seguinte, foi divulgado que os times que concorreriam por esta liga seriam S. C. Fábrica de Chapéus, G. S. 15 de Novembro, G. S. Lealdade e G. S. Corinthians (OP, 06/08/1932, APBL), sendo que, conforme já discutido, dois deles, 15 de Novembro e Corinthians, participavam antes, em 1926, da Associação Esportiva Pelotense.

Em 1933, foi encontrada nos periódicos referência a Liga Comercial de Desportos, composta pelos times: Indio F. C., Fluminense F. C.⁴³, Estrella F. C.; S. C. Cruzeiro e G. S. Libanes (OP, 22/05/1933, APBL). Na fotografia abaixo, não é possível identificar nenhum jogador negro no plantel do S. C. Cruzeiro.



Figura 16 - S. C. Cruzeiro (OP, 25/12/1931).

Em 1934 é organizado um Torneio da Frente Sindicalista no campo do S. C. Pelotas. O 1º e o 2º lugar iriam ganhar prêmios da Casa Pernambucana e as partidas iniciais eram Vasco da Gama X América do Sul, Bairro Simões Lopes X Juvenil e Fiaterci X Lealdade (OP, 01/03/1934, APBL). O interessante é que alguns clubes da LJP disputam o torneio, o que reforça a perspectiva de que alguns clubes

⁴³ Que, conforme trabalho, havia disputado torneio da Associação Pelotense de Atletas em 1928.

dessa liga eram não somente negros, mas também operários. Tais clubes serão trabalhados no próximo capítulo.

Três anos depois, foi fundada a Associação Operária de Futebol, mas curiosamente nenhuma das equipes que disputaram o torneio de 1934 da Frente Sindicalista participaram. Ela foi fundada dia 08 de março 1937 com 5 clubes filiados: G. A. Circulo Operário, Vasco da Gama F. C., Bento Gonçalves F. C., S. C. Rio Branco e G. S. 15 de outubro (OP, 27/03/1937, APBL). Interessante a presença do S. C. Rio Branco, depois de anos de LPF. No entanto, parece que os clubes decidiram mudar o nome da Liga, ou melhor, talvez extingui-la e criar outra, pois no dia 07 de abril de 1937 foi fundada a Liga Circulista de Futebol⁴⁴ com os seguintes times filiados: G. S. 15 de outubro, G. S. Gazometro, G. S. Tamandaré⁴⁵, G. A. Círculo Operário, Bento Gonçalves F. C. e S. C. Rio Branco (OP, 17/04/1937, APBL). Ou seja, em relação aos clubes que compunham a Liga noticiada em março, quatro continuaram, o Vasco da Gama F. C. saiu, por razões desconhecidas, e o G. S. Gazometro e o G. S. Tamandaré entraram nessa nova liga.

Se na década de 1930 os clubes operários são mais facilmente identificados, até pela organização de associações e torneio de futebol só deles, nas décadas anteriores esse traço identitário não é tão facilmente verificável, pois é percebido nas décadas de 1910 e 1920 de forma diluída, em clubes da LPF, LCN e da LJP.

Mesmo assim, como já discutido no início desse capítulo, o S. C. Aliança dos operários, já em atividade em 1909, e no futebol a partir de 1911, pode ser considerado um dos primeiros clubes identificados como operário. Nesse mesmo ano, de uma dissidência do S. C. Cruzeiro do Sul, de operários da Cervejaria Haertel é que nasce o G. S. Brasil, que tem alguns membros operários também, mas principalmente ligado à imigrantes e à pequena burguesia. O Rio Apa, nome de um navio naufragado na costa do Rio Grande, embora não apareça muito nos jornais, também é de operários (Alvorada, 31/8/1913).

Outros clubes da LPF, como o Rio Branco, o União e o G. S. Ideal (Alvorada,

⁴⁴ Pelo nome da Liga, provavelmente ela era vinculada ao Círculo Operário, entidade da Igreja, criada para atrair a organização operária. Pela data da fundação da Liga, se tratava de um período muito tenso, de quase estado novo, e, nesse ano de 1937, ocorre intervenção na chapa para a União Sindical de Pelotas, sob alegações da Igreja de que a mesma estava tomada por comunistas. Depois disso, a União Sindical fica composta somente de pelegos. Sobre o Círculo Operário Pelotense, ver Loner (1999, p. 458-465). No caso desta pesquisa, pode ser, pelo nome da Liga, que o futebol tenha se tornado uma forma de atração dos operários para o Círculo Operário.

⁴⁵ O Tamandaré, do Areal, também pode ser considerado um clube de futebol de bairro, que manteve-se em atividade no futebol menor da cidade até poucos anos atrás (RIGO, 2004, p. 103).

08/12/1912) aparecem muito no jornal *A Alvorada* e cedem o campo com muita frequência para times da LJP, o que alimenta a hipótese de serem clubes operários ou negros. No caso do S. C. Rio Branco a hipótese de ser um clube operário parece se confirmar com a participação na Associação Operária de Futebol na década de 1930, como assinalado na página anterior. Já no caso do G. S. Ideal é possível identificar alguma relação, mesmo que sutil, com a comunidade negra, pois alguns negros convidam, inclusive por meio do *A Alvorada*, para o aniversário de um ano do clube, em 1912.

Outros clubes, que serão trabalhados no capítulo seguinte por fazerem parte da LJP, são ao mesmo tempo negros e operários, como o G. E. Vencedor, o S. C. América do Sul e o S. C. Juvenil. A presença desses dois últimos no Torneio da Frente Sindicalista de 1934, conforme citado na página anterior, é mais um fator que corrobora tal identificação.

Na fotografia abaixo, tirada provavelmente no campo de jogo do clube operário Vasco da Gama F. B. C., não é possível identificar negros, até pela baixa qualidade da imagem. Destaque para o fato de que haviam mais de onze jogadores, e até uma criança bem ao centro.



Figura 17 - Vasco da Gama F. B. C. (OP, 25/12/1931).

Outras fotografias de equipes da cidade, não trabalhadas aqui por não terem sido encontrados registros de participações delas em campeonatos, podem ser encontradas nos anexos deste trabalho.

A segunda questão que precisa ser trabalhada, é a trajetória inicial dos três principais, seja pelos títulos ou pelas torcidas, clubes da cidade.

O G. A. Farroupilha, fundado por militares em 21 de abril de 1926, com o nome de Grêmio Atlético 9º R. I. (Regimento de Infantaria)⁴⁶, disputou neste mesmo ano a LPF pela primeira vez, com G. S. Brasil, S. C. Pelotas, C. A. Bancário e G. S. 7 de abril (ALVES, p. 89). Formava equipes compostas predominantemente por militares, normalmente trazendo bons jogadores de diferentes cidades da região sul para prestar serviço militar em Pelotas (RIGO, 2010). É possível perceber a presença maciça de militares também na sua diretoria:

Grêmio Atlético 9º RI – Sua Nova Diretoria – Da secretaria do valoroso Grêmio Atlético Farroupilha [...] recebemos o seguinte ofício circular: ‘Temos a honra de comunicar a V. S. que, em sessão de assembleia geral ordinária realizada a 14 do corrente, foi empossada a diretoria que terá de reger os destinos desta agremiação no ano social de 1937-38, sendo a mesma assim constituída: Conselho deliberativo: Presidente, Capitão José Canavarro Pereira; 1º vice-presidente, Capitão Jacy Guimarães; 1º secretário, subtenente Catharino Pires de Araújo; 2º secretário, Sargento Pedro Pereira; 1º tesoureiro, (reeleito) tenente Felix da Cunha Paes; 2º tesoureiro, sargento Oswaldo Pinheiro de Jesus. Conselho fiscal: Capitão Ruy Lemos Barbieri, tenente José de Ávila Souto, tenente Pedro Couto, tenente José Torres’. (OP, 26/01/1937, p. 5).

Outro sinal desse vínculo é que os “militares” não disputaram todo o 2º turno do campeonato de 1932, por ter o 9º Regimento se deslocado para São Paulo, devido ao movimento revolucionário naquele Estado (ALVES, 1984, p. 115).

Sobre as conquistas, em 1934 o Regimento pela primeira vez sagrou-se campeão da cidade (ALVES, 1984, p. 123). No ano seguinte, o G. A. 9º RI na série “melhor de três”, perdeu a primeira para o Grêmio por 3 a 1, venceu a segunda por 3 a 0 e venceu a terceira por 2 a 1, gols de Cardeal⁴⁷ e Cerrito, conquistando o título

⁴⁶ Em 1941 o G. A. 9º R. I. decidiu mudar de nome para G. A. Farroupilha, enviando expediente à federação nesse sentido. O G. A. Farroupilha, ex-Regimento, estreou na temporada com derrota para o S. C. Fiategi, por 3 a 2 (ALVES, 1984, p. 167).

⁴⁷ No primeiro jogo oficial do campeonato de 1933, vitória do G. S. Brasil sobre o Regimento por 4 a 2, apareceu Sezefredo Ernesto da Costa, o famoso Cardeal (que futuramente jogaria representando

de Campeão Farroupilha do Estado em 1935 (ALVES, p. 129), o que motivou anos depois a mudança no nome do time.

Na tarde de 16 de agosto de 1936 foi inaugurado festivamente o novo campo do G. A. 9º R. I., no Fragata (ALVES, p. 133).

Sobre a composição étnica da equipe, na imagem seguinte é possível perceber a presença de dois ou três (o segundo e o quarto da esquerda para a direita e talvez o agachado mais à esquerda) afrodescendentes na equipe em 1931.



Figura 18 - G. A. 9º R. I. (OP, 25/12/31).

Quanto ao preconceito no clube, Rigo (2004, p. 154-155) coloca que:

Seu Plácido⁴⁸ apontou que, no Farroupilha, a questão da cor não era motivo de exclusão. Segundo ele, ela sucumbia perante a exigência maior que era o vínculo militar: 'No Farroupilha jogava de qualquer cor, porque soldado tinha preto, branco, tinha amarelo, tinha de tudo que era cor'.

Essa presença, pequena, de jogadores negros no clube não pode ser supervalorizada, até porque no início da década de 1930 já começavam a aparecer

os gaúchos, o Fluminense e também a seleção nacional), atuando pela primeira vez no time dos "militares" (ALVES, 1984, p. 117).

⁴⁸ Entrevistado pelo autor citado em 1999.

nas imagens jogadores negros em outros times da “elite” do futebol pelotense.

No caso dos outros dois clubes, existem maiores contrastes e particularidades, que serão trabalhados a seguir.

2.3 A dupla Bra-Pel a partir da geografia histórica do futebol na cidade

As figuras 19 e 20 mostram os times do E. C. Pelotas de 1912 e 1930. Enquanto a primeira reflete um ideal quase olímpico de futebol, e novamente os jogadores formam o 2-3-5, na segunda os jogadores estão no campo de jogo. A semelhança é que em ambas não é possível identificar nenhum jogador negro.



Figura 19 - E. C. Pelotas de 1912 (Revista Almanaque de Pelotas, 1917, p. 89).



Figura 20 - E. C. Pelotas em 1930 (Revista Esporte Clube Pelotas 90 anos: 1908-1998, 1998, p. 10).

Sobre a presença de afrodescendentes nas equipes do E. C. Pelotas, Rigo (2004, p. 153), coloca que o time:

É lembrado como o clube que representava a elite da cidade e que mais resistência teve ao movimento de miscigenação racial que acontecia no futebol brasileiro e local. Alcides de Moraes⁴⁹, ex-goleiro do Pelotas, se reportou a isso tecendo um paralelo com o ocorrido com a dupla Gre-Nal, na capital do estado. “No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato. Era quase como o Grêmio, que o primeiro a jogar foi Tesourinha”.

Já no caso do G. E. Brasil, que também disputava a LPF, é possível perceber claramente dois contextos, evidenciados pelos plantéis das duas próximas fotografias. Se na figura 21, de 1917, a presença de jogadores negros não é percebida, já que o clube, fundado por funcionários de uma cervejaria, começou mais ligado à pequena burguesia e aos imigrantes (LONER, 1999, p. 144), na figura 22, de 1930, são facilmente identificados alguns jogadores negros na equipe. Na verdade, analisando outras imagens, é possível perceber como essa presença foi aumentando ao longo dos anos 1920.

⁴⁹ Entrevistado pelo autor citado em 1999.



Figura 21 - G. E. Brasil de 1917 (Revista Brasil Gigante, n. 1, 1971).



Figura 22 - G. E. Brasil em 1930 (ANDREA, 2011, p. 40)⁵⁰.

⁵⁰ Um dos jogadores negros é chamado de Gradim na legenda da imagem, nome de um importante jogador negro uruguaio, que inspirou vários jogadores afrodescendentes e assumirem este nome.

Sobre a primeira década de existência do G. S. Brasil, Mascarenhas (2014, p. 95) faz as seguintes considerações:

Em todas as cidade brasileiras que vivenciaram com maior intensidade o processo de industrialização, foram formados “clubes de fábrica”. Pelotas (RS), que no início do século XX se autodenominava a “Manchester do Sul”, por seu destacado parque industrial, foi pródiga na popularização do futebol (Mascarenhas, 2001). Em 1911, foi criado nessa cidade o Grêmio Sportivo Brasil, fundado por funcionários e operários da Cervejaria Haertel (Alves, 1984, p. 28), indústria de propriedade alemã. Em 1919, foi disputado pela primeira vez o Campeonato Gaúcho de futebol, conquistado facilmente pelo GS Brasil de Pelotas, ao golear por 5 a 1 o Grêmio (campeão porto-alegrense) em plena capital. Poucos anos depois, um clube do subúrbio carioca (o CR Vasco da Gama) repetiu a estratégia, e sob os auspícios da rica colônia portuguesa forjou uma vitoriosa equipe de negros e brancos pobres para alcançar a liga principal e a seguir tornar-se campeão carioca em 1923. Tal façanha, que a literatura consagrou como “Revolução Vascaína”, não possui, portanto, o caráter pioneiro que a crônica esportiva lhe atribui quase em uníssono⁵¹.

Se nos anos iniciais essa característica não é percebida, sobre a presença de jogadores negros após 1920 no G. E. Brasil, Rigo (2004, p. 152) coloca que:

Ainda nos anos 20, passam a fazer parte da equipe outros jogadores negros⁵², como, por exemplo, Gradim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929. Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que qualifica significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo de toda a década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu, tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema.

Mas parar apenas nessa constatação não é interessante. É preciso tentar perscrutar as razões que levaram a gradual aceitação desses jogadores. Pesquisando sobre o futebol na cidade de Porto Alegre, Mascarenhas (1999) sugere que a geografia histórica da cidade pode ajudar a entender a presença ou ausência

⁵¹ Relativizando um pouco esse pioneirismo, o autor acrescenta que “a contribuição capital de Leonardo Pereira (2000) permite constatar que era prática comum em clubes suburbanos cariocas a aceitação de atletas negros e pobres, e que muitos desses clubes formaram equipes fortes a ameaçar a hegemonia dos clubes de elite. O mérito do Vasco da Gama foi ter reunido interesses econômicos, repetindo, então, com eficácia o modelo do GS Brasil de Pelotas. O insustentável discurso da ‘democratização’ do futebol por essas vias (pois os brancos e ricos permanecem na direção desses clubes tidos como ‘revolucionários’) é questionado com pertinência por Proni (2000, p. 115-121) e por Damo (1998, p. 105), que consideram a inclusão de negros e pobres uma ‘democratização funcional’ que apenas redefine o racismo e atende aos interesses hegemônicos”.

⁵² Além do mulato Babá, em 1917 e 1919, mas que era aparentemente uma exceção. Mesmo assim, a presença desse jogador reforça esse caráter precoce do G. S. Brasil. Posteriormente, o clube busca neste jogador justamente o fortalecimento da imagem de que o clube sempre foi popular, temática que merece ser estudada, a partir dos conceitos de memória e identidade.

de negros nas equipes de lá. Roberto Lobato Correa, no prefácio do livro de Mascarenhas (2014, p. 9-10), apresenta uma definição de geografia histórica:

Campo da geografia que analisa a temporalidade e a espacialidade, procurando vê-las conjuntamente. De modo geral, há duas possibilidades de se fazer uma análise em geografia histórica. De um lado, considera-se certa duração do tempo em dada área e realiza-se uma análise diacrônica. Processos e formas mutáveis são o interesse maior por parte do pesquisador. Mudanças e permanências devem ser evidenciadas, pois a análise diacrônica admite a premissa da heterogeneidade do tempo. De outro, situa-se a análise sincrônica na qual determinada seção do tempo é analisada, vendo-se as combinações de configurações que produzem uma relativa homogeneidade. Trata-se da análise de um “presente no passado”, um “presente de então”, diria Maurício de Almeida Abreu. Mas ressalta-se que diacronia e sincronia devem ser vistas de modo relativo, levando-se em conta a escala temporal considerada pelo pesquisador. Ambas as perspectivas são úteis e os resultados de uma alimentam a outra.

Tentando utilizar a geografia histórica na perspectiva diacrônica, para observar essa situação nos clubes estudados, percebe-se que o S. C. Pelotas tem como sede o mesmo local, na Av. Bento Gonçalves, desde a década de 1910. Nas figuras 23 e 24, assim como em outras fotografias que as edições de 1918 e 1919 da revista trazem, são percebidas as características do local, com boa localização e uma bela estrutura, com grandes jardins e quadra de tênis, além do pavilhão e do campo.



Figura 23 - Vista interior do pavilhão do S. C. Pelotas (Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 28; 32; 40 e 1919 (p. 114; 122; 138; 154).



Figura 24 - Pavilhão Dr. Maciel Moreira, vendo-se o campo e o pavilhão dos jogadores de *tennis* (Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 28; 32; 40 e 1919 (p. 114; 122; 138; 154).

Já o G. E. Brasil modificou seu local sede algumas vezes, normalmente por questões financeiras. Assim, em 1911 e 1912 jogou na Rua Félix da Cunha (esq. João Manoel, Conde de Porto Alegre e Benjamim Constant). De 1913 a 1927 teve a sua estrutura drasticamente melhorada, considerada uma das melhores do estado, passando a mandar suas partidas no Estádio Dr. Augusto Simões Lopes (figura 25), nome do presidente e principal investidor, próximo à Estação Central da Estrada de Ferro no Bairro Simões Lopes.



Figura 25 - Pavilhão do G. S. Brasil (ANDREA, 2011, p. 24).

Apesar dos excessos da publicação, explicados pelo fato dos anúncios serem patrocinados, o *Almanaque de Pelotas* (1918, p. 183-184), traz algumas informações sobre os primeiros anos do referido bairro:

O bairro Dr. Augusto Simões Lopes – [...] Sentimo-nos [...] à vontade para descrever a obra ingente do pelotense Dr. Augusto Simões Lopes e que é o seu bairro a que numeroso grupo de dedicados amigos e admiradores seus, em 15 de julho último, deu o seu nome. Não há um só filho de Pelotas que tenha esquecido o que era há cinco anos o campo do Vianna, extenso terreno, com orientação norte-sul, situado ao lado oeste da cidade, compreendido no perímetro limitado pela linha da Viação Férrea, rio São Gonçalo e lagoa do Fragata: um varzeado arenoso, eivado de inúmeras restingas! E, hoje, quem por ali passa tem a firme convicção de que uma formidável lufada de atividade fecunda inundou de vida nova e promissora aquele belíssimo pedaço da nossa terra. O início das obras no hoje populoso Bairro Dr. Simões Lopes, situado como já dissemos na parte oeste de Pelotas, teve início em 1914. Foi em janeiro desse ano que aquele ilustre conterrâneo lançou aí a pedra fundamental do seu primeiro prédio e até dezembro construiu outras excelentes moradias, num total de quatorze. Verificada a ótima aceitação e preferência por essas casas, construídas em excelentes condições higiênicas, com comodidades relativas e aluguéis módicos, foram a seguir, em 1915, edificadas mais dezessete habitações, ou seja o total de trinta e um prédios, elegantes e confortáveis, com frente à longa avenida fronteira à estação da Viação Férrea. Ainda ali destaca-se alteroso, obedecendo à linhas arquitetônicas verdadeiramente originais e admiravelmente traçadas, dentro de uma área de cento e trinta metros de frente e igual extensão de fundos, o pavilhão do Grêmio Sportivo Brasil,

levantado em 1916 e o mais bem construído e o melhor no gênero que até o momento se conhecia no Estado do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano foram edificadas em uma rua transversal a primeira aberta no local mais dez pequenas casas, destinadas a operários. Ainda nesse local está instalado o ground do Sport Club Rio Branco, que construiu confortável pavilhão [...].

Porém no final dos anos 1920 o clube passa por muitas dificuldades financeiras e, de 1927 a 1943, muda seu campo para a Rua Nossa Senhora Aparecida ainda mais longe do Centro da cidade, também no Simões Lopes (ANDREA, 2011, p. 24-25). É possível perceber nas fotografias que os jogadores negros começam a estar presentes de forma mais significativa nos plantéis exatamente nesse período de incursão no bairro Simões Lopes, na segunda metade dos anos 1920.



Figura 26 - Filhotes (Juniões) do G. E. Brasil em 1929 (ANDREA, 2011, p. 37).



Figura 27 - G. S. Brasil, Campeão Pelotense em 1931⁵³ (OP, 25/12/1931).

Moura (2006, p. 176-177) explica o contexto de criação do Bairro Simões Lopes, como uma alternativa para a população operária abandonar os cortiços do centro, podendo se deslocar até o trabalho através do bonde. Porém se nos anos 1910 o bairro tem uma evolução interessante, uma série de questões, como problemas geográficos e falta de investimento público, fizeram com que após os anos iniciais ele tenha gradualmente se tornado um subúrbio de habitações de baixa renda (MOURA, 2006, p.187-192). Os clássicos da cidade passam a opor, de um lado, os “Negrinhos da Estação” e, de outro, os “Fidalgos da Avenida”, outro sinal de como estão atreladas a realidade geográfica e a composição social dos clubes⁵⁴.

Com essa proposta, de pensar a presença de jogadores negros nos plantéis da dupla Bra-Pel através da geografia histórica do futebol na cidade, este trabalho

⁵³ É importante destacar que na figura 27 é possível perceber que há ainda certa “distância” entre negros e brancos. Com exceção de um que está agachado bem à direita, os demais negros estão de pé, agrupados atrás (além de um menino branco). Este aspecto pode demonstrar que, apesar da aproximação, entre os jogadores a cor da pele ainda podia ser um elemento de aproximação/afastamento.

⁵⁴ Ainda sobre os dois campos que o G. S. Brasil possuiu no Simões Lopes, o jornal O Libertador (07/03/1935, p. 2) noticiou que G. S. Brasil iria construir um novo pavilhão (no campo da Rua Aparecida) e informou também que naquele momento o Bancário ocupava o antigo campo dos “Negrinhos da Estação” (campo perdido em 1927 por questões financeiras). O Diário Popular, dois meses depois (05/05/1935, p. 8) publicizou a inauguração do novo pavilhão, no campo do G. E. Brasil (Rua N. Senhora Aparecida, Simões Lopes), para maior conforto do público.

chegou a resultados interessantes. Essa até poderia ser uma explicação plausível para a situação, já que no E. C. Pelotas a manutenção da sede em uma região notadamente mais elitista parece ter dificultado a inserção de jogadores de etnia negra, enquanto o G. E. Brasil tem como principal momento de ingresso de jogadores afrodescendentes o período em que se distancia do centro, adentrando num bairro operário.

No entanto, a localização dos estádios não pode ser supervalorizada, já que o clube passava, sobretudo, por um período de dificuldades financeiras, sendo possivelmente essa uma das principais razões⁵⁵ para a precoce, se comparada ao clube rival e mesmo a outros clubes do país, abertura das portas do clube aos afrodescendentes.

⁵⁵ Talvez atrelada ao sucesso do mulato Babá e ao próprio contexto de criação do clube, mais ligado à pequena burguesia, imigrantes e alguns operários, do que à elite.

3. A Liga José do Patrocínio

A nossa luta, a princípio empreendida para minonar (sic) a nossa situação esportiva, é hoje uma questão de honra, não só para nós como para todos os jovens e velhos pertencentes à nossa camada social, que veem e sabem como somos tratados pelos invejosos que por aí andam a pregar a bestialógica separação das raças num “país de mestiçagem”. Eis o motivo porque devemos trabalhar todos por um só ideal, para que o mais cedo possível, possamos ver, orgulhosos, tremular na entrada principal do nosso ground, a bandeira triunfal da “Liga de Foot-Ball José do Patrocínio”, conquistada após uma série de sacrifícios, batendo-nos denotadamente contra o preconceito racial (Alvorada, 14/09/1919, p. 1).

No Brasil, a inserção do negro no futebol repercutiu as tensões raciais do início do século XX. No Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, ocorreram várias tentativas de barrar a presença de jogadores negros nos clubes, na primeira divisão do futebol carioca. Em São Paulo nos anos 1910, clubes podiam perder pontos pela inscrição de jogadores “colored”. O racismo no futebol gaúcho do período, no entanto, apresenta uma peculiaridade principal:

Desconhecemos, porém, registros de ligas negras em outros estados da federação. Cabe indagar se estamos diante de uma exclusividade gaúcha no contexto nacional: em Pelotas, existiu a Liga José do Patrocínio, e em Rio Grande, a Liga Rio Branco, todas exclusivas para atletas negros e com auge nos anos 1920 (MASCARENHAS, 1999, p. 154).

A Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense apresenta semelhanças com a Liga José do Patrocínio, desde os anos de sua existência, até na relação com a Liga da elite das cidades:

Aproximadamente entre 1915 e 1930, quando o futebol se populariza plenamente em Porto Alegre, o projeto de modernidade e toda a ideologia racista estão em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos. Neste sentido, em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada na imprensa “branca”) como Liga da Canela Preta (MASCARENHAS, 1999, p. 145).

Feitas essas considerações acerca do contexto nacional e regional, cabe destacar que uma Liga não surge do nada, algo óbvio, mas é construída a partir da existência de clubes engajados na prática de determinado esporte. Nesse sentido,

assim como fora feito no caso das outras Ligas estudadas, antes de trabalhar a Liga José do Patrocínio (LJP) propriamente, é necessário investigar quais os caminhos percorridos pelos clubes que participam de sua primeira edição: S. C. Juvenil, S. C. América do Sul, G. S. Vencedor e S. C. Universal.

Algumas notícias da década de 1930 nos ajudam a descobrir o ano de fundação do S. C. Juvenil. A primeira delas informa que completa dia 13, seu 26º aniversário de fundação, este clube que foi ex-campeão da Liga José do Patrocínio (Alvorada, 05/05/1934, APBL). Depois outra notícia avisa que comemorando a 13 do corrente seu 27º aniversário de fundação, o Juvenil fará pomposo baile sábado na sede do G. R. Democrático, sendo visitado pelo Bageense Niteroi Club (Alvorada, 05/05/1935, APBL). Mas, por fim, o mesmo jornal esclarece que na verdade será o 28º aniversário (Alvorada, 12/05/1935, p. 3) e depois da festividade, repete mais uma vez que foi o 28º aniversário (Alvorada, 26/05/1935, p. 7). Portanto, o clube parece ter sido fundado em 13 de maio⁵⁶, ficando a dúvida sobre o ano, se em 1907 ou 1908. Pelos clubes de futebol com os quais ele mantinha relação ao longo dos anos, os espaços frequentados e bailes organizados, tudo indica que se trata de um clube de negros operários.

A primeira informação encontrada nos jornais sobre o S. C. Juvenil é a realização de um *match* de futebol com o S. C. América do Sul no domingo dia 29 (Tribuna, 28/10/2011, APBL). Depois, em 1916 é noticiado que fará baile sábado na sede do 7 de setembro (Rebate, 09/02/1916, APBL). Participa da fundação da LJP (Alvorada, 22/06/1919, p. 2). Em setembro de 1919 vai a cidade de Rio Grande enfrentar o 28 de Setembro (Alvorada, 14/09/1919, p. 3). Em 1923 continua filiado a LJP (Rebate, 20/03/1923, APBL). No mesmo ano, no salão da Liga Operária, ocorre a posse da primeira diretoria de senhoras do S. C. Juvenil, o que atesta o tamanho do clube. Depois haverá baile, oferecido a diretoria (Rebate, 22/09/1923, APBL).

Em 1927, participa da moção contra o preconceito⁵⁷ (Libertador, 16/07/1927, p. 4). No mesmo ano, convida os sócios para assembleia geral para eleição da nova diretoria e prestação de contas, dia 10 de maio, 21 horas, informando que o Presidente, na época, era Joaquim Rollo Sobrinho, cuja vinculação ao movimento negro pelotense será explorada no próximo subcapítulo, e o secretário era Joaquim

⁵⁶ Muitas festividades e fundações de entidades negras ocorrem no dia 13 de maio, data simbólica, por fazer referência a abolição da escravidão, conforme lei sancionada em 13 de maio de 1888.

⁵⁷ Que será trabalhada no item 3.2 deste trabalho.

Dias (Libertador, 07/05/1927, APBL). Em 1929 continua na LJP e joga contra o América do Sul (CM, 11/10/1929, APBL). Em 1931 continua jogando pela LJP (OP, 02/04/1931, APBL). Os títulos e as informações sobre o clube após 1931 serão trabalhadas nos próximos subcapítulos. Na imagem abaixo, a primeira vista já se percebe que todos os jogadores da equipe de 1922 são negros. Mas além disso, nesse caso alguns dos dirigentes do clube que ali se encontram são negros também, algo que não foi encontrados nas imagens das outras Ligas. Outra questão é que, nesse caso, a imagem possui considerável qualidade, contrastando com outros clubes da LJP, com fotografias com imagem inferior. Além disso, mais uma vez os onze titulares parecem formar o 2-3-5. Ao fundo, um imponente muro.



Figura 28 - Equipe do S. C. Juvenil que disputava a Liga José do Patrocínio, em 1922 (Alvorada, 15/11/1931).

A primeira referência ao S.C. América do Sul nos periódicos é a de que foi fundada no Areal esta associação esportiva (Tribuna, 24/10/1911, APBL). Parece se tratar de um clube de negros operários, pelo envolvimento com outros clubes e pelos espaços frequentados. Além disso, naquele momento havia muitas charqueadas no areal, sendo possível inferir a presença de muitos operários no local. Em 1914 essa associação esportiva elegeu diretoria (CM, 26/08/1914, APBL). Em 1º de maio de

1916 um espetáculo é dedicado a ele pela Troupe Infantil Guerra, comemoração da União Operária (OP, 29/04/1916, APBL). Participa da fundação da LJP (Alvorada, 22/06/1919, p. 2). O presidente do clube em 1919 é Sylvio Lima (Alvorada, 27/07/1919, p. 7), que é tesoureiro da LJP nos seus primeiros anos. Em agosto recebeu visita do S. C. 28 de Setembro da cidade de Rio Grande para a realização de um amistoso, que fazia parte das comemorações do seu aniversário (Alvorada, 10/08/1919, p. 2). Em setembro de 1919, empatou em 1 a 1 com o Universal (Alvorada, 14/09/1919, p. 3). Em outubro é realizado, no gentilmente cedido campo do S. C. União, o “1º sensacional encontro desportivo da série organizada pela Liga”. O preço das entradas seria 1\$000 reis para os cavalheiros e as arrecadações visavam o cercamento do campo para os clubes da Liga. Algo raro, nesse caso foram divulgadas as escalações dos 1º e 2º quadros, que mostram o uso do padrão tático 2-3-5 surgido no século XIX e muito em voga na época.

1º. quadros <i>America</i>				
	Alfredo Nelson Tito	Nicolau Teixeira Garrincho	Delfino Mondongo Flor	Machado
Campos				
<i>Universal</i>				
	Dias Onofre Farias	Oscar Bazilio Caporal	Antero Pery Alfredo	Homero
Thomaz				
2º. quadros <i>Universal</i>				
	Amaro Albino Cacio	Carvalho Luz Chagas	João Gomes Ferreira	Xavier
Cunha				
2º. quadro <i>America</i>				
	Alvaro Leontino Wenceslau	Assis Mendonça Bagéense	Allemão Aloides Protacio	Silveira
Pedro				

Figura 29. Escalações para os jogos entre América do Sul e Universal, organizados pela LJP (Alvorada, 12/10/1919, p. 2).

Na semana seguinte, são divulgados vários detalhes das partidas. O jogo dos 2º quadros terminou 1 a 0 para o América. Já os 1º quadros empataram em 1 a

1, com gols de Thomaz, o extrema direita do Universal, e de Garrincho, do América, de pênalti (Alvorada, 19/10/1919, p. 2).

É realizado um “baile de primavera” no dia 20 de setembro de 1921, nos salões da Liga, dedicado a este clube, ocorrendo antes, a entrega de lindas medalhas aos “esforçados *players*” dos 1º e 2º times (Rebate, 16/09/1921 e 21/09/1921, APBL). Em 1923 ele continua filiado a LJP (Rebate, 20/03/1923, APBL). Em 1927, também participa da moção contra o preconceito na cidade (Libertador, 16/07/1927, p. 4) e dois meses depois, consta a eleição de nova diretoria, sendo presidente o Francisco dos Santos Flores (Libertador, 22/09/1927, APBL). Em 1929 tomou posse nova diretoria, sendo o presidente Miguel Antonio Gomes (OP, 2/10/29, APBL). No mesmo mês, jogou contra o S. C. Juvenil pela LJP (CM, 11/10/1929, APBL).

No caso do G. S. Vencedor não foram encontradas informações que indiquem sua data de fundação. É um clube negro que participou da fundação da LJP (Alvorada, 22/06/1919, p. 2). No final de outubro de 1919 jogou contra o S. C. Universal, o segundo jogo da temporada organizada pela LJP, tendo perdido por 2 a 0 nos 2º quadros e por 1 a 0 nos 1º quadros (Alvorada, 02/11/1919, p. 2). Continua filiado a Liga em 1923 (Rebate, 20/03/1923, APBL). Em 1927 consta que a diretoria está assim constituída: Motta e Francisco Paula Santos; orador: Dorval Berchol e Guilherme Machado; porta estandarte: Antonio Carvalho; CC: Pedro Xavier; relator: Manoel Avila, Anarolino Candiota; cap. geral: Pedro Souza; adjunto: Mario Barcellos; guarda-sport: Balbino Vieira e João Costa; Diretores: José Andradas, Pedro Ramão de Paula, Francisco Vieira (DP, 27/04/1927, APBL). Dois meses e meio depois, participa da moção contra o preconceito (Libertador, 16/07/1927, p. 4). Em 1931 continua jogando pela LJP em 1931 (OP, 02/04/1931, APBL), e continua com a equipe composta somente de jogadores negros. Na imagem de 1931, no campo de jogo que parecia ser bem simples, o goleiro ao chão e os outros dez titulares de pé, entre o treinador e um dirigente. Todos negros.



Figura 30 - G. S. Vencedor (OP, 25/12/1931).

Algumas notícias da década de 1930 nos dão indícios sobre a criação do S. C. Universal, especialmente os convites para um programa esportivo dançante nos dias 17 e 18 para festejar o 23º ano de sua fundação (Alvorada, 04/08/1935, p. 3 e 18/08/1935, p. 2). Como o baile foi realizado no sábado e o jogo entre Universal e Luzitano no domingo, não é possível identificar o dia exato de fundação, já que pode inclusive ter sido num dia da semana anterior ou posterior. O que é possível identificar é o ano de fundação e provavelmente o mês: agosto de 1912. Participou da fundação da LJP (Alvorada, 22/06/1919, p. 2). Em novembro jogou pela LJP contra o S. C. América do Sul, tendo sido derrotado nos dois quadros (Alvorada, 16/11/1919, p. 3).

Em 1922 promoveu chá dançante na sede do G. R. 24 de junho, o qual acabou em conflito. Três pessoas tentaram entrar e, após serem impedidos pelo diretor da festa Manoel Bernardino Pereira, o esfaquearam, sendo, um deles, alvejado por um tiro disparado pelo referido diretor. Os outros dois ainda tentaram entrar na festa e foram impedidos e feridos, um por alguém da festa e o outro pela polícia. Não foi possível identificar outra motivação para a briga, além do fato da

entrada deles ter sido barrada. Também não foram encontradas evidências sobre o motivo do impedimento. O desfecho e os envolvidos foram assim descritos:

Justino e Bento foram presos e recolhidos ao 1º posto. Manuel Bernardino Pereira que é casado e de profissão sapateiro, trabalha na fábrica Russomano, onde é muito bemquisto bem como por todos que o conhecem. Acha-se ele detido no 1º posto, onde se apresentará após a ocorrência em que se envolvera. Carlos Alves Ferreira é solteiro, de cor pardo⁵⁸, conta 21 anos e reside à rua Tiradentes n. 355. Encontra-se ele, em tratamento na Santa Casa, sendo grave o seu estado (Rebate, 06/11/1922, p. 2, APBL).

Em 1923 continua filiado a LJP (Rebate, 20/03/1923, APBL). Em 1927, participa da moção contra o preconceito (Libertador, 16/07/1927, p. 4). Em 1931 continua jogando pela Liga Futebol José do Patrocinio (OP, 02/04/1931, APBL) e tem alguns negros e mulatos na equipe. Na imagem abaixo, estão os onze titulares de 1931, o goleiro ao chão com a bola. Todos, ou quase todos, negros.



Figura 31 - S. C. Universal (OP, 25/12/1931).

⁵⁸ Como o Carlos é descrito como de cor pardo e não é feita referência a cor do Manuel, resta a dúvida sobre a possibilidade do clube ter um membro influente branco, embora possa ter relação com o local onde ambos se estavam (talvez a Santa Casa fizesse registro da cor e o posto policial não).

Essas são as primeiras duas décadas das quatro equipes que, como será visto a seguir, participaram da primeira edição da Liga José do Patrocínio.

3.1 A criação da Liga

Em 1919 as outras duas Ligas existentes na cidade, LPF e LCN, já possuíam alguns anos de existência. Desde 1912, pelo menos três dos quatro clubes que iriam participar da primeira edição da LJP realizavam apenas partidas amistosas, como que apartados desse contexto.

É verdade que dentro das outras duas Ligas citadas ocorreram atritos, principalmente quando clubes da LCN passavam a disputar a LPF, conforme já discutido no capítulo anterior. E nesse contexto é que o ano de 1919 começa com notícias na imprensa negra pelotense que parecem indicar uma organização dos negros de Pelotas em torno do futebol:

Pelo Sport – Segundo consta, um grupo de influentes jovens, pertencentes aos destemidos clubes esportivos América e Juvenil estão tratando da fusão dessas duas associações. Para este fim houve reunião em dias da semana finda, no qual resolveram-se vários assuntos relativos a fusão. Os fins principais da mesma são a construção de um pavilhão e aquisição de campo, que será todo cercado de tábuas. É essa uma velha aspiração dos nossos jovens conterrâneos e mesmo forasteiros, entusiásticos defensores das cores dessas simpáticas associações esportivas. Aplaudindo a magnífica ideia desse grupo de distintos jovens hipotecamos a nossa solidariedade (Alvorada, 19/01/1919, p. 2).

No fim do mês, mais detalhes sobre tratativas entre os clubes esportivos identificados pelo jornal como “da nossa camada social”, apontando para uma fusão. Destaca-se a intenção de melhorar as condições materiais para a prática do futebol:

Pelo Sport – Conforme o nosso “consta” de domingo passado, sobre a fusão dos diversos clubes esportivos da nossa camada social, temos a acrescentar que se cogita desse grande melhoramento. Já há tempo dissemos pelas colunas desse jornal que a nossa sociedade carecia de aquisição de um campo para seu *ground* e que para isso era preciso que fizesse uma fusão geral dos clubes da nossa camada, constituindo um só grupo, cujos resultados seriam vantajosos para todos. Agora a ideia surgiu novamente, com mais intensidade e, pelo que consta, é quase certo que se conseguirá a união dos clubes esportivos, os quais ficarão com um só nome, o que é digno de registrar, se de fato se consumir o que se idealiza. Não vemos nessa fusão nenhum inconveniente, pois lutando com dificuldades, como lamentam todos os grupos esportivos locais, sem força mesmo, jogando em campos abertos, entregue a vozeria dos despreocupados, lugares onde não oferecem conforto às nossas famílias

esse é o único meio que há para acabarmos com isso. É mais estética uma praça de jogo nessas condições tapado, com assento para as famílias, oferecendo um novo aspecto, mostrando aos que nos visitam o nosso adiantamento, o nosso esforço (Alvorada, 26/01/1919, p. 2).

Na mesma publicação, chama a atenção a existência de casos de jogadores que já estariam sendo tirados dos clubes:

Devemos ter em vista, que eles estão tirando dos nossos clubes os melhores jogadores, deixando para o lado a distinção que existia outrora. E assim torna-se necessária a fusão das nossos associações, sem prejuízo de quem quer que seja, para constituição da praça, para espelho das gerações futuras, para recreio dos que honram com as suas visitas (Alvorada, 26/01/1919, p. 2).

O único caso concreto encontrado de afrodescendentes na LPF na década de 1910 foi o do mulato Babá, no G. E. Brasil. Frente a esta informação, de que alguns jogadores estavam sendo retirados dos clubes identificados com a comunidade negra, algumas possibilidades podem ser aventadas: a) havia mulatos, gente de cor mais clara que estavam sendo aproveitados pelos outros clubes, mesmo que não aqueles bem da elite, mas talvez, times operários; b) quem sabe, estes clubes negros, ou alguns entre eles, aceitavam brancos em seus times e podiam perder estes jogadores para outros times. Esta hipótese é plausível, pois, realmente, a não ser nos clubes bailantes, os negros não discriminavam pela cor. Eles poderiam aceitar brancos, e estes brancos, conforme seu desempenho, poderiam ser cooptados, seduzidos por outros clubes; c) como não existem só os times do primeiro escalão, da liga mais importante, mas existem várias ligas, os jogadores negros/mulatos, podiam ficar inconformados de não serem aproveitados em nenhuma delas pelos clubes negros e então procuravam jogar em outros, como, por exemplo, em times de fábrica.

Em fevereiro, as conversas continuavam indicando a tentativa de formar uma equipe, mas agora com o objetivo de disputar a Liga Pelotense:

Pelo Sport – A conveniência que existe na fusão das associações locais de esporte é sobejamente conhecida. Não se trata nesta união, de consciências particulares, mas, sim, do melhoramento geral, do progresso da nossa sociedade, para o orgulho de todos, para as glórias que conquistar-se-ão no futuro. Assim unidos por um só laço, trabalhando todos pelo adiantamento do esporte, poderemos fazer parte da Liga Pelotense de Foot-Ball e, não vamos, por exemplo, realizar *matches* com clubes dessa Liga em campos abertos e sem conforto e que resultado algum deixariam. A ideia da fusão, nascida entre um pugillo de jovens da nossa sociedade, é digna de admiração, porque vem preencher um vácuo, aberto pelo pouco entusiasmo ou mesmo pelo egoísmo, de que se acham possuídos muitos,

que veem na dita fusão uma ofensa e não um melhoramento. É necessário que se lute até a vitória, cuja palma será o símbolo imperceptível do esforço e do melhoramento das associações esportivas locais. É preciso que a juventude de agora afugente da sua mente o idealismo antigo, o idealismo da perpetuidade, da caranguejo e siga a moderna geração, cantando alegremente o hino do progresso, deixando para traz a voz faustosa do retrocesso. Faça-se a fusão, são os nossos votos, ardentes e sinceros (Alvorada, 02/02/1919, p. 3).

Duas semanas depois, no entanto, Zé da Várzea⁵⁹ adverte que a ideia parece cada dia mais distante:

Horas Vagas – Apesar da grande influência que reina entre muitos jovens entusiastas do popular jogo bretão, o *foot ball*, esse esporte magnífico que se acha enraizado em todas as camadas sociais, a ideia da fusão das associações locais desse esporte, é ainda uma ilusão. A onda volumosa de aplausos de entusiasmo, que causaria a todos essa união, parece extinguir-se como bolhas de sabão ao mais leve sopro da brisa. Não estão todos os componentes dessas associações, segundo parece, de acordo com a ideia da fusão, cujos resultados, estou certo, seriam vantajosos, para reforçar mais uma vez o agrupamento esportivo da nossa camada, onde há excelentes jogadores, cômnicos das suas obrigações quando entram em campo, defendendo com bravura as cores de seus clubes, como se defende nos campos de batalha o pavilhão da Pátria ultrajada. No meu fraco pensamento, acho que não haveria, inconveniência alguma nessa união, pois, que fusionados, trabalhando todos pelo mesmo método, não existindo ideias desencontradas, se poderia conseguir esse desiderato sem relutância. A construção de um *ground*, para realização dos jogos, é uma coisa que se faz necessária, não só para engrandecimento nosso, como também para recreio dos sócios, nessas tardes alongadas de verão, que só requerem lugares onde se goze os proventos de agradável atmosfera. Tudo isso são fatos ao alcance dos dignos jovens filiados aos clubes locais, que estão mais do que cientes do que cito nestas rápidas linhas. Não deve ser a fusão uma espécie de obrigação mas, sim, uma concordância de ideias bem intencionadas e sinceras, que não venha recair em prejuízo de quem quer que seja. Só assim poderíamos ver realizada essa união, que é o sonho dourado de dezenas de jovens conterrâneos. É isso uma das mais urgentes necessidades que deveríamos nos apressar a sanar, dando, mais uma vez, prova da nossa cultura e do nosso espírito moldado para o desenvolvimento. Mas, a ideia está, ao que consta, fenecendo dia a dia, o que é de lamentar sinceramente... (Alvorada, 16/02/1919, p. 1)

Apesar do jornal não trazer mais publicações sobre a fusão ou sobre a criação de uma Liga nos quatro meses seguintes, os clubes de futebol que cogitavam a fusão continuaram realizando amistosos e festas. O S. C. América do Sul enfrentou “um forte *team* da cidade do Rio Grande” em fevereiro (Alvorada, 09/02/1919, p. 4) e em maio realizou um *match* contra o G. S. Vencedor no campo do S. C. Flamengo, gentilmente cedido, tendo vencido por 4 a 0 (Alvorada, 18/05/1919, p. 5). O S. C. Juvenil realizou em 13 de maio sessão festiva em

⁵⁹ Pseudônimo de Armando Vargas, futuro membro da primeira diretoria da Liga José do Patrocínio.

homenagem ao seu 12º aniversário (Alvorada, 11/05/1919, p. 3).

Em junho, o jornal noticia a criação de uma nova Liga, como alternativa a Liga Pelotense de Futebol:

Liga de Foot-Ball José do Patrocínio – Satisfazendo a ardente aspiração da nossa juventude esportiva, foi afinal, fundada a tão ansiada liga de foot-ball, para ella entrando os nossos valorosos clubes locais “América do Sul”, “Juvenil”, “Universal” e “Vencedor”. Essa reunião teve lugar na sede do Clube 7 de Setembro, à qual compareceu grande número de sócios dos clubes esportivos acima citados. Após longa exposição das condições da Liga, foi ela fundada, por entre os aplausos ruidosos da assembleia. Fundada a Liga os seus iniciadores, sem perder tempo, tratam de organizar várias festas para, com o seu produto, empreender, o quanto antes, o serviço de cercamento do campo, no qual se realizarão os jogos oficiais. Estamos certos que para esse importante melhoramento não faltará auxílio, principalmente por parte do nosso belo sexo, sempre pronto a coadjuvar as nossas associações esportivas. A Liga escolheu para presidente e 1º secretário, respectivamente, os nossos companheiros de trabalho, Alvaro N. Campos e Armando Vargas, e tesoureiro o nosso amigo Sr. Sylvio Lima. Sobre a fundação da Liga voltaremos a tratar em edições seguintes, orientando desse modo os esperançosos jovens que fazem parte dos clubes locais (Alvorada, 22/06/1919. p. 2).

Esse número do jornal acaba tendo três publicações voltadas para a criação da Liga. Além do já citado anúncio da sua fundação, na página seguinte é feito um apelo ao leitor “para que possa levantar o seu *ground* com a maior brevidade possível. Qualquer donativo pode ser enviado a esta redação” (Alvorada, 22/06/1919, p. 3). A coluna Horas Vagas, que abre a edição, faz uma reflexão interessante sobre a fundação, ressaltando as vantagens da iniciativa, a consciência da existência de Ligas em outras cidades, as dificuldades financeiras iniciais e o orgulho frente “a esses que nos depreciam”:

[...] Não é um assombro a formação da liga, pois, em outras cidades, talvez, menos adiantadas do que Pelotas, já existem ligas de *foot ball*, aparelhadas para proporcionarem aos seus *habitués* tardes agradáveis, em encontros emocionantes ao som alegre de afinada banda musical. Extraordinárias vantagens oferece a união das nossas associações locais, não só para elas próprias, como para o público, que vai apreciar dominicamente as partidas entre os seus quadros. Não víamos por isso tropeço algum que pudesse desviar dessa estrada de futuro bem estar para os clubes, a ideia que surgira de um grupo de rapazes bem intencionados, que a lançaram convictos da sua realização. No princípio lutar-se-á com grandes dificuldades, por motivo da falta de verba, a qual se destinará a compra do material necessário para tapar o campo, mas, uma vez este cercado, como é a ardente aspiração de todos, as despesas serão diminutas. Satisfaz-me ver fundada a “Liga de Foot Ball” a qual deram o nome do grande jornalista, cuja memória veneramos com respeito – José do Patrocínio – a quem a nossa raça deve inestimáveis benefícios na extinção da escravidão no Brasil. Sinto-me orgulhoso de ter daqui desta secção despreziosa,

cooperado para a realização desse importante melhoramento, que trará para todos um padrão inextinguível de glórias, que causará inveja a esses que nos depreciam. Aos fundadores da Liga, os meus cumprimentos (Alvorada, 22/06/1919, p. 1).

Na semana seguinte, são publicizados detalhes sobre a organização do primeiro campeonato:

[...] Os estatutos da Liga já deveriam ter sido sujeitos a apreciação da respectiva diretoria, em reunião realizada quarta-feira. Dessa reunião, deveria, igualmente, ficar organizado o *carnet* para a atual temporada. Com o encontro dos clubes *América do Sul* e *Juvenil*, domingo último, finalizaram-se os jogos avulsos, entrando os mesmos bem como os demais coligados a disputarem o campeonato de 1919. Os jogos pois, doravante, serão oficiais. Impossível, porém, declararmos, quais os clubes que abrirão a nova era desportiva. É possível que seja – (palpite), Juvenil X Universal ou América X Juvenil, ou, mesmo, América X Vencedor. Há quem diga que a abertura dos jogos oficiais dê-se com os quadros do Universal X Vencedor. Este encontro, cremos ser o mais provável, devido a um dos clubes seguintes ter de se preparar, em treinamento, para o projetado encontro intermunicipal [...] (Alvorada, 29/06/1919, p. 1)

A cada edição a campanha de arrecadação é reiterada, com os valores angariados até o momento, que dão indícios acerca das formas de arrecadação utilizadas:

A Alvorada 5\$000

Quantia angariada pela simpática senhorinha Herotyldes da Silva Campos, por ocasião do *match* entre Juvenil X América 22\$720

Idem, idem pela gentil senhorinha Maria Martins, na mesma ocasião 11\$400

Sr. Sylvio Lima 2\$000

Sr. Lourival Ferreira de Azevedo 2\$000

Produto da venda de balas pelo Sr. Lourival F. Azevedo, por ocasião do espetáculo realizado no Cinema Popular em benefício da Liga 17\$260

Idem Idem no 7 de Setembro 8\$700 (Alvorada, 06/07/1919, p. 3)

Ainda nesse primeiro número do mês de julho é divulgada a primeira partida da Liga:

Pelo Sport – Enfrentar-se-ão, hoje⁶⁰, às 2 horas os valorosos quadros dos clubes *América do Sul* e do *Universal*, no campo daquele. A disputa deverá ser renhida, dada a força dos combatentes. É este o primeiro jogo, extraordinário organizado pela Liga José do Patrocínio. Ainda este mês, ao que sabemos, ficará concluído o respectivo *carnet* para o início da série do campeonato (Alvorada, 06/07/1919, p. 2).

⁶⁰ O jogo acabou adiado para o dia 13 de julho, às 14 horas, devido ao falecimento do player Mario Moraes (Alvorada, 13/07/1919, p. 6).

É importante observar que o racismo brasileiro se caracteriza, sobretudo, por preterições sutis e não por confrontos evidentes, preservando a imagem de uma aparente democracia racial. Portanto, não é estranho que essas primeiras fontes encontradas não falem abertamente sobre a negação da prática do futebol aos clubes negros. Nesse ponto, percebe-se como os silenciamentos estão presentes na relação entre história e memória. Sobre essa questão Le Goff (1992, p. 109) lembra que:

A reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. (...) Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos.

Nessas primeiras fontes, a ausência do negro na LPF pode ser entendida como a maior prova do preconceito velado ao qual este grupo era submetido nas décadas posteriores à abolição.

A partir da segunda quinzena de julho, no entanto, as publicações começam a apontar, cada vez mais para os conflitos raciais relacionados à criação da LJP. Na edição do dia 20, são destacadas os esforços para a organização de jogos intermunicipais com clubes de Rio Grande e a Liga passa a ser tratada como uma questão de honra, contra a prepotência existente contra aquela raça e contra os trabalhadores:

Domingo passado, uma comissão da Liga, a convite, foi ao Rio Grande, tratar da organização de jogos intermunicipais, e fazer esforços pela união entre os valentes clubes esportivos daquela cidade, encontrando o melhor acolhimento. Vários esforçados cavalheiros ali residentes, amigos do progresso e das belas iniciativas, hipotecaram a sua solidariedade à Liga José do Patrocínio, prometendo trabalhar com afinco pela união dos mesmos sports, o que é uma rósea esperança a derramar o néctar do entusiasmo nos nossos corações, cheios de fé pelo rápido andamento das nossas aspirações. É uma causa santa a que está ativando a Liga, porque não é mais uma questão social, mas sim, uma questão de honra, para combater a prepotência existente contra a raça e contra aqueles que se fazem e vivem pelo trabalho. Assim, pois, o triunfo da Liga, que é certo, constitui uma das mais sublimes páginas das nossas associações esportivas. Tudo pela Liga!! (Alvorada, 20/07/1919, p. 2).

A criação da Liga é tratada no periódico como uma reação ao preconceito racial e aos que por aí ainda pregavam a separação das raças, conforme aponta

mais uma vez Zé da Várzea, na coluna Horas Vagas:

[...] Esta Liga, idealizada, sonhada mesmo, e que hoje aí está, numa marcha acelerada em caminho da construção de sólidos alicerces, há de, em dias vindouros, proporcionar horas agradáveis a todos quantos se não interessado pela sua prosperidade, ajudando-a a transpor a barreira que certos preconceitos colocaram na estrada, - esse abismo que sempre surge em todos os empreendimentos da comunhão social. Acreditamos que já temos a batalha ganha, pois, ouvimos a todo instante os nossos clarins soarem, e com eles a voz sonora e animadora dos Anjos, anunciando a vitória! Oxalá. A nossa luta, a princípio empreendida para minonar (sic) a nossa situação esportiva, é hoje uma questão de honra, não só para nós como para todos os jovens e velhos pertencentes à nossa camada social, que veem e sabem como somos tratados pelos invejosos que por aí andam a pregar a bestialógica separação das raças num “país de mestiçagem”. Eis o motivo porque devemos trabalhar todos por um só ideal, para que o mais cedo possível, possamos ver, orgulhosos, tremular na entrada principal do nosso ground, a bandeira triunfal da “Liga de Foot-Ball José do Patrocínio”, conquistada após uma série de sacrifícios, batendo-nos denotadamente contra o preconceito racial (Alvorada, 14/09/1919, p. 1).

A criação da LJP, mostra uma organização alternativa ao futebol da elite pelotense, em prol da prática do esporte. Rigo (2004, p. 150) fala sobre o surgimento dessa liga e o caráter que ela irá assumir, fazendo ainda considerações sobre o quadro excludente que antecede a sua criação:

Como resultado do acúmulo dessas experiências de resistência e de contraposição à perpetuação exclusiva de um futebol branco e de elite, fundou-se em Pelotas, em 1919, a “Liga José do Patrocínio”, que logo se tornou conhecida como ‘a liga dos negros’.

Além da divulgação dada pela imprensa negra da cidade, a criação da Liga repercutiu também em outros jornais da cidade. Curiosamente o Diário Popular foi o primeiro periódico diário, já que A Alvorada obviamente divulgou depois por ser semanal, a divulgar a fundação da Liga, porém acabou esquecendo, não sendo avisado⁶¹ ou até intencionalmente omitindo um dos clubes que participariam da Liga:

Foi fundada nesta cidade, em reunião realizada em dias da semana passada, uma Liga de “Foot-Ball” com a denominação de “José do Patrocínio”. Dessa liga fazem parte os clubes esportivos “América do Sul”, “Juvenil” e “Vencedor” (DP, 18/06/1919, p. 3).

⁶¹ É difícil sustentar qualquer possibilidade, pois o S. C. Universal pode ter, inclusive, ingressado na LJP dias depois, entre 18 e 22 de junho.

Os outros dois jornais que noticiam sua fundação, além de divulgarem corretamente os quatro clubes que compõem a primeira edição, fazem notícias menos protocolares que a do Diário Popular, manifestando, ao que parece, maior apreço pela nova Liga. O Rebate destaca a atenciosa circular recebida e o dia exato da fundação:

Liga de Foot-Ball José do Patrocínio – assinado pelo 1º secretário, Sr. Armando E. Vargas, recebemos atenciosa circular comunicando-nos haver sido fundada nesta cidade, no dia 10 do corrente, a Liga de Foot-Ball José do Patrocínio, constituída pelas sociedades esportivas locais: S. C. Juvenil, S. C. América do Sul, S. C. Universal e G. E. Vencedor (Rebate, 23/06/1919, p. 2).

A Opinião Pública envia os parabéns e ainda deseja a entidade um constante progredir:

Recebemos a comunicação de ter sido fundada, nesta cidade a “Liga de Foot-Ball José do Patrocínio, composta do S. C. América do Sul, S. C. Juvenil, S. C. Universal e G. S. Vencedor, e da qual é presidente o Sr. Álvaro N. Campos. Enviamos parabéns a novel entidade desportiva, almejamos-lhe um constante progredir” (OP, 24/06/1919, p. 2).

Se foi possível, ao contrário do que acontece com a Liga Nacional de Futebol Porto Alegre, precisar exatamente o momento da criação da LJP, não foi possível identificar claramente a data que a Liga finalizou suas atividades. No entanto, ao que tudo indica ela percorreu quase duas décadas de existência e desempenhou vários papéis na comunidade negra pelotense do período.

3.2 Desporto, integração social e militância

Impossível partir de outro aspecto de uma liga de futebol, que não seja o popular esporte bretão. Assim, a Liga de Futebol José do Patrocínio⁶² foi fundada em 10 de junho de 1919, para a prática deste desporto, pelos clubes negros de futebol da cidade. Mas apenas os quatro clubes mencionados até o momento a disputaram? No primeiro ano sim, mas nos anos seguintes mais duas equipes entraram. Sobre a criação da Liga e os clubes que fizeram parte dela, Loner (1999, p. 144) assinala que:

⁶² O nome carrega todo um simbolismo, já que a própria imprensa negra considera José do Patrocínio como “imortal líder negro, da campanha abolicionista” (Alvorada, 05/05/1936, p. 11).

A Liga José do Patrocínio foi fundada em 10/6/1919, congregando times negros da cidade e mantendo sua existência pelas próximas duas décadas. Faziam parte dela os clubes Juvenil, América do Sul, Universal, Vencedor, União Democrata e Luzitano.

Portanto, os dois últimos clubes citados pela autora, em algum momento passaram a disputar a Liga. O União Democrata parece ter sido o primeiro a ingressar, pois em comunicação de partidas oficiais para o campeonato de 1920 ele já aparece: “até agora já jogaram Juvenil X vencedor; Democrata X América; Universal X juvenil” (Rebate, 05/05/1920, APBL). No ano seguinte, mais uma vez ele se faz presente: “Também fará jogos Vencedor X Democrata, no campo do *Sport Clube Lealdade*” (Rebate, 02/04/1921, APBL). Em 1922 são noticiados jogos desta Liga entre o G. S. Vencedor e o S. C. América do Sul, no campo do G. Portugues (Rebate, 29/04/1922, APBL).

No ano seguinte, o sexto clube aparece entre os filiados: “S. C. América do Sul, S. C. Universal, S. C. Juvenil, G. S. Vencedor, G. S. União Democrata e G. S. Luzitano” (Rebate, 20/03/1923, APBL).

Em 1926, a informação encontrada afirma que, pelo seu campeonato, jogaram domingo as 3 turmas do Juvenil, com as do Democrata (Libertador, 16/01/1926, APBL).

Em 1929, foi encontrada apenas uma notícia divulgando uma partida entre os grêmios Vencedor e Lusitano pela LJP (CM, 03/09/1929, APBL).

Depois, é noticiado que a Liga reuniu-se em 25 de março de 1931⁶³ e que os times que jogarão são os mesmos de 1923: Universal, Juvenil, Luzitano, América do Sul, Vencedor e Democrata (OP, 02/04/1931, APBL).

No ano seguinte, os mesmos seis clubes participam (OP, 06/08/1932, APBL). O campeonato de 1932 inicia dia 24 de abril, no campo do Ideal, jogando os seguintes clubes: Democratas X Lusitano; América X Vencedor e Juvenil X Universal (Libertador, 23/04/1932, APBL).

Neste momento, antes de questionar outros aspectos da Liga, parece

⁶³ Evidentemente a não existência das edições da década de 1920 do jornal *A Alvorada* atrapalhou significativamente o levantamento de fontes sobre a Liga, pois mesmo na hemeroteca da biblioteca nacional foram encontradas apenas edições de 1936, que serão trabalhadas a seguir. O *Rebate*, que também publicava notícias sobre a LJP parou de funcionar em 1924, agravando ainda mais a obtenção de fontes, mesmo recorrendo a vários periódicos. Por isso, será percebida uma maior concentração de fontes no início dos anos 1920 e após 1930, tanto em relação as partidas da Liga, quanto em relação aos bailes e festividades organizados em torno dela.

importante, já que os outros quatro clubes foram investigados anteriormente, analisar quem são estes outros dois clubes, que ingressam na LJP no início da década de 1920.

A primeira referência encontrada nos periódicos sobre o G. E. Luzitano é a realização de um baile, na Liga Operária (Rebate, 13/08/1921, APBL). Depois foi encontrada a informação de que o clube foi paraninfo do G. Portugues de Desportos na inauguração de seu campo (Rebate, 24/03/1922, APBL). É um clube negro, que consta como filiado a LJP em 1923 (Rebate, 20/03/1923, APBL) e faz assembleia para eleição e posse da nova diretoria, definindo que seu presidente é Duarte Couto P. Dias (Rebate, 06/04/1923, APBL). Como dito nos parágrafos anteriores, continua participando da LJP nos anos de 1931 e 1932. Na foto de 1931, apesar da baixa qualidade da imagem, percebe-se a maciça presença de negros no plantel.



Figura 32 - G. S. Luzitano (OP, 25/12/1931)

As quatro fotos de clubes que compunham a LJP que foram encontradas, não informam apenas a composição étnica dos plantéis de S. C. Juvenil, G. S. Vencedor, S. C. Universal e G. S. Vencedor. Nelas, pode ser verificado um grande contraste econômico, quando comparadas aos registros fotográficos dos clubes do capítulo anterior. Além das condições materiais para a prática do futebol, como

campo, bola e uniformes, serem mais limitadas, até mesmo a qualidade da imagem atesta que aquele registro foi feito por um aparelho inferior. Tais vestígios corroboram o entendimento de que a comunidade negra do período sofria duplo estigma, pela renda e pela cor.

Já a primeira referência encontrada nos jornais sobre o G. S. União Democrata é a realização de um baile deste grêmio na Liga Operária dia 17 de setembro de 1922 (Rebate, 15/06/1922, APBL). Existe, conforme já falado, um clube chamado Democrata disputando a LJP desde 1920 (Rebate, 05/05/1920, APBL), mas é possível que se trate do S. C. Democrata, que foi campeão da Liga Cassiano do Nascimento em 1915, mas não pode jogar na Liga Pelotense em 1916 e que poderia ter mudado de nome ou ainda rachado e se transformado em dois clubes (ou ainda ser uma improvável coincidência e se tratar de outro clube). O importante é não confundir o S. C. Democrata, que conforme discutido no capítulo anterior foi inclusive acusado de racismo por só aceitar mulatos, com o G. S. União Democrata, que é negro e parece ter relação com a sociedade musical de mesmo nome⁶⁴. Em 1923 continua filiado a LJP (Rebate, 20/03/1923, APBL). É negro e em 1927, participa da moção contra o preconceito (Libertador, 16/07/1927, p. 4). Joga na Liga José do Patrocínio em 1932 (Libertador, 23/04/1932, APBL).

Outra questão que ainda precisa ser trabalhada, no que concerne ao aspecto esportivo da Liga, são os campeões das edições da mesma. Embora nem todos os vencedores tenham sido encontrados, foi possível identificar as equipes que mais vezes conquistaram o título.

Nesse sentido, ao ser noticiada a eleição da nova diretoria do S. C. América do Sul, com Silvio Lima se tornando presidente, o jornal menciona que esse club é bicampeão da Liga José do Patrocínio (Rebate, 02/08/1922, APBL). Portanto, nos três primeiros anos de existência da Liga, 1919, 1920 e 1921, o Clube venceu duas edições.

No ano de 1923, por causa da cisão entre Liga Pelotense de Futebol e Associação Desportiva de Amadores e talvez também pelo clima político (Revolução de 1923), o único campeonato disputado foi o da Liga José do Patrocínio, e o América do Sul, derrotando o Universal por 2X0, no dia 23 de setembro, sagrou-se

⁶⁴ Ao estudar a Sociedade Musical União Democrata, Barbosa (2006, p. 27), fez menção a criação de um clube somente décadas depois: “na década de 60 os músicos jovens e estudantes de música da sociedade fundaram o Democrata Atlético Clube, dedicando-se ao futebol e ao tênis de mesa”.

tetracampeão pelotense por aquela Liga (ALVES, 1984, p. 78-80). Assim, foi possível identificar que o América do Sul era o time de maior destaque em termos esportivos, já que venceu quatro, das cinco primeiras edições da Liga. No ano de 1924, o campeonato da Liga Pelotense novamente não ocorreu (nem o Estadual, por causa da Revolta Paulista de 1924), mas dessa vez não foi possível identificar se ocorreu o campeonato desse ano promovido pela LJP.

Já no ano seguinte, 1925, o S. C. Juvenil foi o vencedor da LJP (ALVES, 1984, p. 87). Em 1926, novamente venceu o S. C. Juvenil, sagrando-se tricampeão da Liga José do Patrocínio (ALVES, 1984, p. 91). Ou seja, provavelmente em 1924 ocorreu edição da LJP e o Juvenil foi o campeão. Mas como o autor citado, não tratou o título de 1925 como bicampeonato, é possível também que o primeiro título do referido clube tenha sido o de 1919, ficando a dúvida sobre 1924.

Anos depois, em uma publicação de 1932, é noticiada a realização de uma festa do S. C. América do Sul nos salões da Liga Operária "no qual será entregue a linda taça conquistada no campeonato de 1929, a diretoria" (Alvorada, 06/03/1932, p. 3). Desse modo, percebe-se que em 1929 o referido clube voltou a vencer a Liga, não sendo possível precisar se trata-se do quinto título, pois não foram encontradas informações sobre os anos anteriores. Em 1930, é possível identificar a existência de três modalidades de disputa, pois os campeões de 1930 são assim divulgados: "Sport Club América do Sul, 1° *teams*; Sport Club Universal, 2° *teams*; Sport Club Juvenil, 3° *teams*" (Alvorada, 29/11/1931, p. 2). Portanto, na modalidade principal, novamente o América do Sul foi o campeão.

Por fim, foi encontrada no ano seguinte referência a uma possível final do campeonato de 1931: "América x Juvenil, no campo do G. S. Brasil, em disputa pelo campeonato da Liga José do Patrocínio" (Alvorada, 06/12/1931, p. 3).

Com essas pequenas considerações sobre os títulos da Liga, foi possível perceber que os dois times mais competitivos eram S. C. América do Sul e S. C. Juvenil, com uma ligeira desvantagem deste em relação ao primeiro.

Mas outros dois aspectos relacionados à Liga José do Patrocínio, para além do seu caráter meramente esportivo, merecem uma análise mais aprofundada. O primeiro diz respeito ao papel desempenhado pelos clubes da LJP na sociabilidade dos membros da comunidade negra pelotense. São inúmeros os bailes, festas e quermesses organizados a partir dos seis clubes da Liga.

Cada ano várias festividades são organizadas e divulgadas dessa forma.

Para fornecer alguns exemplos, em 1922 é noticiado que nos salões da Liga o G. S. União Democrata fará um baile, dedicado a seu co-irmão de Bagé S. C. União e em regozijo pela posse da nova diretoria e batismo do estandarte (Rebate, 14/10/1922, APBL). Em 1923 o mesmo clube, convida para um animado baile dia 19 (Rebate, 16/05/1923, APBL).

No mesmo ano, o jornal divulga que o G. S. Luzitano vai fazer baile na Liga Operária no dia seguinte à publicação (Rebate, 26/10/23, APBL).

Em 1932, foram identificados convites para bailes organizados pelo S. C. Juvenil (Alvorada, 03/04/1932, p. 7), pelo S. C. Universal (Alvorada, 10/07/1932, p. 2) e pelo S. C. América do Sul (Alvorada, 14/08/1932, p. 8).

No ano seguinte, a informação é que no próximo dia 15 de novembro o S. C. América do Sul fará deslumbrante festival em prol de seus cofres sociais no palco salão do COP (Cículo Operário Pelotense) e que reina grande animação para este festival (Alvorada, 28/10/1933, APBL).

Em 1934, o G. E. Vencedor faz baile em fevereiro (Alvorada, 25/02/1934, APBL) e “animadíssimo” baile em março (Alvorada, 04/03/1934, p. 3). No mês seguinte, o G. E.⁶⁵ União Democrata faz festival, no palco do Depois da chuva (Alvorada, 08/04/1934, APBL), o S. C. Juvenil faz baile (Alvorada, 08/04/1934, APBL) e o G. E. Vencedor volta a fazer dois bailes, dia 19 e 20 de maio na sede do Depois da Chuva (Alvorada, 05/05/1934, APBL).

Em junho desse mesmo ano, os amadores do corpo cênico do G. E. União Democrata, promovem dias 2 e 3, baile na sede da SR Depois da Chuva (Alvorada, 27/05/1934, APBL) e o E. C. América do Sul realiza um baile (24/06/1934, p. 3). Em outubro, o S. C. América do Sul organiza festa para posse da nova diretoria, sendo Euclides Oliveira da Silva o novo presidente (Alvorada, 14/10/1934, APBL).

Em junho de 1935 o S. C. América do Sul realiza chá dançante para eleger sua rainha (Alvorada, 16/06/1935, APBL) e em outubro são noticiados bailes dos clubes E. C. Juvenil, E. C. Universal, G. S. Vencedor⁶⁶ e G. S. Luzitano, alguns de final de ano (Alvorada, 06/10/1935, p. 2).

⁶⁵ Em algum momento, uns antes, outros depois, os clubes acabam adaptando as expressões ao português, trocando, como no caso, o “Sportivo” pelo “Esportivo”. Mas isso nem sempre obedece essa lógica, pois algumas vezes o jornal muda a expressão e na próxima publicação acaba voltando à anterior.

⁶⁶ O baile do G. S. Vencedor acaba sendo cancelado cerca de dois meses depois: “Por motivo de força maior não mais se realizarão os anunciados bailes deste grêmio, na sede do ‘Está Tudo Certo’” (Alvorada, 01/12/1935, p. 3). Essa fonte confirma também as relações entre os clubes de futebol e os recreativos, pois as sedes destes, muitas vezes abrigam festas daqueles.

Com essas festas, um aspecto importante desses clubes, já pontuado quando da apresentação de cada um deles, se evidencia mais uma vez: a forte relação com o movimento operário, já que boa parte dos bailes são realizados nos salões da Liga Operária. Nota-se também, uma quantidade razoavelmente grande de bailes nas sedes dos clubes sociais/sociedades recreativas, como Depois da Chuva e Está Tudo Certo, reforçando o vínculo dos clubes à comunidade negra.

Nesse sentido, falando ainda sobre os bailes, uma observação importante diz respeito ao papel desempenhado pelas mulheres nesses clubes, quase sempre ligado à organização das festividades. Assim, em 1922, um periódico noticia que um grupo de dedicadas sócias protetoras do G. S. União Democrata fará um baile na noite de 23 do corrente, nos salões da Liga (Rebate, 22/12/1922, APBL).

Alguns clubes, inclusive, criam diretorias de senhoras, como no caso S. C. Juvenil, cuja primeira diretoria de senhoras tomou posse, no salão da Liga Operária, em 1923, depois havendo baile, oferecido a diretoria (Rebate, 22/09/1923, APBL).

Mas infelizmente essa atuação das mulheres é limitada, pois quase sempre elas aparecem nos clubes reproduzindo tarefas realizadas na própria casa, principalmente ao organizar e trabalhar nas festas de confraternização.

No caso do G. S. Luzitano é noticiado que no dia 19 de janeiro o clube realizou sessão de entrega de brindes às tendeiiras da última quermesse, seguindo-se baile depois (OP, 15/01/1929, APBL), o que demonstra certo reconhecimento pelo papel desempenhado por elas no clube.

Em 1934, uma comissão de senhoras promove uma série de quermesses, esportivas e carnavalescas, iniciando dia 7 de junho na sede do Está Tudo Certo, dedicadas a vários clubes (Alvorada, 27/05/1934, APBL). O G. S. Vencedor em março de 1934 divulga que na sede do Chuva, dias 24 e 25, tomarão posse, respectivamente, as novas diretorias deste gremio que tem como presidentes a Sra. Zulmira Barcellos e o Sr. Oswaldo Linhares (Alvorada, 18/03/1934, APBL). Em 1935 o G. E. Vencedor reafirma a existência de uma diretoria de senhoras e realiza dois bailes dias 13 e 14 de janeiro (Alvorada, 06/01/1935, APBL).

Mesmo durante os jogos, as mulheres desempenhavam o papel de fervorosas torcedoras, por vezes cometendo excessos aos olhos de alguns. A coluna Pesquei, famosa por, de forma bem humorada, fazer intrigas em cada número do jornal, criticou a postura de algumas torcedoras:

Pesquei no domingo passado por ocasião do jogo América e Universal, as torcedoras do América estarem torcendo de uma maneira vergonhosa, pois até insultavam as adversárias [...] pesquei ainda outras dizendo que iam dizer para o Zéca, que matasse o Luiz e o Pery e quando o Pery caiu, que levou dum pontapé do F., elas disseram: bem feito, que pena não morrer (Alvorada, 20/07/1919, p. 6).

Ao falar sobre os diversos tipos de clubes e associações negras da primeiras décadas do século XX, Loner (1999, p. 243) explica o papel desempenhado pelas mulheres:

Cimentando todos esses clubes e associações, haviam as mulheres negras, as quais mantiveram associações próprias, diferenciando-se das mulheres brancas, as quais, praticamente, nenhum papel desempenhavam na estrutura associativa de seus clubes. Os clubes negros mais organizados tinham o hábito de manter duas diretorias, uma de homens e uma de mulheres, sem contar que a única entidade beneficente de mulheres que apareceu na pesquisa, aparentava ser formada por mulheres negras. Elas formavam grupos carnavalescos só de mulheres, vinculados ou não a clubes carnavalescos e/ou grupos de torcedoras de times de futebol.

A referida autora ainda comenta que Andrews (1998), em trabalho sobre São Paulo, ressalta o papel econômico fundamental, desempenhado pelas mulheres negras, responsáveis pela sobrevivência do grupo familiar: “a capacidade das mulheres negras para conseguir emprego era quase literalmente um salva-vidas para uma comunidade a qual era negada a maioria dos outros meios de sustento” (Andrews, 1998, p. 116). Mesmo que em Pelotas as chances de trabalhos para homens negros fossem um pouco maiores, mesmo assim essa possibilidade de complementação pode explicar porque naquele período as mulheres negras possuíam maior destaque nas suas instituições se comparadas as brancas:

Na região em estudo, a situação não era equivalente, no sentido que haviam maiores chances de empregos para os homens negros. Contudo, mesmo que a assertiva acima fosse aplicada a um grupo menor de mulheres, na ausência, temporária ou permanente, de um marido ou companheiro, ou quando seu salário era insuficiente, ainda marca uma diferenciação entre a mulher negra e a branca. Essa diferenciação pode estar na origem de uma posição de maior importância da mulher no grupo negro, do que no branco (LONER, 1999, p. 243-244).

Ainda sobre esse papel de integração social desempenhado pelos clubes, algumas comunicações de falecimento demonstram que indivíduos lembrados como jogadores dos clubes negros de futebol, por vezes recebiam certo destaque na imprensa negra, o que confirma alguma popularidade deles na comunidade negra.

Assim, em 1931, A Alvorada (29/11/1931, p. 3) noticia e dá os pêsames pelo falecimento do Sr. José Barcellos (Bitanga), lembrando que ele era “casado com a Sra. d. Zilda Barcellos, e antigo *player* do S. C. Juvenil”.

No ano de 1935, o mesmo jornal noticia dois falecimentos:

Marcelina – Dolorosamente repercutiu em nossos meios sociais, domingo último, a tristíssima notícia do passamento prematuro da estimada senhorinha Marcelina Meireles. [...] Após seu sepultamento, segunda-feira às 10 horas, que teve extraordinário acompanhamento, também compareceram as representações do G. R. Democrático, C. C. Chove Não Molha, S. C. Juvenil e F. N. P.

José Gomes – Após cruel enfermidade sucumbiu quarta-feira o estimado Sr. José Gomes de Oliveira Junior, filho da Exma. Sra. Aurea Oliveira e irmão do Sr. Otávio G. de Oliveira. Foi o finado, jogador e diversas vezes presidente do E. C. Juvenil, por cujo clube jogou por mais de 20 anos. Presidente da Liga José do Patrocínio, muito fez pelo seu progresso (Alvorada, 02/06/1935, p. 3).

No primeiro caso, destaca-se a ênfase dada para o comparecimento do representante do S. C. Juvenil, junto a representantes de outras entidades importantes para a comunidade negra, como do Chove Não Molha e da Frente Negra Pelotense. No segundo, é interessante a importância dada ao falecido, atribuída ao seu envolvimento com o E. C. Juvenil e com a Liga.

A partir de todos os indícios apresentados, é possível perceber que a Liga José do Patrocínio e, principalmente, os clubes de futebol que a compunham, desempenhavam um papel importante na sociabilidade da comunidade negra pelotense.

No entanto, se a atuação da LJP não se restringe ao ambiente esportivo, tampouco se limita a sociabilidade daquela comunidade. Há um terceiro viés para ser estudado.

Nas notícias divulgadas sobre a Liga, é verificado o envolvimento de várias pessoas com a organização da mesma. Embora na grande maioria dos casos estes nomes não tenham fornecido maiores informações, a partir de alguns deles foram obtidos resultados interessantes.

Quando da fundação da LJP, é divulgado que “a Liga escolheu para presidente e 1º secretário, respectivamente, os nossos companheiros de trabalho, Alvaro N. Campos e Armando Vargas, e tesoureiro o nosso amigo Sr. Sylvio Lima” (Alvorada, 22/06/1919, p. 2).

No ano seguinte, em 10 de junho, é empossada a seguinte diretoria:

Pres. Alvaro Campos (reeleito), vice João Moreira Barros; sec: Armando E. Vargas (reeleito); Octaviano Elísio de Alcantara (reeleito); tes. Sylvio Lima (reeleito) e Julio Ribeiro. Delegados: Sport C. América do Sul : Lourival Antonio da Silva; Sport Club Universal João Carvalho; G.S. União Democrata Ladislau Lima; G.S. Vencedor José Joaquim Conceição; S. C. Juvenil Joaquim Dias (Rebate, 05/07/1920, APBL).

Silva (2011) em pesquisa sobre o associativismo negro em Pelotas no pós-abolição, analisou o papel de membros dos clubes sociais negros, articulistas do A Alvorada e militantes da Frente Negra Pelotense.

A autora realizou um mapeamento da rede de irradiação e defesa dos direitos dos negros a partir das lideranças e associações negras existentes no pós-abolição em Pelotas. O resultado demonstra a relevância política das personalidades ligadas a LJP, pois das doze lideranças negras elencadas, três (25%) têm envolvimento direto com a Liga. São elas (SILVA, 2011, p. 8-9):

Armando Vargas

- Jornal A Alvorada: fundador; diretor nas décadas de 1930 e 1940;
- FNP: membro do conselho consultivo;
- Clube Fica Aí: Associado em 1938-1939

[...]

Dario Nunes

- Jornal A Alvorada: fundador; diretor nas décadas de 1930 e 1940;
- Liga de Futebol Independente José do Patrocínio: fundador.
- Clube Fica Aí: Membro da diretoria entre 1938-1943; orador em 1939-1940; organizador do time de futebol do clube, em 1940.

[...]

Joaquim Rollo Sobrinho

- Liga de Futebol Independente José do Patrocínio: fundador.
- Fica Aí: membro do conselho consultivo entre 1938-1939.

Portanto, a primeira das lideranças citadas, Armando Vargas, além das importantes funções desempenhadas junto ao jornal, a FNP e o Fica Aí destacadas pela autora, foi o secretário da Liga José do Patrocínio nas suas duas primeiras edições, conforme citado na página anterior. Por isso, foi quem deu ampla divulgação sobre a fundação da Liga nos periódicos pelotenses, embora somente A Alvorada e O Rebate tenham-no citado diretamente quando divulgaram a criação da LJP.

No caso da segunda liderança, Dario Nunes, ficou bem demonstrada a atuação dele junto ao jornal, a Liga e ao Fica Aí. Além do papel já citado pela autora na fundação da Liga em 1919 e na organização do time do Fica Aí em 1940, apenas

uma terceira atuação dele no futebol pelotense pode ser pontuada: quando da fundação do G. S. Saldanha da Gama em 1932, participou da primeira diretoria do clube como secretário (Libertador, 27/05/1932, APBL). Porém, a falta de outras informações, impediu qualquer tipo de análise sobre a relação desse clube com a comunidade negra pelotense.

Por fim, cabe acentuar que a terceira liderança, Joaquim Rollo Sobrinho, também tem mais uma atuação no futebol pelotense. Em maio de 1927, é noticiada a realização de assembleia geral para eleição nova diretoria e para prestação de contas do S. C. Juvenil, no dia 10, às 21 horas. A publicação termina dizendo que o Presidente atual do clube é Joaquim Rollo Sobrinho e o secretário é Joaquim Dias (Libertador, 07/05/1927, APBL). Portanto, além de ter sido membro do conselho consultivo do Fica Aí e um dos fundadores da Liga José do Patrocínio, ele foi também presidente de um dos principais, e provavelmente o mais antigo, clube negro de futebol da cidade.

Além dessa relação entre as lideranças da Liga e as lideranças políticas negras na cidade, outros dois fenômenos corroboram o papel político da LJP.

A primeira é a visita do escritor José do Patrocínio, filho do líder abolicionista José do Patrocínio, que deu nome a Liga, a cidade em 1926. Sobre o acontecimento, é noticiado que a Liga iria realizar naquela noite manifestação de apreço pela visita do escritor José do Patrocínio. Às 20h30min os manifestantes saíram do 24 de junho, com 2 bandas musicais e iriam até o Hotel Aliança, onde o escritor estava hospedado e depois voltariam à sede, sendo recebidos por comissão e ocorreria sessão solene (Libertador, 05/06/1926, APBL). Depois do ocorrido, na descrição da festa consta que lá estavam as autoridades, que o orador foi Guilherme da Rosa⁶⁷, mas quem falou muito foram vários políticos brancos, um deles o F. L. Osório que saudou a "mãe preta" (Libertador, 07/06/1926, APBL). Apesar dos "políticos brancos" terem aproveitado o momento, foi importante a presença de um orador envolvido com a Liga, que possivelmente não desperdiçou aquele momento para algumas considerações de cunho político.

Mas foi através de um outro episódio, a princípio alheio ao futebol, que esta Liga mostrou cumprir um papel político importante, inclusive militando contra o racismo. A matéria de jornal a seguir trata de um protesto contra um caso de

⁶⁷ Que em 1929 passou a fazer parte da diretoria do S. C. América do Sul, também na função de orador (OP, 02/10/1929, APBL).

preconceito ocorrido no Teatro 7 de Abril e que havia sido denunciado apenas pelo Jornal *O Exemplo*⁶⁸, importante periódico da imprensa negra de Porto Alegre, e tinha sido negado por outro jornal da cidade de Pelotas, o *A Opinião Pública*. O representante da Liga José do Patrocínio, presidente da mesma desde o ano anterior (Libertador, 07/05/1926, APBL), foi o primeiro a assinar a moção⁶⁹ de protesto, o que demonstra que a instituição interferia a favor dos negros, também em outras esferas e não apenas no futebol.

Preconceito de Casta - Moção de solidariedade das Associações e dos homens de cor desta cidade, ao periódico Porto-Alegrense 'O Exemplo'. Nós abaixo firmados declaramos ao público em geral que estamos em plena solidariedade aos artigos publicados no 'O Exemplo', semanário que se edita em Porto Alegre sobre o caso dos preconceitos de raça, existentes no Teatro 7 de Abril. O Vespertino local 'A Opinião Publica', um dos porta-vozes dessa seleção, entretanto, no dia 12 do corrente, teve o desplante de negar a existência do preconceito de cor, da parte da empresa Xavier & Santos e da própria sociedade pelotense; e tudo vem demonstrando o contrário. Pelotas, 12 de Julho de 1927. Jose Antonio Ferreira da Silva, p. Liga de Foot Ball José do Patrocínio; Alcides Silveira, p. Sport C. America do Sul; Antonio Falcão, p. Sport C. Juvenil; Anarolino Candiota, p. G. S. Vencedor; Dorval Rozendo Freitas, p. G. S. Lusitano; Raphael Camillo da Rosa, p. Sport C. Monteiro Lopes⁷⁰; José Maria Falcão, p. Sport C. Universal; Accacio Caldeira, p. Gremio R. 24 de Junho; Domingos Francisco de Assis, presidente do C. C. Depois da Chuva; A. Barreto, C. C. Fica aí pra ir dizendo, Henrique Cancio de Paula, [...] ⁷¹ Firma Reconhecida (O Libertador, 16/07/1927, p. 4).

Além disso, os outros clubes de futebol da comunidade negra, membros da LJP, assinam logo abaixo, antes dos presidentes de clubes culturais. Pode-se relacionar este indicativo de que o futebol também foi um instrumento de organização dos negros naquele período, com as considerações, já citadas nas referências teóricas deste trabalho, sobre o significado social do futebol no Brasil

⁶⁸ Apesar de não ter relação direta com o futebol, sendo tema que poderia possibilitar outro trabalho, o caso então delatado, que ocorria no Teatro 7 de Abril, era o seguinte: "Naquele Teatro trabalha presentemente a 'Companhia Negra de Revistas', pois, justamente nesta ocasião é que figura nos cartazes distribuídos o seguinte: Balcão, na 2ª ordem, **sem distinção de raça ou cor...** 5\$000" (O Exemplo, 03/07/1927, p. 3). A edição seguinte do jornal explica melhor: "Informam notícias de Pelotas que, ali, por ocasião dos espetáculos da 'Companhia Negra de Revistas', o proprietário do 'Teatro 7 de Abril', um estrangeiro, que habitualmente só permite a entrada no seu estabelecimento a pessoas de pele branca, consentiu, excepcionalmente, que as pessoas de cor tivessem também ingresso, com a condição porém de se alojarem separadamente, em localidades de categoria inferior" (O Exemplo, 16/07/1927, p. 1).

⁶⁹ A moção foi divulgada, nos dias seguintes, nas páginas do periódico Porto-Alegrense (O Exemplo, 21/07/1927, p. 1).

⁷⁰ O S. C. Monteiro Lopes, embora não disputasse a LJP, só podia ser negro, pois Monteiro Lopes foi um importante deputado negro carioca. Ele aparece no jornal há muitos anos (Alvorada, 24/8/1913) e tal hipótese se reforça com a assinatura dessa moção contra o preconceito.

⁷¹ Seguem-se algumas dezenas de assinaturas.

feitas por DaMatta (1994, p. 16-17) que ressalta que o futebol foi um importante código de integração social, sobretudo nas primeiras décadas após sua chegada, pois naquele momento o ranço escravocrata e o clientelismo das elites era muito forte. Nesse contexto, um clube servia como uma rara experiência de uma coletividade com a qual os indivíduos podiam se identificar, apoiar/torcer e, eventualmente experimentar vencer. E a vitória era conquistada através de uma disputa em que as duas equipes deviam respeitar regras simples, válidas para todos. Nesse sentido, o futebol proporcionava, sobretudo ao povo pobre, uma espécie de experiência de democracia e organização coletiva.

Além disso, em outros momentos a LJP irá demonstrar que continuou mantendo relações com o referido periódico da capital. Em abril do ano seguinte, a LJP envia um ofício lamentando o desaparecimento de um dos fundadores do jornal, que é divulgado na primeira página do jornal:

[...] Da Liga de Foot Ball José do Patrocínio, de Pelotas, recebemos ofício assim concebido: A Redação do Jornal "O Exemplo" – Porto Alegre. Pelo Presente vimos trazer a redação deste conceituado jornal as nossas sentidas condolências pelo desaparecimento do vosso inesquecível companheiro de trabalho Sr. Marcilio de Freitas, que foi um dos fundadores desse jornal e a quem a nossa Liga muito devia pelas finezas a nós feitas, e sempre pronto a amparar todas as nossas pretensões, outrossim comunicamos que em ata ficou constado um voto de pesar pelo desaparecimento daquele ilustre varão. Aproveitamos o ensejo para apresentarmos os nossos protestos de elevada estima e consideração. Pela Liga de Foot Ball José do Patrocínio. O secretário: João de Araujo Bastos (O Exemplo, 29/04/1928, p. 1)

Após os eventos analisados e lideranças políticas citadas, é possível concluir que realmente, na Pelotas das primeiras décadas do século XX, essa Liga e os clubes de futebol que a compunham, foram um dos instrumentos de sociabilidade e de organização e fortalecimento da comunidade negra da cidade.

Talvez em parte pelas manifestações de inconformidade das entidades e dos grupos negros pelotenses e também, em parte, pelo movimento coordenado de luta contra o racismo em marcha por todo o país, com a proximidade dos anos 30, os negros foram gradualmente sendo mais aceitos nas principais equipes de futebol de Pelotas, que disputavam a Liga Pelotense de Futebol. Esse gradual aumento da presença de afrodescendentes nesses clubes antes exclusivamente das elites, parece ter enfraquecido o papel desempenhado pela Liga José do Patrocínio, embora os clubes que a compunham tenham continuado existindo. Os caminhos

percorridos pelos clubes e pela LJP na década de 1930, momento dessas transformações, será o tema das próximas páginas.

3.3 O fim da Liga José do Patrocínio

No início dos anos 1930, os campeonatos da LJP continuam ocorrendo. Conforme abordado no subcapítulo anterior, o campeão de 1930 foi o S. C. América do Sul e a final de 1931 parecia opor S. C. América do Sul e S. C. Juvenil. Porém mesmo nesses anos, algumas considerações/ressalvas são necessárias. Em 1931, por ocasião do convite para entrega dos títulos de 1930 e da faixa de Miss, o jornal caracteriza a LJP como uma velha entidade esportiva e diz que o pomposo baile foi organizado com muito esforço da diretoria, sinais de que a Liga não está no melhor dos seus momentos:

Liga José do Patrocínio - Muito vem se esforçando a diretoria dessa velha entidade esportiva, para o pomposo baile que realizará na noite de 5 de dezembro, próximo, em um dos salões de nossas sociedades. Por ocasião desse extraordinário baile, será imposta a faixa simbólica a senhorinha Celina Freitas, "Miss Liga José do Patrocínio" e entregue os prêmios aos seus filiados detentores dos títulos de campeões de 1930 (Alvorada, 22/11/1931, p. 2).

Ainda no mesmo ano, no mês seguinte, um convite para torneio chama a atenção:

O grande torneio da Liga José do Patrocínio - Realiza-se hoje, à tarde, no campo do S. C. Pelotas, campeão do Estado, a grande tarde esportiva, organizada pela Liga de Futebol José do Patrocínio, [...] tomarão parte do torneio os seguintes e homogêneos conjuntos: 2º team do S. C. Pelotas, G. S. Ruy Barbosa (líder do campeonato da AEP), G. S. Lealdade, 10 de Junho F. B. C. (composto por jogadores da Liga José do Patrocínio), 2º team do G. S. Ideal, S. C. Vaqueiro, Vasco da Gama F. B. C., G. S. 15 de Novembro (Alvorada, 27/12/1931, p. 3).

Esse torneio da LJP, no campo do S. C. Pelotas, com vários times das outras Ligas (com a ressalva de que os dois times da Liga Pelotense que participaram, S. C. Pelotas e G. S. Ideal, não colocaram seus 1º *teams*) e, entre eles, um composto por jogadores da LJP, claramente é um indício de movimento no sentido da integração entre as Ligas.

Apesar disso, em 1932 a Liga José do Patrocínio segue em plena atividade.

Em março é lançado o edital de inscrição:

Liga de Foot-Ball José do Patrocínio - Edital de Inscrição - De acordo com o Art. 28 da lei que Rege esta Liga, são convidados todos os clubs ou gremios, que queiram participar do presente campeonato, enviarem seus pedidos de inscrição ou seus respectivos representantes. Sede: Rua Marechal Deodoro, nº 563 (Alvorada, 06/03/1932, p. 6).

Outro periódico, noticiou no mês seguinte os primeiros confrontos do campeonato: "inicia-se amanhã, no campo do Ideal, o campeonato de 1932, jogando os seguintes clubes: Democratas X Lusitano; América X Vencedor e Juvenil X Universal" (Libertador, 23/04/1932, APBL). Meses depois, outro jornal destaca os clubes que disputam a Liga, confirmando, conforme verificado na publicação de abril, que se tratavam das mesmas seis tradicionais equipes, "S. C Juvenil, S. C. America do Sul, S. C. Universal, G. S. União Democrata, G. S. Vencedor e G. S. Lusitano" (OP, 06/08/1932, APBL).

A partir deste momento, no entanto, as informações sobre a Liga começam a ficar cada vez mais desconstruídas. Em 1933, a única informação encontrada sobre a Liga, afirma, em maio, que está iniciando seu torneio de 1933 (OP, 22/05/1933, APBL).

Após um 1934 sem notícias encontradas, em março de 1935 é divulgado que "no próximo dia 3 de abril, haverá sessão da Liga José do Patrocínio, na sede do 'Está Tudo Certo'" (Alvorada, 31/03/1935, p. 3). A mesma publicação, comunica o edital de inscrição para a Liga:

Liga de Foot-Ball José do Patrocínio - Edital - De ordem do sr. Presidente interino desta Liga e de conformidade com o Artigo 28 de seus Estatutos, faço ciente a quem interessar possa, que se acham abertas as inscrições para os clubes e gremios candidatos à sua filiação, devendo tais inscrições encerrarem-se no dia 15 de abril próximo. - O secretário ad hoc - Breno Alves dos Santos (Alvorada, 31/03/1935, p. 5).

Apesar disso, mais nenhuma informação é encontrada sobre os jogos ou os clubes que a disputaram. Diante deste silêncio, a opção foi procurar notícias sobre os clubes que, pelo menos até 1932, participavam da Liga.

Nesse sentido, foi possível averiguar que o S. C. Juvenil disputou em 1933 a série B da cidade:

LPAD em 1933: Primeiros quadros, serie A: S. C. Pelotas, G. S. Brasil; C. A. Bancário, G. A. 9º Regimento, G. S. Rui Barbosa; serie B: S. C. Juvenil, S. C. América do Sul, S. C. Vasco da Gama, G. S. Fábrica de Chapéus (OP, 22/05/1933, APBL).

Embora não seja possível confirmar, é provável que o clube não tenha disputado a LJP naquele ano. Em 1934, a informação encontrada é de que o S. C. Juvenil participou de um torneio promovido pela Frente Sindicalista Pelotense em 4 de abril de 1934 (OP, 01/03/1934, APBL):

Torneio da Frente Sindicalista. No campo do SC Pelotas vai ter torneio da Frente. O 1º e 2º lugar ganharão premios pela Casa Pernambucana. Partidas: Vasco da Gama X América do Sul; Bairro Simões Lopes X Juvenil; Fiaterci X lealdade. Depois os vencedores dos jogos acima. Só trinta minutos de jogo (OP, 01/03/1934, APBL).

Mas como se tratou de um torneio de um único dia, isso não teria interferido necessariamente na sua participação em outros campeonatos naquele ano. Além disso, tal torneio demonstra mais uma vez a ligação do clube com os operários, reforçando se tratar de um clube de operários negros e/ou que o movimento negro e o movimento operário estavam articulados na cidade.

Como foi possível perceber nas duas matérias de jornal citadas acima, o S. C. América do Sul também participou da serie B da LPAD em 1933 e do torneio da Frente Sindicalista Pelotense. Portanto, as colocações feitas para S. C. Juvenil, sobre a possibilidade de não ter disputado a LJP e demonstrar mais uma vez que o clube era composto por operários negros, se aplicam também ao S. C. América do Sul.

Informações dos outros clubes relacionadas a ligas ou torneios não foram encontradas, mas os clubes continuam existindo. O G. E. Vencedor, em 1934, comunicou a realização de sessão de diretoria na sede da Frente Sindicalista, Gonçalves Chaves, 852 (ex-sede do Fica Ahí) dia 12 de junho (Alvorada, 10/06/1934, APBL). O S. C. Universal, por sua vez, divulgou a realização de sessão da diretoria dia 2 de abril de 1935 (Alvorada, 24/03/1935, APBL).

No ano de 1935, porém, apesar da divulgação do edital e da sessão da Liga José do Patrocínio nos meses de março e abril, não foi encontrada referência a disputa de nenhuma Liga, seja a LJP ou a série B ou torneio que tinham sido disputados em 1933 e 1934, por parte dos seis clubes.

Em maio, é possível perceber certa apatia pelo futebol de parte da imprensa

negra da cidade⁷², conforme pode-se verificar na publicação:

Quem foi Antônio Baobad⁷³? A geração presente, de sua raça, o desconhece porque está mais persuadida de que o negro vale alguma coisa, presentemente, devido aos seus esforços futebolísticos e carnavalescos... (Alvorada, 05/05/1935, p. 2).

Ou seja, aquela visão, combatida no referencial teórico, que trata o futebol como sinônimo de alienação e que propõe que sua prática não é compatível com reflexão e militância.

Contudo, mesmo o futebol na elite pelotense parece passar por um momento de dúvidas. Ao saudar o título estadual farroupilha do 9º RI, a notícia destaca o clima dos últimos anos:

Pelotas tem merecido e continua merecendo ainda o bom nome que disfruta nos meios esportivos gaúchos e brasileiro devido, principalmente, ao desenvolvimento que entre nós alcançou a prática do futebol e do tênis, seguidas de perto pelo remo, natação e basketball. Verdade seja dita que nestes últimos anos tem-se notado uma espécie de arrefecimento no entusiasmo desportivo por causas que não vem a pelo (sic) citar (DP, 14/03/1935, p. 8).

Mesmo assim, se não foram encontrados registros sobre a disputa de campeonato, uma série de amistosos foram realizados por esses times.

No início de maio o América do Sul faz um amistoso com uma equipe de Rio Grande: “hoje jogarão no campo do S. C. Pelotas, os quadros do S. C. Rio Negro (do Rio Grande) com o S. C. América do Sul” (Alvorada, 05/05/1935, p. 4)⁷⁴.

Aproveitando a data simbólica, até para criticar de forma implícita os negros que não respeitam suas tradições, outro amistoso é divulgado para a semana seguinte, dessa vez envolvendo o Juvenil:

⁷² Postura coerente, já que Rodolfo Xavier, autor do referido comentário, era um importante sindicalista negro, que já havia militado inclusive na Liga junto com os anarquistas, mesmo sendo socialista. Compreensível, portanto, que ele tivesse uma visão de condenação do futebol.

⁷³ Cabe ressaltar a importância de Antônio Baobad para a comunidade negra pelotense, atestada pela sua biografia, de alguém que nasceu escravo, libertou-se e tornou-se líder na defesa dos direitos dos negros e dos operários. Segundo Loner (1999, p. 266-267), ele “nasceu escravo por volta de 1858 e comprou sua liberdade em 1880/81. Estudou na escola da Biblioteca e participou da fundação do Partido Republicano, em 1887, usando o nome Antônio de Oliveira. Desiludido com a República, acercou-se do grupo da Democracia Social, e participou da diretoria de várias associações, como a Feliz Esperança e a Fraternidade Artística, sendo membro da 1ª diretoria do Asilo São Benedito. Foi sócio da Liga Operária e iniciador da União Operária Internacional de 1897 e do Centro Operário 1º de Maio. Chapeleiro de profissão, esteve na comissão de greve dos chapeleiros em 1893 e foi líder da categoria em vários momentos. Professor dos irmãos Penny, fundadores do jornal Alvorada, colaborou neste jornal, falecendo em junho de 1907 com 49 anos de idade”.

⁷⁴ O resultado foi Rio Negro 1 x América 1 (Alvorada, 12/05/1935, p. 3).

Na segunda-feira, 13 de maio, data festiva para todos os negros do Brasil, que respeitam suas tradições, jogarão no campo do Pelotas, o Niteroi F. B. C. (de Bagé)⁷⁵ e o veterano S. C. Juvenil (Alvorada, 05/05/1935, p. 4)⁷⁶.

No final de junho, outro amistoso é divulgado:

América x Juvenil - Provavelmente jogarão domingo próximo, em partida amistosa, estes dois velhos clubes que pretendem com seus prestígios fazer voltar ao meio etíópico, o entusiasmo dos áureos tempos de futebol (Alvorada, 26/05/1935, p. 3).

A intenção do amistoso, de fazer voltar o entusiasmo com o futebol ao meio etíópico, atesta o ambiente esportivo de desinteresse pelo futebol da comunidade negra do período.

Em outubro, o G. S. Vencedor é que viaja para um amistoso: “G. S. Vencedor excursionará dia 13 ao Rio Grande, para disputar uma partida com o coirmão S. C. Rio Negro” (Alvorada, 06/10/1935, p. 2).

Em novembro, é divulgado que o S. C. Juvenil foi o vice-campeão do Torneio do G. S. Tamandaré no domingo último (Alvorada, 03/11/1935, p. 3). Parece se tratar de mais um torneio de um dia, dessa vez organizado por um clube.

Por fim, próximo ao natal de 1935, é noticiada a realização de um baile no Chove Não Molha, no próximo sábado para os “cracks” do G. A. 9º regimento, campeão estadual farroupilha (Alvorada, 22/12/1935, p. 3). A realização de um baile no Chove Não Molha, clube cultural negro, para um clube da LPF poderia ser um sinal de aproximação, mas este caso precisa ser relativizado por se tratar de um time militar, pois os negros há muito estavam presentes entre os brigadianos e militares.

Após 1935, no entanto, a não disponibilidade de algumas fontes dificultou a identificação, se é que ele foi divulgado na imprensa, do fim da Liga José do Patrocínio. A Biblioteca Pública Pelotense não possui as edições do jornal A Alvorada de janeiro de 1936 a novembro de 1946. Para tentar “driblar” essa situação, as fontes disponíveis no Acervo Digital na Hemeroteca da Biblioteca Nacional⁷⁷ foram utilizadas. Apenas algumas edições de abril e maio de 1936 foram

⁷⁵ Este clube provavelmente era de negros, ou de negros e operários. Em Bagé o A Alvorada tinha um bom número de colaboradores.

⁷⁶ O resultado foi Juvenil 4 x 1 Niteroi (Alvorada, 26/05/1935, p. 3).

⁷⁷ <http://bndigital.bn.br/acervodigital>

encontradas, mas a partir delas mais alguns indícios sobre os clubes foram encontrados.

Assim, em abril de 1936, o G. S. Vencedor realiza dois bailes, indicando que o viés de integração social do clube ainda estava em alta:

G. S. Vencedor - Realiza-se nos dias 18 e 19 de Abril, dois grandiosos bailes, o valoroso G. S. Vencedor, os quais estão tendo grande sucesso nos meios sociais. A sede do Depois da Chuva, receberá grande ornamentação. O Jazz que marcará às danças, será formidável (Alvorada 12/04/1936, p. 3).

No mês seguinte, o jornal organizou uma partida, valendo uma taça, entre o S. C. América do Sul e um clube de Bagé:

Taça "A Alvorada" - Reina grande animação para a grandiosa partida de 3 de Maio próximo entre os clubes America do Sul, desta cidade, e o G. S. America, da cidade de Bagé. Por essa ocasião, e em regozijo ao seu 29º aniversário, este semanário oferecerá ao vencedor da partida, a fina e artística "Taça A Alvorada" (Alvorada, 12/04/1936, p. 3).

A mesma publicação, informou também que no último domingo no campo do Gremio Portuguez⁷⁸, realizou-se “uma importante partida amistosa entre as turmas deste, e as do América do Sul. Venceu o Portuguez nos 2º e 1º quadros, respectivamente por 2X0 e 5X1” (Alvorada, 12/04/1936, p. 4).

Voltando ao aspecto da sociabilidade a partir dos clubes, em maio as fotos de duas Misses são divulgadas, a “Srta. Iolanda Melo, Miss do Forte da Graça F. C.” (Alvorada, 05/05/1936, p. 7) e a “Zilda Xavier, Miss do G. S. Vencedor” (Alvorada, 05/05/1936, p. 8).

Por fim, uma última notícia encontrada reforça mais uma vez o aspecto de militância/representação política da Liga José do Patrocínio, além de confirmar a sua existência, pelo menos até 1936:

Frente Negra Pelotense - Grande passeata cívica - Comemorando a data nacional de 13 de maio, a patriótica Frente Negra Pelotense, realizará neste dia, uma imponente passeata cívica para a qual estão sendo convidadas todas as associações locais, para comparecerem a esta manifestação grandiosa. Entre as sociedades que comparecerão, constam-nos as seguintes: Juvenil, América, Vencedor, Universal, Democrata, Lusitano, Chove não molha, Fica ai p'ra ir dizendo, Depois da Chuva, Quem ri de nós

⁷⁸ Este clube também deve ser negro, pois foi paraninfado por um clube negro, já que não teria sentido um time branco fazer tal escolha, pois paraninfar era considerada uma grande honra. Além disso, pode não ter participado da primeira edição da LJP, por ter sido fundado em 8 de novembro de 1920, data encontrada a partir do anúncio da festa de dois anos do clube (Rebate, 07/11/1922, p. 3).

tem paixão, Está tudo Certo, Democrático, Forte da Graça, Liga F. José do Patrocínio, União Beneficente, S. M. União Democrata, e várias outras sociedades, as quais far-se-ão representar com os respectivos estandartes, bandeiras ou símbolos (Alvorada, 05/05/1936, p. 11).

No final da década de 1940, quando o jornal volta a estar disponível,⁷⁹ as notícias sobre futebol já se concentram nos três principais clubes da cidade, G. E. Brasil, S. C. Pelotas e G. A. Farroupilha, nos dois principais da capital, S. C. Internacional e Grêmio F. B. P. A e na Seleção Brasileira (Alvorada, 28/02/1948, p.2).

A edição de 13 de março de 1948 do referido jornal, dá ampla cobertura sobre um clássico Bra-Pel e divulga até o campeonato dos campeões, que iria ser disputado entre Vasco da Gama (RJ) e Colo-Colo (Chile). Em um canto da página, uma referência a um dos clubes que disputava a Liga José do Patrocínio: “Futebol Menor – América do Sul 3 X Liberal 1; Vasco da Gama 3 X F. C. Tecidos 1” (Alvorada, 13/03/1948, p. 6). Tal nomenclatura, confirma a existência de uma nova compreensão sobre o papel das ligas de futebol da cidade, agora separando os “clubes grandes” do “futebol menor”.

Contudo, conforme pontuado no primeiro capítulo deste trabalho, Fraga (2009, p. 173) corretamente adverte que a profissionalização do futebol, realizada, de forma oficial, na década de 1930 no Brasil, apesar de ter contribuído, juntamente com a pressão do movimento negro, para a presença de jogadores negros nos grandes clubes do país, não significou o fim das tensões raciais no futebol brasileiro. E uma notícia divulgada num dos mais tradicionais (elitizados) periódicos da cidade, demonstra essa ambivalência, ao se referir dessa forma aos jogadores negros do G. E. Brasil:

O clube da Rua Aparecida apresentará na próxima temporada uma linha média “colored” – Tavares, ladeado por Negrão e Alvim, formarão a linha intermediária – De acordo com o que nos foi informado por graduado prócer rubro-negro, a linha média da equipe do clube da rua aparecida, na próxima temporada será formada por três “morenos” todos eles bem conhecidos de nosso público (DP, 21/01/1939, p. 5).

Para além dos termos depreciativos utilizados, populares à época, o fato de uma linha intermediária “morena” causar estranheza reflete essa ambiguidade da inclusão do negro no futebol brasileiro. Os erros em campo de jogadores negros muitas vezes ainda hoje são mais criticados que erros de outros jogadores, o que

⁷⁹ Lembrando que foi feita uma busca em outros jornais, mas neste período sem resultado.

atesta não uma total “democracia racial” no futebol mas uma espécie de racismo eventual, que desaparece quando o jogador se destaca, e demonstra vigorar ainda a lógica, evidenciada por DaMatta (apud ABRAHÃO, 2010, p. 381) do “diferente, mas junto”.

Considerações Finais

Na introdução deste trabalho, casos de racismo no futebol atual foram evocados como forma de demonstrar a atualidade do tema. De modo análogo, dois exemplos contribuirão para o entendimento das duas contribuições mais amplas que este trabalho espera ter trazido para a sociedade.

Em 2014, por ocasião da copa do mundo de futebol sediada pelo Brasil e de manifestações políticas que estavam ocorrendo pelo país, *charges* circulavam pelas redes sociais relacionando futebol e alienação. Em uma delas, europeus em uma caravela lançavam uma bola de futebol para brasileiros, representados como “aborígenes”, mas estes ateavam fogo a mesma e a atiravam de volta ao barco. Frente a essa atitude, os “colonizados” do barco lamentavam que já não adiantava mais iludir os brasileiros, desviando para o futebol a atenção deles. Em outras, a frase “enquanto te exploram, tu grita gol”, já utilizada em outras copas, também estava presente. Não está sendo discutido aqui o mérito de tais manifestações. Elas foram trazidas, apenas porque o seu conteúdo, de forma implícita, remete a ideia de que futebol e emancipação/resistência são incompatíveis.

Este tipo de visão, já discutida neste trabalho, está relacionada, do ponto de vista acadêmico, a um tipo de marxismo que privilegiava o aspecto econômico e que entendia que os únicos tipos de organização dos explorados que realmente podiam levar a conquistas frente aos exploradores seriam aquelas diretamente relacionadas ao econômico, como no caso de uma greve de trabalhadores livres, ou uma revolta de escravos, que conseguisse parar a produção por alguns momentos. Portanto, este trabalho buscou refutar tal visão, mostrando que outros espaços e formas de organização também foram utilizados pelos afrodescendentes pelotenses, focando as investigações também na dimensão cultural. Se o futebol em alguns momentos reproduziu, na Liga Pelotense de Futebol, o contexto racista que os negros da cidade diariamente enfrentavam, por outro lado, através da Liga José do Patrocínio e dos clubes que a compunham, a comunidade negra pelotense experimentou um espaço de sociabilidade e organização que contribuiu não somente para o lazer, mas em alguns momentos se envolveu em manifestações mais amplas, contra casos de preconceito racial ocorridos na cidade.

A segunda questão, mais importante que a primeira, por sinal, diz respeito a rejeição que certas políticas afirmativas destinadas aos afrodescendentes tem

sofrido por parte da população brasileira. Não raro, a política de cotas para o ingresso no ensino superior, por exemplo, sofre duras críticas de outros estudantes, brancos, que se sentem injustiçados frente a este tipo de reserva de vaga. Tal postura se baseia na ideia de que todos alunos que concorrem a uma vaga no ensino superior chegam ao exame em igualdade de condições. Deste modo, é possível concluir que tal visão desconsidera/ignora o contexto nacional racista que, no passado e, infelizmente, ainda no presente, condicionou/condiciona as chances de acesso dos afrodescendentes brasileiros à educação e ao mercado de trabalho. Se parte da população é, de fato, contra ações afirmativas por negar ou desconhecer o contexto de discriminação étnica ao qual os negros foram/são submetidos, essa visão se deve em grande parte a ideia errônea, muito veiculada nacionalmente, de que o Brasil é o país da miscigenação e da democracia racial e que aqui, diferentemente de outras nações, a escravidão foi mais branda e, ao seu fim, os negros foram rapidamente integrados à sociedade, convivendo harmoniosamente com os antigos algozes. Portanto, outra contribuição realizada por esta pesquisa foi se contrapor a essa visão, denunciando o contexto racista ao qual os afrodescendentes pelotenses foram submetidos no futebol, e também nas demais atividades sociais da cidade.

Essas podem ser consideradas as duas contribuições sociais deste trabalho. Além disso, resultados ligados diretamente à área de estudos sócio históricos do futebol foram alcançados ao longo da pesquisa, sendo fundamental reafirmá-los. O primeiro deles se refere ao ineditismo da principal temática estudada, a Liga José do Patrocínio. Algumas pesquisas já haviam se debruçado sobre a história do futebol em Pelotas, mas nenhuma com atenção especial para as tensões raciais e o contexto de criação da LJP. Neste caso, desvelar as motivações dos clubes negros de futebol da cidade na criação da Liga, foi uma importante contribuição para a área, indo ao encontro de outros trabalhos que têm denunciado o racismo no futebol brasileiro e, no caso gaúcho, verificado uma peculiaridade: a criação de ligas separadas para os afrodescendentes. Ao observar as articulações da comunidade negra pelotense em torno da Liga José do Patrocínio e de seus clubes de futebol, constataram-se várias questões. Primeiro, saltaram aos olhos as relações desses clubes com outros tipos de entidades. Seja no Jornal *A Alvorada*, nas sociedades musicais, teatrais, culturais, no cinema ou na política, as lideranças desses clubes normalmente eram influentes também nesses outros espaços. E as entidades se

auxiliavam, principalmente financeiramente. Destacam-se o papel de divulgação de atividades desses clubes, promovido pelo referido jornal, e a importância das festividades para a arrecadação de fundos para essas instituições. Neste ponto, um aspecto até certo ponto inesperado chamou a atenção: o papel central das mulheres também nos clubes de futebol. Apesar das equipes de futebol em si, estarem ligadas sempre aos homens, e nas nominatas das diretorias aparecem apenas figuras masculinas, a realidade organizacional dos clubes, encontrada nos jornais, evidenciou o papel central das mulheres para a sobrevivência dos clubes. Várias equipes da Liga José do Patrocínio possuíam uma diretoria de senhoras e, mesmo nos clubes que não tinham, as mulheres sempre apareciam envolvidas na organização de festas, na arrecadação de fundos e na torcida, às vezes até considerada agressiva demais. Outros trabalhos já apontaram a importância da mulher na comunidade negra, possivelmente mais expressiva que no caso da mulher branca, e nesta pesquisa as fontes também indicaram a relevância delas para os clubes.

Foram identificados momentos em que determinados grupos entraram em conflito, basicamente por questões financeiras ou étnicas. Assim, a visão mais elitizada de vários clubes da Liga Pelotense de Futebol entrou em choque, primeiro, com as tentativas de ingresso de clubes da Liga Cassiano do Nascimento, o que ocasionou, algumas vezes a desistência de clubes na participação de edições do campeonato municipal e, em um caso, a ida de um clube para a cidade de Rio Grande, porque lá poderia ser da primeira divisão. Em seguida, no final da década de 1910, novamente esta visão elitista entrou em atrito, dessa vez com a comunidade negra pelotense, que, tendo frustrada a sua intenção de montar uma equipe para disputar a Liga Pelotense de Futebol, precisou buscar uma alternativa à segregação, tendo sido criada a Liga José do Patrocínio.

Outra descoberta interessante diz respeito à trajetória do S. C. Rio Branco, clube que parece ter sido fundado com um caráter elitizado, mas foi se popularizando ao longo dos anos, de modo análogo, guardadas as devidas proporções, ao que aconteceu com o Flamengo, no Rio de Janeiro, e com o Internacional, em Porto Alegre. O clube, apadrinhado pelo S. C. Pelotas e com campo de jogo na Barroso, inicialmente parecia se desligar da LPF sempre que clubes da LCN ingressavam nela, porém já que em 1918 o *Ground* do clube estava localizado dentro do Simões Lopes, bairro constituído basicamente por operários e

negros, e o clube passa a jogar amistosos com clubes da LCN com mais frequência. Na década de 1930, o clube está vinculado à Associação Operária de Futebol.

As relações com clubes, provavelmente negros, de outras cidades do Rio Grande do Sul também ficaram evidentes. Foram encontradas muitas notícias de amistosos dos clubes do LJP com clubes de Bagé, como o União, o Niterói e o América. Também com clubes de Rio Grande, foram disputados amistosos com o 28 de Setembro e o Rio Negro. Com esta cidade, outras relações foram estabelecidas, pois o Colombo F. C., desistiu de jogar na LCN de Pelotas para ir para Rio Grande, pois lá poderia ser de primeira divisão. Outra questão é que em julho de 1919, logo depois da criação da LJP, representantes desta foram à cidade vizinha e estabeleceram acordos com clubes de lá, para a realização de jogos intermunicipais entre clubes da LJP e clubes da cidade de Rio Grande. Todos estes indícios apontam para a criação de uma rede de cooperação entre os clubes negros de futebol dessas cidades.

No caso do futebol operário, somente na década de 1930 aparecem ligas e torneios compostos exclusivamente para clubes assim identificados. Antes, foram encontrados clubes ligados aos operários na Liga Pelotense de Futebol, na Liga Cassiano do Nascimento e na Liga José do Patrocínio. No caso de alguns clubes dessa última liga, foi possível perceber que seus membros de fato transitavam em dois grupos: eram operários e negros. No caso do G. E. Brasil, por exemplo, constatou-se que o clube foi criado em um contexto mais popular que outros clubes da LJP. Sua gênese esteve ligada à trabalhadores, de uma cervejaria, seus primeiros anos atrelados à pequena burguesia e a imigrantes, e a partir da sua segunda e terceira décadas é que afrodescendentes começam a ser integrados de forma significativa ao clube.

Ao abordar as diferenças entre os dois atuais maiores clubes da cidade, G. E. Brasil e E. C. Pelotas, no item 2.3 deste trabalho, uma outra possibilidade interpretativa foi aventada. Embora não deva ser superestimada, a geografia social do futebol na cidade trouxe contribuições interessantes. Apesar de não ser possível atribuir o ingresso precoce, na comparação com o clube rival, de afrodescendentes no G. E. Brasil, somente à localização geográfica dos dois clubes, os locais onde o referido clube mandava seus jogos pareceram estar relacionados ao momento em que jogadores negros ingressaram no seu plantel. Essa pode passar a ser considerada uma razão, dentre tantas outras possíveis, como questões financeiras e

o próprio contexto de criação de cada um dos clubes, para esta diferença entre eles. Infelizmente, o uso desse conceito não pode ser estendido para as demais clubes e ligas estudados nesta pesquisa, porque foram encontradas pouquíssimas informações sobre a localização dos campos de jogo de clubes das outras ligas. É possível supor, portanto, que trabalhos futuros que encontrem/utilizem tais informações possam descobrir novas interpretações acerca da composição étnica/econômica dos clubes e das ligas. O futebol de bairro da cidade, também surge como um espaço em que muitas descobertas poderão ser feitas. Em outras cidades, tal ferramenta também deve contribuir, como já foi feito em relação ao futebol porto-alegrense.

Nos últimos anos, talvez nas duas últimas décadas, os estudos sócio-histórico-culturais do futebol têm se proliferado pelas ambientes de pesquisa, tanto no Brasil, quanto em outros países. O que antes aparecia em algumas pesquisas como algo subjacente, atualmente tem sido o tema central de vários trabalhos, sobretudo devido a fragmentação ocasionada pela 3ª Geração da *Escola dos Annales*. Tal movimento, no sentido da diversificação/ampliação de temáticas de estudo possíveis, deve ser tratado com cuidado. Se qualquer manifestação humana merece ser estudada, é fundamental que se perceba o contexto amplo na qual ela está inserida. O futebol, enquanto manifestação cultural presente na vida da maioria dos brasileiros, não pode ser nem subestimado, nem superestimado. Deve ser tratado como mais uma manifestação cultural, que influencia e é influenciada por aspectos econômicos, políticos e sociais.

Da mesma forma, o pós-abolição, antes tratado como um vazio entre escravidão e trabalhismo, tem crescido sensivelmente nas últimas décadas dentre as opções dos pesquisadores. De modo geral, ao estudar um contexto de transição, em que ex-escravos se inserem, com muita dificuldade, ao mercado de trabalho assalariado, numa competição desleal com a mão-de-obra imigrante, o principal cuidado deve ser a forma de “enxergar” esses indivíduos. Eles não estavam nem em igualdade de condições com o restante da população, nem eram totalmente condicionados pelas dificuldades. Um caminho intermediário, que denuncia o preconceito com que eram recebidos pelos “livres”, mas que, ao mesmo tempo, observa os espaços e as formas de atuação/resistência deles, buscando superar essa realidade, parece ser a melhor alternativa para os estudos da área.

Referências

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. “O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa” – Questões sobre o racismo no futebol brasileiro. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 1-15, 2009.

ABRAHÃO, B. O. de L. *O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

ADORNO, T. W. Tempo Livre. In: *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDREA, C. M. C. de (Org.). *Identidade Xavante: livro oficial do Centenário do Grêmio Esportivo Brasil – 1911-2011*. Pelotas: Ed. Textos, 2011.

ANDREWS, G. R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Baurú: Edusc, 1998.

AL-ALAM, C. C. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.

ALVES, E. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

AMARAL, M. G. *A história do futebol em Pelotas (1901-1941)*. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

BAK, J. Classe, etnicidade e gênero no Brasil: a negociação de identidade dos trabalhadores na greve de 1906 em Porto Alegre. *Métis*, v. 2, n. 4, jul-dez. 2003.

BARBOSA, P. S. M. Memorial Sociedade Musical União Democrata. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOANOVA, A. P. dos S. *Bra-Pel* – Explicitando Rivalidades. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 1997.

BROWN, M.; SEATON, S. *Christmas Truce: Western Front, 1914*. London: Pan, 1984.

BURKE, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a escola dos annales, 1929-1989*. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo: DIFEL, 1962.

DA MATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

DAMO, A. S. *Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Football Porto-Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 1998.

DAVIS, N. Z. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. *Anos 90*, v. 16, n. 30, p. 215-250, dez. 2009.

DORNELLES, J. B. Profissões Exercidas Pelos Negros em Pelotas (1905-1910). *História em Revista*, Pelotas, v.4, 95-138, 1998.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELMIR, C. P. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, 1995.

ESPIG, M. J. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro 1998.

FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FORTES, A. Os “polacos” e os outros. In:_____. *Nós do Quarto Distrito – a classe trabalhadora portoalegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul: EDucs/ANPUHRS, 2004.

FRAGA, G. W. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2009.

FRAGA, G. W. *Branços e Vermelhos: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Dissertação (Mestrado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2004.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. 3. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIULIANOTTI, R.; ARMSTRONG, G. Sport, the Military and Peacekeeping: History and Possibilities, *Third World Quarterly*, 32 (3), p. 379-394, 2010.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre o manipulação da identidade deteriorada*. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, A. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, v. 34, 2004, p. 157-186.

GOMES, F. R. G. *A formação do oásis: dos movimentos fretenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958)*. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, 2008.

GUIMARAES, A. S. A. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

GUIMARAES, A. S.; GUIMARAES, M. S. O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich. CAOS. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 16, 2010.

GUTIERREZ, E. J. B. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Tese de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D, P & A editora, 2005.

HOBBSBAWM, E. *Mundos do trabalho*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

HOBBSBAWN, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOFBAUER, A. *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: São Paulo, Ed. Da UNICAMP, 1992.

LEVI, G. Un Problema de Escala. *Relaciones. Estudios de historia y sociedad*, El Colegio de Michoacán A.C., México, vol. 24, n. 95, p. 279-288, verano, 2003.

LONER, B. A. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Tese de Doutorado em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, v. 1, 1999.

LONER, B. A. Jornais pelotenses diários na República Velha. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 2, n.1, p. 5-34, 1998.

LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas, Ed. Da UFPel, 2010.

LONER, B. A. Trajetórias de setores médios no pós-emancipação: Justo, Serafim e Juvenal. In: XAVIER, R. C. L. (Org.) *Escavidão e liberdade: temas, problemas e perspectivas de análise*. São Paulo: Alameda, 2012.

LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C.; SILVA, F. T. e FORTES, A. (Orgs). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 121-163.

MAGALHÃES, M. O. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPel: Livraria Mundial, 1993.

MASCARENHAS, G. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, G. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). *Anos 90 (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MATTOS, H. M.; RIOS, A. M. O pós- abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, vol. 5, n. 8, Jan-Jun 2004, p. 170-198.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MENEZES, U. T. B. de. Rumo a uma “Historia Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Cauby. *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

MILAN, L. P. *Grêmio Sportivo Ruy Barbosa: do esporte ao familiar*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Licenciatura em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MOURA, R. M. R. de. *Habitação Popular em Pelotas (1880-1950): Entre políticas públicas e investimentos privados*. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

MÜLLER, L. S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre (1889-1920)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, C. R. de. *O negro no futebol paranaense: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942)*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

PEREIRA, L. A. Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro. *Estudos Históricos* (CPDOC), 1996, 10 (19).

PERES, E. “Sob(re) o silêncio das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais”. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 4, 2002, p. 75-102.

PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RAMOS, G. “Linhas Tortas”. In: RAMOS, R. (Org.). *A palavra é futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

RIGO, L. C. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RIGO, L. C. O Porto e a Fronteira: Notas Sobre o Pioneirismo do Futebol do Interior Gaúcho. In: GOELLNER, S. V. MUHLEN, J. C. (Orgs). *Memórias do Esporte e Lazer No Rio Grande do Sul*. Editora da UFRGS. 2012. p. 35- 48.

RIGO, L. C.; TORRANO, C. V. Identidades dos clubes de Futebol: Singularidades do FC Barcelona. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 191-210, jul./set. 2013.

RÜDIGER, F. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1993.

SANTOS, J. A. dos. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Ed. Universitária, 2003.

SANTOS, J. M. C. M. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, J. M. C. M.; DRUMOND, M. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 34, 2012, p. 19-31.

SCHULZE-MARMELING, D. *FC Bayern und seine Juden - Aufstieg und Zerschlagung einer liberalen Fussballkultur*. Göttingen: Die Werkstatt, 2013.
SCHWARCZ, L. M.; QUEIROZ, R. da S. (Orgs.). *Raça e Diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, A. P. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, F. O. da. Associativismo negro em Pelotas no pós-abolição: membros dos clubes sociais negros, articulistas do A Alvorada e militantes da Frente Negra Pelotense (1933-1937). In: *V Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Porto Alegre, 2011.

SILVA, T. T. da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STÉDILE, M. E. A. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2011.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, R. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões*, v. 18, 2006.

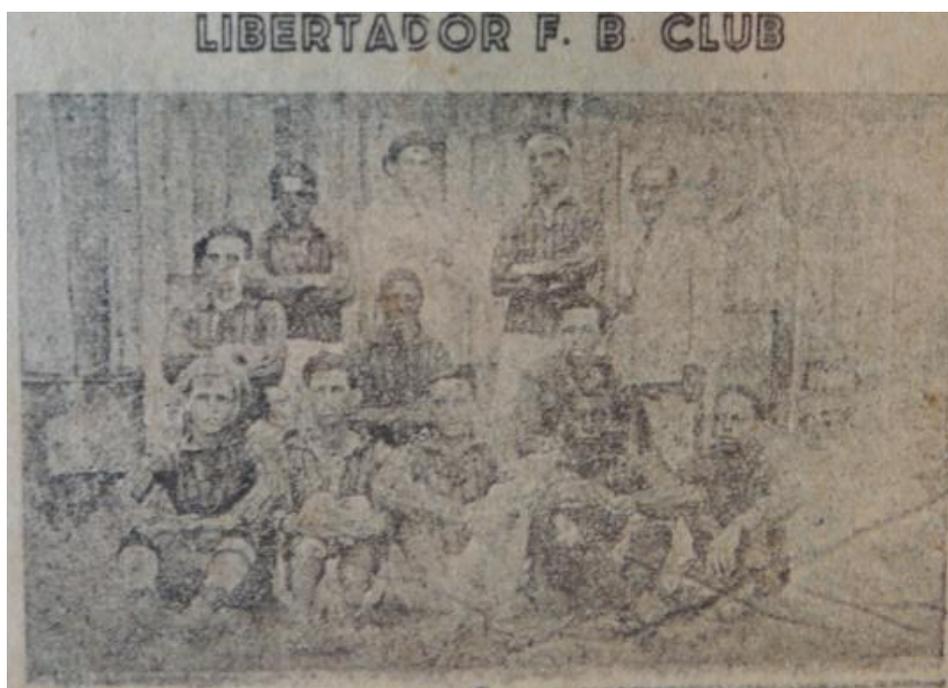
ZUBARAN, M. A. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negra diaspóricas. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, julho de 2008, p. 161-187.

ANEXOS

Anexo A – Outros Clubes de Futebol da Cidade



Concórdia F. B. C. (OP 25/12/1931)⁸⁰.



Libertador F. B. C. (OP, 25/12/1931)

⁸⁰ É de bairro e tem clube recreativo com esse nome. Parece ter mudado o nome, pois o G. S. Concórdia jogou contra o Carioca F. C. (OP, 30/07/1932, APBL) e fez baile em sua sede - av. 20 de setembro nº 684 (OP, 24/06/1933, APBL).



Fura Rede F. B. C. (OP, 25/12/31)⁸¹.



Xarope creosotado F. B. C. (OP, 25/12/31)⁸².

⁸¹ Também parece ter mudado a sigla, pois o G. S. Fura Rede jogou contra o Xarope Creosotado domingo (OP, 30/7/32). Fez baile dia 11, nos salões do Gremio Borges de Medeiros (Libertador 10/6/32, APBL).

⁸² Jogou contra o Estrela e o Fura rede F.B.C. domingo (OP, 30/7/32, APBL).



G. S. Arealense (OP, 25/12/1931)⁸³.



S.C. Gonzaga (OP, 25/12/1931)⁸⁴.

⁸³ É uma sociedade esportiva, que muda para este nome em 26/8/20. Antes chamava-se S. C. Arealense (Rebate 6/9/20). Jogou contra o S. Gonçalo domingo (OP, 30/7/32). Jogou contra o SC Força e Luz, festejando mais um ano de sua fundação. (D.L. 2/8/33) Jogou contra o Cruz de Malta, que excursionou ao areal domingo (DP, 15/1/37, APBL). Na imagem, quase toda equipe é negra.

⁸⁴ Foi empossada dia 12 nova diretoria. O corpo cênico do Gymnasio Gonzaga organizará em breve, um festival de caridade em favor das vítimas das inundações do sul da França (OP, 6/5/30).